



Design Editorial e Interativo aplicado à terapia da fala

<i>Investigadora</i>	Marta Rosmaninho Matias Gândara Filipe
<i>Orientação</i>	Professora Doutora Elisabete de Jesus Rosado Rolo Professora Doutora Susana Martins de Oliveira
<i>Presidente do Júri</i>	Professora Doutora Teresa de Jesus de Olazabal Cabral
<i>Arguente</i>	Professora Doutora Ana Margarida Pessoa Fragoso

DOCUMENTO DEFINITIVO

Projeto Final de Mestrado em Design de Comunicação

Lisboa, outubro de 2020





Design Editorial e Interativo aplicado à terapia da fala

<i>Investigadora</i>	Marta Rosmaninho Matias Gândara Filipe
<i>Orientação</i>	Professora Doutora Elisabete de Jesus Rosado Rolo Professora Doutora Susana Martins de Oliveira
<i>Presidente do Júri</i>	Professora Doutora Teresa de Jesus de Olazabal Cabral
<i>Arguente</i>	Professora Doutora Ana Margarida Pessoa Fragoso

DOCUMENTO DEFINITIVO

Projeto Final de Mestrado em Design de Comunicação

Lisboa, outubro de 2020



À minha Avó Lita

Agradecimentos

Ao longo do desenvolvimento deste projeto tive a oportunidade de contar com a ajuda de algumas pessoas, às quais agradeço profundamente, pois sem elas este trabalho não teria decorrido da mesma forma.

Primeiramente, quero agradecer às minhas orientadoras, professora doutora Elisabete Rolo e professora doutora Susana Oliveira pelo interesse, disponibilidade e por nunca terem desistido mesmo quando tudo lhes parecia impossível. Sem elas esta dissertação não teria sido a mesma.

A todos os professores que acompanharam o meu percurso académico, que me ajudaram, transmitiram conhecimentos e fizeram com que crescesse e descobrisse mais sobre o universo do Design.

Agradeço a todas as terapeutas da fala que entrevistei e que sempre se mostraram disponíveis para me ajudar neste projeto e que me auxiliaram sobretudo com os conteúdos teóricos. Um especial agradecimento à terapeuta Leonor Mineiro Castro por ter iniciado e guiado este projeto comigo.

Ao Centro de Desenvolvimento Infantil *Diferenças* por abrir as suas portas. Ao Centro Social Dr. Francisco Sá Carneiro – Assoalfra e à Escola Básica e Jardim de Infância Cesário Verde por me receberem a fim de assistir às sessões de terapia da fala com as suas crianças.

Agradeço à Garrido Artes Gráficas pela ajuda e paciência na concretização material deste projeto. Foram uma ajuda preciosa.

À ArquitecTuna, a Tuna Académica da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, que me acolheu e ofereceu amizades para a vida.

Agradeço ao meu namorado por todo o incentivo, por todo o apoio no decorrer deste percurso e por nunca me deixar desistir.

Por último, mas talvez o mais importante, agradeço à minha família pelo acompanhamento e por permitir a minha formação. Um especial agradecimento à minha irmã Catarina, pelo apoio constante, pela ajuda ao longo do projeto, pela confiança e por acreditar sempre em mim. À minha avó Alda, a sempre avó *Lita*, que já não está connosco, mas que teve um peso enorme na minha educação. À minha mãe, por ser Pai e Mãe, por me apoiar em todas as decisões e por me dar hipóteses de alcançar os meus objetivos.

Obrigada.

Resumo

A aprendizagem de uma criança em idade pré-escolar é o início de um percurso de aquisição para o sucesso pessoal, escolar e social. Esta fase permite retirar as maiores e melhores vantagens das experiências que o meio proporciona, desenvolvendo, assim, competências linguísticas, vocais, de compreensão e comunicação. Para o bom desenvolvimento, não devem existir lacunas na aquisição da linguagem, da leitura e da escrita. Se estas existirem, a Terapia da Fala pode auxiliar a aprendizagem e a articulação destes elementos essenciais à comunicação e expressão da criança, tratando questões associadas à fala e à linguagem e também questões relacionadas com as funções auditivas, visuais, cognitivas e vocais.

Este projeto final de mestrado partiu deste pressuposto e do objetivo de criar um objeto impresso – um livro infantil interativo – para servir de meio auxiliar da terapia da fala, promovendo a compreensão das competências linguísticas, vocais e de comunicação das crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. Recorreu-se à ilustração e a elementos interativos no sentido de captar a atenção das crianças e de possibilitar um maior interesse e entusiasmo.

Foi utilizada uma metodologia mista não intervencionista e intervencionista de base qualitativa, materializada em pesquisa bibliográfica, análise de casos de estudo, entrevistas exploratórias a especialistas (terapeutas da fala), e desenvolvimento do projeto, por diversas fases, com a respetiva avaliação e iteração.

Com esta investigação, demonstra-se o papel determinante que o design de comunicação pode ter na produção de materiais didáticos para diversas finalidades. O projeto desenvolvido identificou um problema e procurou estabelecer uma metodologia apropriada para o resolver, podendo esta ser replicada e adaptada a outras lacunas semelhantes.

Palavras-chave

Design Editorial ♦ Design de Interação ♦ Livro Infantil Interativo
♦ Terapia da Fala

Abstract

The learning of a child at the pre-school age is the beginning of a path of acquisition for the personal, school and social success. This phase makes it possible to derive the greatest and best advantages from the experiences that the environment provides, thus developing linguistic, vocal, understanding and communication skills.

For the good development, there should be no gaps in the acquisition of language, reading and writing. If these exist, Speech Therapy can help the learning and articulation of these essential elements to the communication and expression of the child, treating issues associated with speech and language and also issues related to auditory, visual, cognitive and vocal functions.

This final master's project started from this assumption and from the objective of creating a printed object – an interactive children's book – to serve as an auxiliary means of speech therapy, promoting the understanding of children's the linguistic, vocal and communication skills between 3 and 6 years old. Illustration and interactive elements were used in order to capture the attention of children and enable greater interest and enthusiasm.

A mixed qualitative non-interventionist and interventionist methodology was used, materialized in bibliographic research, analysis of case studies, exploratory interviews with specialists (speech therapists), and development of the project, through different phases, with the respective evaluation and iteration.

With this investigation, it demonstrates the determining role that communication design can play in the production of teaching materials for different purposes. The developed project identified a problem and sought to establish an appropriate methodology to solve it, which can be replicated and adapted to other similar gaps.

Keywords

Editorial Design ♦ Interaction Design ♦ Interactive Children's Book ♦ Speech Therapy

Acrónimos e Abreviaturas

ASHA: American Speech-Language-Hearing Association

APTF: Associação Portuguesa de Terapeutas da Fala

EUA: Estados Unidos da América

FA-ULisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

TF: Terapia da Fala/Terapeuta da Fala

Glossário

Fonema: Um fonema é uma unidade acústica mas que não é dotada de um significado, ou seja, os fonemas são diferentes sons que produzimos para exprimir sentimentos, ideias e emoções que juntos formam as sílabas e, por sua vez, as palavras.

Fonologia: Fonologia é o domínio linguístico que estuda os fonemas de uma determinada língua.

Ilustração: Imagem utilizada para acompanhar, explicar, interpretar, acrescentar informação, sintetizar ou até simplesmente decorar um texto. Apesar de o termo ser usado frequentemente para se referir a desenhos, pinturas ou colagens, uma fotografia também é uma ilustração.

Patologia: Doença.

Terapia: Meio ou método de tratamento de uma determinada doença ou estado patológico.

Tipografia: Tipografia é a arte e o processo de criação na composição e impressão de um texto física ou digitalmente. Assim como no design gráfico em geral, o objetivo principal da tipografia é dar ordem estrutural e forma à comunicação escrita. A tipografia passou a ser um modo de se referir à gráfica que usa uma prensa de tipos móveis.

Índice Geral

I	Dedicatória
III	Agradecimentos
V	Resumo
VII	Abstract
VIII	Acrónimos e Abreviaturas
IX	Glossário
XIII	Índice de Figuras
XVII	Índice de Tabelas
XVII	Índice de Quadros

Parte I *Introdução*

3	1. Introdução
5	2. Problematização
6	2.1. Questões de Investigação
6	3. Objetivos
6	3.1. Objetivos Gerais
7	3.2. Objetivos Específicos
8	4. Desenho da Investigação

Parte II *Enquadramento Teórico*

14	Capítulo 1 O livro
14	<i>Nota Introdutória</i>
14	1. História do Livro
17	2. Princípios de Design Editorial
17	2.1. Formatos
18	2.2. Capa, contracapa e lombada
18	2.3. Papel
19	2.4. Tipografia
20	2.4.1. Microtipografia, Macrotipografia e Paratipografia
21	2.4.2. Comunicação oral e tipografia
21	2.5. Imagem
22	2.5.1. Ilustração

25	3. O livro Infantil como objeto tátil e didático
26	3.1. O livro Infantil
27	3.2. Interatividade no livro impresso
30	<i>Síntese</i>
31	Referências Bibliográficas
33	Capítulo 2 <i>Terapia da fala</i>
33	<i>Nota Introdutória</i>
33	1. A linguagem na criança
34	1.1. Comunicação, linguagem e fala
35	1.2. Desenvolvimento da linguagem na criança
38	1.3. As perturbações da linguagem na criança
39	1.4. Consciência Fonológica – distinção entre oral e nasal
43	2. Terapia da Fala
43	2.1. Caracterização da Disciplina
43	2.2. O Terapeuta da Fala
45	<i>Síntese</i>
46	Referências Bibliográficas
	Parte III <i>Projeto Prático</i>
51	Capítulo 3 <i>Investigação ativa</i>
51	<i>Argumento</i>
51	1. Entrevistas exploratórias
52	1.1. Observação de campo
54	2. Casos de Estudo
54	2.1. Interação Impressa
55	2.1.1. Caso de estudo 1
57	2.1.2. Caso de estudo 2
58	2.1.3. Caso de estudo 3
60	2.2. Terapia da Fala
60	2.2.1. Caso de estudo 4
62	2.2.2. Caso de estudo 5
63	2.2.3. Caso de estudo 6

65	3. Projeto prático
65	3.1. Estudo Preliminar
66	3.1.1. Público-alvo
67	3.2. Desenvolvimento de Conteúdos
71	3.3. Opções formais e técnicas
72	3.4. Ilustração
74	3.5. Tipografia
75	3.6. Interação e Participação do utilizador
78	4. Avaliação e Iteração
78	4.1. Avaliação por especialistas em Terapia da Fala
79	4.2. Iteração
80	5. Conceção da maquete
81	5.1. Maquete Final

Parte IV *Conclusão e Recomendações*

91	1. Conclusões e Recomendações
93	1.1. Recomendações para Futuras Investigações

Parte V *Elementos Pós-textuais*

97	1. Referências Bibliográficas
100	2. Bibliografia

107 Apêndices

Índice de Figuras

- 10 **Figura 1:** Organograma do Desenho de Investigação
Fonte: Investigadora, 2019
- 13 **Figura 2:** Diagrama de Contextualização Teórica
Fonte: Investigadora, 2019
- 15 **Figura 3:** Detalhe do papiro de Hunefer, c. 1370 aC
Fonte: Meggs & Purvis, 2009, p.31
- 15 **Figura 4:** Johannes Gutenberg
Fonte: Wikipédia, 2020, s.p. Consultado a 2 de setembro de 2020
- 17 **Figura 5:** Secção Áurea
*Fonte: <https://blog.emania.com.br/enquadramento-e-a-composicao-do-quadro/.png>
Consultado a 6 de março de 2019*
- 28 **Figura 6:** Processo do Design de Interação, segundo Bill Verplank
*Fonte: <https://medium.com/@erayalan/what-is-interaction-design-6498d56d08d7>
Consultado a 24 de janeiro de 2018*
- 44 **Figura 7:** Sessão de terapia da fala com a terapeuta Carina Santos na clínica Naturalmed, na Mealhada
Fonte: <http://www.clinicanaturalmed.com/servicos/clinicos/terapia-da-fala/> Consultado a 3 de agosto de 2020
- 53 **Figura 8:** Sessão de terapia da fala assistida na Escola Básica e Jardim de Infância Cesário Verde, em Queijas
Fonte: Investigadora, 2018
- 53 **Figura 9:** Sessão de terapia da fala assistida no Assoalfra – Centro Social Dr. Francisco Sá Carneiro, em Alfragide
Fonte: Investigadora, 2018
- 55 **Figura 10:** Capa do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard Duisit, 2016
- 56 **Figura 11:** Páginas do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard Duisit, 2016

- 56 **Figura 12:** Interação nas páginas do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard Duisit, 2016
- 57 **Figura 13:** Capa do livro *A Caixa*
Fonte: Min Flyte & Rosalind Beardshaw, 2016
- 58 **Figura 14:** Spreads do livro *A Caixa*
Fonte: Min Flyte & Rosalind Beardshaw, 2016
- 58 **Figura 15:** Spreads do livro *A Caixa* – Interação com abas
Fonte: Min Flyte & Rosalind Beardshaw, 2016
- 58 **Figura 16:** Capa do livro *Zoo in my hand*
Fonte: Inkyeong & Sunkyung Kim, 2018
- 59 **Figura 17:** Páginas do livro *Zoo in my hand*
Fonte: Inkyeong & Sunkyung Kim, 2018
- 61 **Figura 18:** Capa do livro *Brincar com os Sons das Vogais*
Fonte: Alice Cardoso, 2017
- 61 **Figura 19:** Spreads do livro *Brincar com os Sons das Vogais*
Fonte: Alice Cardoso, 2017
- 62 **Figura 20:** Capa do livro *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala*
Fonte: Joana Rombert, 2018
- 63 **Figura 21:** Páginas do livro *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala*
Fonte: Joana Rombert, 2018
- 63 **Figura 22:** Capa do livro *Jogos com Sons*
Fonte: Joana Rombert, Leonor Fontes & Mafalda Caeiro, 2014
- 64 **Figura 23:** Capas de dois dos livros da coleção *Papa-Letras, Ouvir, dizer e escrever*
Fonte: Joana Rombert, Leonor Fontes & Mafalda Caeiro, 2004
- 70 **Figura 24:** Primeiros esboços das personagens Ema, Urso e Atum
Fonte: Investigadora, 2018
- 70 **Figura 25:** Esboços das personagens Urso, Hipopótamo e Andorinha
Fonte: Investigadora, 2018

- 71 **Figura 26:** Disposição do texto e das ilustrações na página
Fonte: Investigadora, 2019
- 72 **Figura 27:** Encadernação térmica
Fonte: Investigadora, 2020
- 72 **Figura 28:** Capa dura do livro
Fonte: Investigadora, 2020
- 73 **Figura 29:** Desenhos das personagens Ema e Enguia
Fonte: Investigadora, 2019
- 73 **Figura 30:** Desenhos das personagens Ouriço e Lontra
Fonte: Investigadora, 2019
- 73 **Figura 31:** Desenhos referentes à vogal *o*
Fonte: Investigadora, 2019
- 73 **Figura 32:** Desenhos referentes à vogal *u*
Fonte: Investigadora, 2019
- 73 **Figura 33:** Do desenho manual à edição digital – Ilustrações
referentes à vogal *i*
Fonte: Investigadora, 2019
- 74 **Figura 34:** Cartões da vogal *e*
Fonte: Investigadora, 2020
- 74 **Figura 35:** Cartões da vogal *i*
Fonte: Investigadora, 2020
- 75 **Figura 36:** Fonte *Ayuthaya* em caixa alta
Fonte: Investigadora, 2020
- 75 **Figura 37:** Fonte *Ayuthaya* em caixa baixa
Fonte: Investigadora, 2020
- 75 **Figura 38:** Fonte *Sparkly Hearts*
Fonte: Investigadora, 2020
- 77 **Figura 39:** Flores. Desenho referente à interação para a
história da Abelha e Andorinha
Fonte: Investigadora, 2020
- 77 **Figura 40:** Mochilas. Desenho referente à interação para a
história do Hipopótamo e Índio
Fonte: Investigadora, 2020
- 77 **Figura 41:** Cartões da vogal *i* guardados no envelope
Fonte: Investigadora, 2020

- 80 **Figura 42:** Sopa. Desenho alusivo à interação para a vogal *o*
Fonte: Investigadora, 2020
- 80 **Figura 43:** Sopa. Pormenor da interação para a vogal *o*
Fonte: Investigadora, 2020
- 81 **Figura 44:** Capa
Fonte: Investigadora, 2020
- 81 **Figura 45:** Contracapa
Fonte: Investigadora, 2020
- 81 **Figura 46:** Lombada
Fonte: Investigadora, 2020
- 82 **Figura 47:** Interior da capa e guardas
Fonte: Investigadora, 2020
- 82 **Figura 48:** Spread. História da Abelha e da Andorinha
Fonte: Investigadora, 2020
- 82 **Figura 49:** Spread. Interação das flores – vogal *a*
Fonte: Investigadora, 2020
- 83 **Figura 50:** Spread. História da Ema e da Enguia
Fonte: Investigadora, 2020
- 83 **Figura 51:** Spread. Tarefa com cartões no arbusto – vogal *e*
Fonte: Investigadora, 2020
- 84 **Figura 52:** Spread. História do Hipopótamo e do Índio
Fonte: Investigadora, 2020
- 84 **Figura 53:** Spread. Tarefa com cartões nas mochilas – vogal *i*
Fonte: Investigadora, 2020
- 85 **Figura 54:** Spread. História do Ouriço e da Lontra
Fonte: Investigadora, 2020
- 85 **Figura 55:** Spread. Interação da roda da sopa – vogal *o*
Fonte: Investigadora, 2020
- 86 **Figura 56:** Spread. História do Urso e do Atum
Fonte: Investigadora, 2020
- 86 **Figura 57:** Interação do urso e do atum – vogal *u*
Fonte: Investigadora, 2020
- 87 **Figura 58:** Última página do livro e guarda
Fonte: Investigadora, 2020
- 87 **Figura 59:** Pormenor. Envelope para guardar os cartões da vogal *e*
Fonte: Investigadora, 2020

Índice de Tabelas

- 67 **Tabela 1:** Representação fonética das vogais e identificação dos sons escolhidos
Fonte: Investigadora, 2020. Baseado na tabela da terapeuta da fala Carina Santos, 2020, s.p.
- 69 **Tabela 2:** Tabela de imagens a representar para cada vogal
Fonte: Investigadora, 2019

Índice de Quadros

- 36 **Quadro 1:** Etapas do desenvolvimento da linguagem na criança: Linguagem recetiva
Fonte: Investigadora, 2019. Baseado na tabela de Fátima Andrade, 2012, p.22
- 37 **Quadro 2:** Etapas do desenvolvimento da linguagem na criança: Linguagem expressiva
Fonte: Investigadora, 2019. Baseado na tabela de Fátima Andrade, 2012, p.22
- 76 **Quadro 3:** Quadro de ações
Fonte: Investigadora, 2019



I

Introdução

1. Introdução

A profissão de Terapeuta da Fala (TF) é bastante recente no nosso país e, por isso, pouco estudada no campo da investigação. A esta área estão associadas inúmeras temáticas do âmbito da comunicação, da linguagem, da fala e da escrita. Estas competências são muito naturais e indispensáveis à vida do ser humano. Como refere Fátima Andrade (2012),

A ação comunicacional e as competências da linguagem e da fala, enquanto dimensões específicas do ser humano, são tão naturais à vida e estão tão imbricadas no nosso ser-em-relação que, na maioria das vezes, só damos por elas quando sentimos a sua falta ou quando notamos problemas no seu exercício efetivo.

(Andrade, 2012, p.7)

É a partir deste ponto que surge o âmbito e estudo desta investigação.

O desenvolvimento de perturbações da linguagem na criança é bastante comum e, por vezes, os pais e educadores não estão suficientemente atentos. Aqui nasce o trabalho do técnico responsável pelo tratamento deste tipo de perturbações – o Terapeuta da Fala.

Estas perturbações podem surgir em qualquer idade do indivíduo, desde o recém-nascido ao idoso e, quanto mais cedo forem identificadas, mais simples será de as compreender e tratar.

As crianças detêm uma capacidade maior de aquisição da língua materna, ou seja, é mais fácil e natural aprender a falar e a ler nas primeiras idades do que na idade adulta, o que pode ser comprovado com a dificuldade sentida por estes na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Do ponto de vista social, a criança integra, inicialmente, um grupo restrito da família, passando seguidamente a fazer parte de grupos cada vez maiores o que implica a experiência linguística. As primeiras experiências dizem respeito ao contexto, ou seja, ao aqui e agora. A partir deste momento a criança ouve e fala do que

está a acontecer, começa a adquirir e aumentar o seu vocabulário e a utilizar a linguagem para se expressar e relatar acontecimentos que se passaram ou que possam ocorrer no futuro e é neste momento que se inicia o desenvolvimento da linguagem. (Andrade, 2012) Estes princípios básicos são fundamentais para o bom desenvolvimento da criança, sendo por isso, esta a faixa etária escolhida a abordar durante a presente investigação.

O desafio incide no tratamento de perturbações da linguagem e, sendo esta uma área bastante vasta, focamos uma patologia referente ao âmbito fonológico da criança. Pretende-se, assim, criar um objeto impresso e didático, capaz de entusiasmar e captar a atenção da criança. Os materiais didáticos já existentes no mercado, por vezes, não correspondem ao que é esperado, tanto pelos TF, como pelas crianças e, dentro do âmbito da Terapia da Fala, são várias as patologias que necessitam de material de apoio como meio para o seu tratamento.

A escolha deste tema foi motivada pela falta de existência de material adequado e pensado especificamente para as perturbações da linguagem, da fala e da escrita. O facto de nos encontrarmos num mundo cada vez mais ligado às novas tecnologias faz com que as crianças dos dias de hoje iniciem o seu contacto com as mesmas desde muito cedo e esta é outra das motivações da mestranda – conseguir que o livro impresso se sobreponha, de certo modo, ao universo digital e que este seja um objeto presente no decorrer e desenvolvimento das suas vidas.

2. Problematização

Existe uma necessidade de se saber comunicar adequadamente com as crianças que se encontram a realizar sessões de terapia da fala, mas tão importante quanto isto é dispor do material indicado para o fazer, coisa que nos dias de hoje é difícil, dada a ainda escassa quantidade deste tipo de elementos.

Apesar de existirem diferentes objetos como jogos e livros pensados para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, muitos não são os adequados para tratar questões específicas inseridas no contexto das patologias da terapia da fala. Muitas vezes são os próprios TF que se dedicam a desenvolver e criar objetos que consigam responder a estas necessidades, conseguindo o conteúdo de que precisam, mas sem a forma otimizada, como seria caso fosse um designer a pensar estes projetos.

Por tudo isto, pretende-se criar um objeto que auxilie o tratamento de patologias fonológicas inserido na Terapia da Fala, que permita a compreensão e promoção das competências linguísticas, vocais e de comunicação das crianças.

2.1. Questões de Investigação

- ◆ Como pode o Design de Comunicação contribuir para o tratamento de patologias no âmbito da Terapia da Fala, especificamente na área da fonologia?
- ◆ Como tornar o livro impresso, suficientemente apelativo, cativante e comunicativo para as crianças com patologias da fala?
- ◆ Quais as melhores soluções gráficas, tipográficas e interativas para comunicar a mensagem pretendida?

3. Objetivos

3.1. Objetivos gerais

Com esta investigação pretende-se

- ◆ Desenvolver um projeto de design de livro (impresso), sustentado por uma componente teórica, referente à compreensão das dificuldades das crianças com patologias da fala.

3.2. Objetivos específicos

- ◆ Recolher as principais dificuldades de uma criança com patologias linguísticas, vocais e comunicativas.
- ◆ Analisar os métodos e objetos utilizados para o tratamento de patologias inseridas na Terapia da Fala.
- ◆ Desenvolver um objeto que promova o tratamento deste tipo de patologias fonológicas inseridas na Terapia da Fala.

4. Desenho da Investigação

A presente investigação tem como base uma metodologia de natureza mista assente em métodos intervencionistas e não intervencionistas, de base qualitativa.

Os principais focos deste projeto incidem na exploração da temática da Terapia da Fala e das perturbações a ela associadas e também na exploração da temática do Design de Comunicação, abordando especificamente as áreas do Design Editorial, do Design Interativo e da Ilustração.

Primeiramente, desenvolveu-se uma **revisão literária** em que foram investigados os temas pertinentes ao desenvolvimento do projeto proposto. Estes temas foram sujeitos a uma escolha, a uma seleção de conteúdo, a uma análise e à síntese crítica dos aspetos mais relevantes. Simultaneamente foi efetuada uma **observação direta** centrada no utente da terapia da fala, que permitiu elencar e analisar os materiais e métodos utilizados no processo de tratamento de perturbações do foro da comunicação, linguagem, fala e escrita.

Na **análise de casos de estudo** foram selecionados os casos mais relevantes para esta investigação, tendo sempre como preocupação a relação com as palavras-chave definidas. Neste ponto foi essencial perceber se os livros infantis existentes podem realmente auxiliar o tratamento de determinadas patologias e perceber se existem falhas nestes materiais e o porquê dessas mesmas falhas.

Realizaram-se **entrevistas exploratórias** com vários especialistas da área em questão – Terapeutas da Fala – de modo a compreender quais os pontos e aspetos essenciais a ter em consideração para a criação de um livro infantil interativo que sirva como auxiliar destas terapias.

Com base em todos os conhecimentos adquiridos com todas estas fases da investigação, iniciou-se o projeto de um livro infantil interativo que tem como principal objetivo o auxílio no tratamento de uma determinada perturbação fonológica da linguagem nas crianças. Os resultados das diferentes fases do projeto

foram validados por profissionais da área. Conseguimos, assim, confirmar o argumento apresentado e responder às questões de investigação, de modo a podermos retirar conclusões e oferecer contributos para o conhecimento da temática, bem como a sugerir tópicos para futuras investigações nesta área.

ORGANOGRAMA DO PROCESSO INVESTIGATIVO

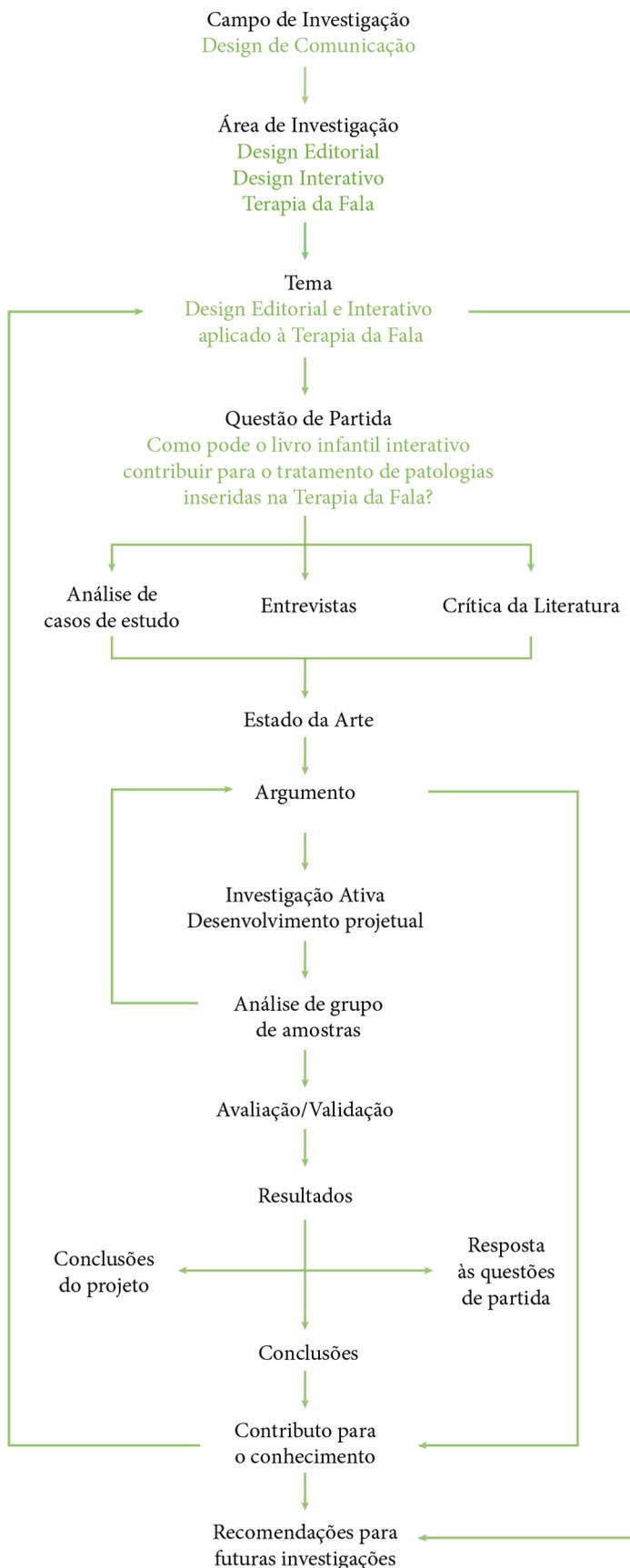


Figura 1.
Organograma do Desenho de
Investigação.
Fonte: Investigadora, 2019

II

Enquadramento Teórico

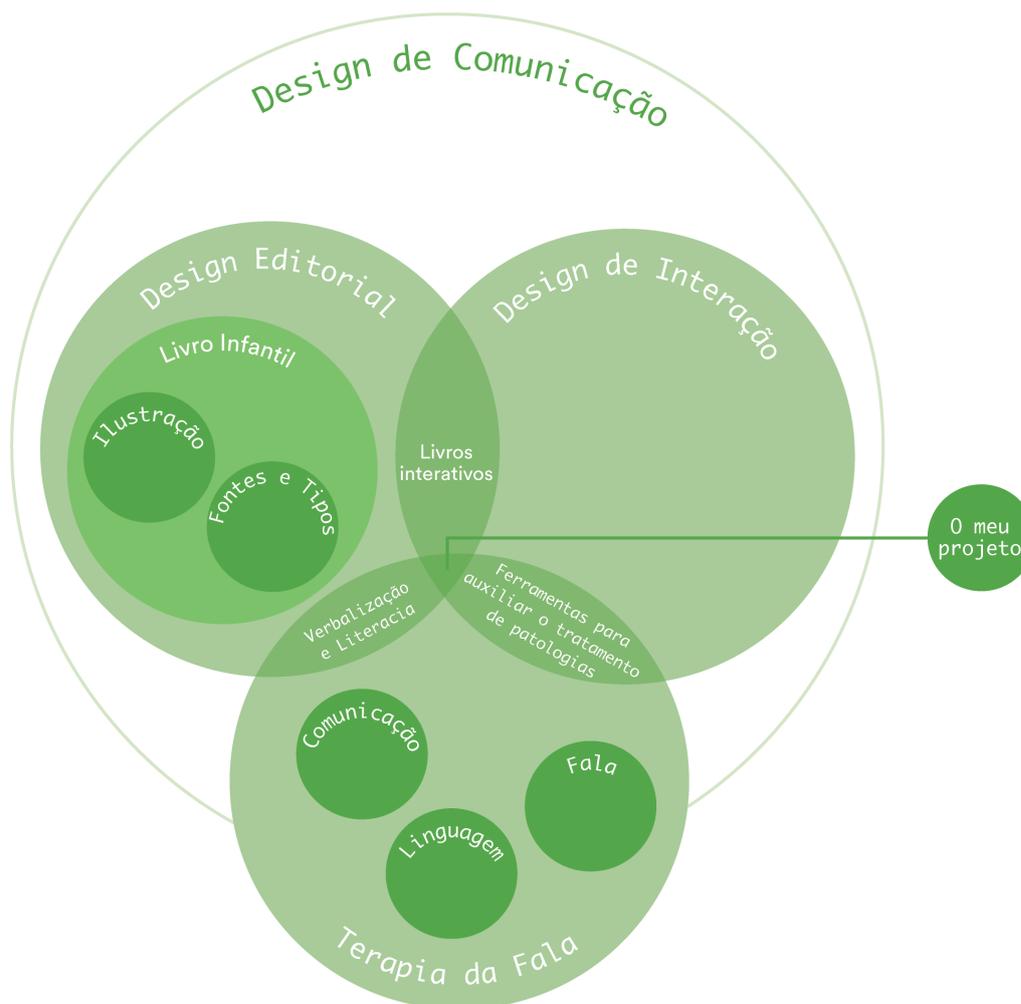


Como apresentado abaixo (Figura 2), deve subsistir uma interseção de diversas áreas de forma a que se relacionem no objetivo de obter as melhores respostas possíveis.

Assim, a interligação entre a esfera da Terapia da fala e a do Design, deve focar-se na compreensão do problema recolhido com o intuito de encontrar uma solução eficaz que gerasse interesse e captasse a atenção dos diversos utilizadores, sendo eles as crianças envolvidas e os terapeutas. Torna-se, assim, de extrema importância que o resultado obtido procure responder e solucionar as necessidades levantadas.

Figura 2.
Diagrama de Contextualização Teórica.

Fonte: Investigadora, 2019



Capítulo 1 O livro

Nota Introdutória

Os tópicos apresentados de seguida constituem uma análise preliminar com o objetivo de sistematizar conhecimentos e estruturar o processo investigativo e, conseqüentemente, definir o projeto prático a desenvolver.

Assim, este primeiro capítulo, inserido no enquadramento teórico da presente investigação, é dedicado a uma breve história referente ao surgimento do Livro e, também, a conceitos a ele respeitantes.

Começamos por abordar, de um modo geral, o aparecimento do livro e a sua evolução até aos dias de hoje. De seguida, centramo-nos nos princípios do Design Editorial, onde falamos de todas as suas componentes, desde os diferentes formatos, ao papel, à tipografia e também à imagem. Por fim, dedicamos a atenção ao tópico relacionado com o livro infantil enquanto objeto, isto é, o modo como o livro é utilizado para auxiliar o desenvolvimento da criança, abordando um tema essencial ao projeto – a interatividade no livro impresso.

1. História do livro

Sem a escrita não haveria história e, por isso, não existiriam livros.

A história do livro estende-se por milhares de anos. Contudo, há décadas que devem ser mencionadas. (Dahl, 1958, p.7)

A invenção da escrita começou quando o homem primitivo produziu a sua marca nas cavernas. Este concebia imagens de animais e pintava-os nas paredes – escrita pictográfica – o que originou a comunicação visual. Estas imagens foram produzidas como

meio de sobrevivência, isto é, era o modo de registar e transmitir as informações.

Na “(...) terra entre os rios (...)” (Meggs & Purvis, 2009, p.20) – Mesopotâmia – surgiu a civilização. Com o abandono da vida nómada este povo estabeleceu a vida aldeã em que os animais começaram a ser domesticados, a agricultura utilizada como meio de sobrevivência e, mais tarde, iniciaram a produção de objetos e ferramentas de cobre mais duráveis. (Meggs & Purvis, 2009, p.20)

Mais tarde, surgiram as primeiras cidades e um notório crescimento da ordem social que até ali não existia. Esta era trouxe muitas invenções, entres elas, a escrita. (Meggs & Purvis, 2009, p.20) A origem da primeira escrita remete para a antiga mesopotâmia onde os sacerdotes possuíam um papel de destaque e uma necessidade extrema de manter os registos e os inventários dos reis. (Meggs & Purvis, 2009, p.21) Muitos anos depois a velocidade da escrita foi aumentando sendo que os egípcios obtiveram forma de desenvolver o papiro, um papel muito idêntico ao utilizado nos manuscritos. (Meggs & Purvis, 2009, p.28) Sabe-se que “os egípcios foram o primeiro povo a produzir manuscritos ilustrados nos quais palavras e figuras combinavam para comunicar informações”. (Meggs & Purvis, 2009, p.30)

A descoberta da impressão foi “(...) um dos principais feitos na história humana (...)” (Meggs & Purvis, 2009, p.55) e permitiu a produção de livros mais eficiente. Na altura, eram utilizados pequenos caracteres cortados que ao serem pressionados produziam uma impressão em baixo-relevo – os tipos móveis. Johannes Gutenberg foi o grande impulsionador dos tipos móveis reutilizáveis que originou a Revolução da Imprensa.

O design gráfico ganha maior destaque com o começo da Revolução Industrial em que a produção das artes gráficas inseriu-se na área fabril, permitindo a evolução crescente de estilos tipográficos e de letras.

A invenção da fotografia trouxe uma mais valia aos documentos uma vez que as informações poderiam ser ilustradas.

Conclui-se que o século XIX foi muito marcante, pois trouxe novas tecnologias e funções para o design gráfico. (Meggs & Purvis, 2009, p.175)

Desta forma, a impressão de livros industrializou a comunicação e a linguagem e tornou-se um processo muito mais rápido e mecânico do que até então era a caligrafia.



Figura 3.
Detalhe do papiro de Hunefer, c. 1370 aC.

Fonte: Meggs & Purvis, 2009, p.31

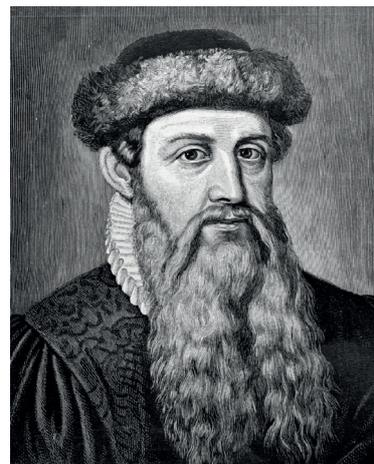


Figura 4.
Johannes Gutenberg.

Fonte: Wikipédia, 2020, s.p.

Consultado a 2 de setembro de 2020

O design editorial é a estrutura pela qual é lida e interpretada uma determinada história. Consiste na arquitetura geral da sua publicação (e a estrutura lógica que implica) e o tratamento específico da história (como ela se desdobra ou desafia essa mesma lógica).¹

(Caldwell & Zappaterra apud Venezky, 2014, p.10)

2. Princípios de Design Editorial

2.1. Formatos

Quando falamos de formatos falamos das proporções de um livro e estas diferem de acordo com a finalidade da obra.

Ao definir o formato do livro é necessário pensar se o seu utilizador é um adulto ou uma criança, uma vez que o tamanho médio da mão é consideravelmente distinto. O livro tem que proporcionar uma certa comodidade, não deve ser demasiado pesado nem demasiado grande, pois, caso isso aconteça, torna-se impossível de transportar. Segundo Tschichold (1975), existem duas grandes categorias de livros, “(...) os que pomos em cima de uma mesa para estudo sério e os que lemos reclinados numa cadeira (...)” (Tschichold, 1975, p. 61)

Se aprofundarmos esta questão, é importante compreender que as páginas dos livros devem obedecer a proporções que equilibrem as dimensões da altura e da largura. Neste contexto, a secção áurea, que se conhece desde a antiguidade clássica, é sempre bastante mencionada como uma referência a considerar.

Outro aspeto fundamental na definição do formato de um livro é a gestão dos materiais. Não nos podemos esquecer dos aspetos económicos da produção e, para tal, temos que conhecer bem os formatos das folhas de impressão e otimizar o formato do livro, de modo a que possamos imprimir os cadernos sem grande desperdício de papel.

¹ *Editorial design is the framework through which a given story is read and interpreted. It consists of both the overall architecture of the publication (and the logical structure that it implies) and the specific treatment of the story (as it bends or even defies that very logic).*

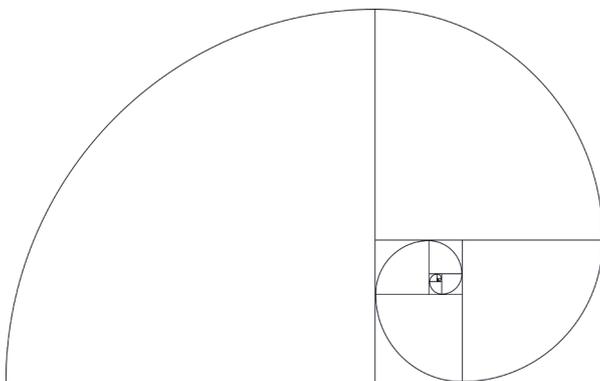


Figura 5.
Secção Áurea.

Fonte: <https://blog.emania.com.br/enquadramento-e-a-composicao-do-quadro/png>
Consultado a 6 de março de 2019

2.2. Capa, contracapa e lombada

Designamos de capa de livro a folha que envolve o seu miolo. A capa frontal é como se fosse a “face” do livro uma vez que é a primeira coisa que vemos quando olhamos para este objeto. Deve destacar-se e fazer com que o utilizador gostasse de o ter, “tem de ser marcante destacar-se da multidão, atraindo o leitor para ela (...)”². (Caldwell e Zappaterra, 2014, p. 44)

² *It has to be striking and stand out from the crowd, drawing the reader to it rather than to its competitors.*

Para conceber uma boa capa deve procurar-se obter um equilíbrio entre o seu texto (por norma, o título e subtítulo do livro, o seu autor e a editora) e o que a própria capa representa.

A contracapa de um livro é a parte de trás do livro, como se fossem as suas “costas”. Neste encontram-se, frequentemente, pequenas sinopses referentes ao conteúdo do livro. A contracapa pode ser, também, a continuação gráfica da capa.

A lombada é também um elemento essencial de um livro. Para além de ligar todas as folhas é ela que se destaca quando o livro fica armazenado na prateleira. Assim, deve conter as informações necessárias à identificação do livro, como o seu título, autor e editora.

2.3. Papel

A escolha do papel a utilizar na produção de um livro é de extrema importância. Existem papéis mais finos que conferem mais transparência e geram maior dificuldade na visibilidade e leitura e também papéis mais grossos, com maior gramagem, e portanto, com maior opacidade e consistência.

Quando escolhemos um papel para um livro é necessário compreender qual vai ser o seu conteúdo, o seu utilizador, o seu fim, a sua encadernação, sem esquecer as restrições (ou as folgas) orçamentais. Se pensarmos em livros de leitura extensa, como romances, deveremos escolher um papel mais amarelado e fino, pois conferirá conforto à leitura e fará com que o livro se torne menos pesado e de fácil manuseio. Se falarmos de manuais escolares devemos de ter em atenção que não deve ser utilizado um papel nem com uma gramagem demasiado alta, nem demasiado baixa. Neste

caso, tanto a resistência do papel como o seu peso são fatores muito relevantes, uma vez que a criança terá de manusear as folhas variadas vezes e transportar o seu manual diariamente.

Do mesmo modo, para a elaboração de um livro infantil, também há que ter em consideração o tipo de papel (ou outro material) a utilizar. Se é um livro para crianças em primeira idade (1 a 3 anos) é importante compreender que o material deve ser mais duro, mais forte, mais resistente e com maior durabilidade. Se for um livro para uma idade pré-escolar já existe uma maior oferta na escolha do papel a utilizar. Se pensarmos em livros-objetos e didáticos, que conferem algum tipo de interatividade, devemos refletir sobre as interatividades a ele associadas e usar um papel com maior gramagem, tornando-se mais forte e mais durável.

2.4. Tipografia

A tipografia é o ofício que dá forma visível e durável – e portanto existência independente – à linguagem humana.

(Bringinghurst, 2005, p.17)

Não é possível trabalhar em design gráfico sem trabalhar com a tipografia.

A tipografia permite compreender os significados de um determinado texto e uma das suas características é a durabilidade – “A melhor tipografia é uma forma visual de linguagem que liga a atemporalidade ao tempo”. (Bringinghurst, 2005, p.23)

A tipografia está em todo o lado, é omnipresente e inevitável. Desde a sinalética presente nas ruas, à publicidade, ou até mesmo na caixa dos cereais que comemos ao pequeno-almoço. Mas e se vivêssemos num mundo onde não existisse tipografia? Como saberíamos o que contêm os alimentos que comemos? Ou para onde nos dirigiríamos numa cidade que não conhecemos? A tipografia é essencial para a comunicação, perceção e informação das pessoas.

³ (...) *it can walk, run, skip, jump, climb, and dance.*

Os tipos têm os seus diferentes usos práticos – “(...) podem caminhar, correr, pular, escalar e dançar.”³ (Spiekermann & Ginger, 1993, p. 45) Também podem expressar emoções – podem ser leves, pesados, redondos ou quadrados, que transmitem determinados estados de espírito, emoções e sentimentos.

Organizar letras numa página – ou tela – em branco é o desafio mais básico de um designer.

(Lupton, 2006, p. 7)

Para estruturar uma página e um texto é necessário pensar que fonte devemos usar, qual o seu tamanho, como alinhar, spacejar e ordenar as letras, as palavras e os parágrafos. (Lupton, 2006)

O tamanho da letra deve ser de fácil leitura e, para isso, deve ter-se em conta o tipo de letra mais apropriado. Quando nos referimos ao espaço entre palavras, este deve ser maior num livro para crianças do que num livro pensado para um adulto, assim como a entrelinha das frases. É indispensável uma forte coerência no entrelinhamento, pois se este for muito apertado fará com que o leitor se perca mais facilmente, e se for demasiado afastado, criará uma distração da leitura. (Kane, 2012) Relativamente ao texto, a mudança de linha deve ser cuidadosamente pensada de maneira a não provocar uma quebra na leitura e no pensamento.

2.4.1. Microtipografia, macrotipografia e paratipografia

No âmbito da tipografia existem variáveis que influenciam a legibilidade e a leiturabilidade. Existem, assim, três elementos importantes a referir – a microtipografia, macrotipografia e paratipografia.

A microtipografia relaciona-se com os constituintes e sinais gráficos individuais, como o desenho e detalhe das letras, espaço entre elas, tamanho, estilo, cor, palavras, linhas, entrelinhas. Quando falamos de macrotipografia falamos num espaço mais abrangente, englobando as colunas de texto, o seu formato, tamanho e posição; hierarquia de conteúdos, desde títulos a legendas. (Rolo, 2017)

A paratipografia está relacionada com “(...) os materiais, instrumentos e técnicas de produção” dos objetos gráficos. (Woloszyn e Gonçalves, 2018) A qualidade do material, espessura, formato e superfície, quer seja papel ou outro tipo de suporte, e as práticas de reprodução (tecnologia e meio utilizados para a produção – fotocópia, impressão, laser, jato de tinta), são elementos inseridos neste âmbito. (Brisolara, 2009)

2.4.2. Comunicação oral e tipografia

Falar é uma atividade informal e descontraída, dado implicar pouca ou nenhuma ênfase no uso correto da língua.

(Jury, 2007, p.18)

Falar é uma atividade interativa que inclui interjeições, reações, gestos e expressões faciais que possibilitam a reformulação e a repetição quando se elabora um discurso. O ato de escrever obedece a uma regra mais formal, sendo que necessita do uso correto da língua. Enquanto que na comunicação oral é facilmente entendido se uma frase é compreendida através de reações verbais ou mesmo visuais, na comunicação escrita há que pensar cuidadosamente e formular o texto, de maneira a fazer-se entender o que de facto se quer transmitir. (Jury, 2007)

A comunicação oral, isto é, a fala, é o principal meio de comunicação de todas as sociedades e nações. O discurso oral tem um papel fundamental “(...) em todas as áreas da educação e no armazenamento da informação (...)” (Jury, 2007, p.18)

2.5. Imagem

Para além do texto, também a imagem é um elemento muito importante no objeto gráfico, pois também ela pode contar uma história. O designer deve compreender como é que uma imagem pode comunicar com o seu leitor e avaliar as emoções que nele provoca.

Quando nos referimos ao livro infantil, automaticamente surge a ideia de que é um livro lotado de imagens, mas não se pode generalizar deste modo. Noutros tempos a imagem era utilizada como um complemento do texto tornando-se quase como que um elemento decorativo na página. Atualmente a abordagem do designer prende-se com o acrescentar algo mais ao texto e não representar o que as palavras nos dizem. É importante conseguir que o leitor imagine para além do previsível e que conheça novas formas de avaliar e interpretar a informação que lhe é transmitida.

Na presente investigação, a imagem funciona como um elemento didático e muito mais apelativo para o público infantil, sendo que ao utilizar a imagem deste modo consegue-se uma melhor transmissão da mensagem e da ideia geral do texto, gerando uma maior facilidade de aprendizagem e compreensão.

2.5.1. Ilustração

Muita gente pensa que as crianças têm uma grande fantasia porque vêm nos seus desenhos ou ouvem no que elas dizem coisas fora da realidade. Ou então acreditam na grande fantasia das crianças porque eles, os adultos, estão de tal modo condicionados e bloqueados que nunca poderão pensar em coisas semelhantes.

(Munari, 1987,p.32)

O principal objetivo da ilustração é comunicar um determinado significado e transmitir uma determinada mensagem. As ilustrações infantis pretendem cativar, aliciar e atrair a atenção das crianças para o universo dos livros, da literatura.

A ilustração permite a formação visual da criança de maneira a que esta consiga reconhecer diferenças e que saiba dialogar. A partir da observação e da análise é possível desenvolver uma perceção visual que promova uma experiência através da cor, da forma e dos seus significados, pois o papel da ilustração infantil “(...) não é meramente decorativo, mas sobretudo didático e pedagógico.” (Faria & Perição, 2008, p.637)

É fundamental pensar no fator cor, pois este é um elemento essencial para o sucesso de um livro infantil.

A ilustração deve acompanhar a faixa etária de acordo com o desenvolvimento psíquico e motor da criança. Assim, quanto menor for a idade da criança, mais imagens terá, e quanto maior a sua idade, mais texto e menos imagens conterà. Podemos, assim, afirmar que “(...) a ilustração é uma forma pedagógica de acesso à narrativa.” (Ribeiro, 2011, p.22)

As imagens e ilustrações detêm um enorme potencial graças à sua linguagem, que pode ser entendida em todo o lado. As ilustrações determinam um elo de ligação entre o texto e o leitor, daí terem várias funções de acordo com as diversas interpretações:

Função informativa: a imagem oferece informações concretas de acontecimentos e elementos da realidade;

Função representativa: a imagem imita exatamente o que refere;

Função explicativa: a imagem explica a realidade;

Função descritiva: a imagem detalha a realidade;

Função argumentativa: a imagem influencia os comportamentos;

Função conotativa: a imagem tenta provocar estímulos;

Função crítica: a imagem visa a satisfação do belo;

Função simbólica: a imagem proporciona significados sobrepostos à realidade;

Função narrativa: a imagem conta histórias, o que está a ser narrado;

Função expressiva: a imagem revela sentimentos, emoções e valores do autor;

Função lúdica: a imagem está direcionada para o jogo, o entretenimento;

Função metalinguística: a imagem interessa-se pelo código visual;

Função constatativa: a imagem influencia o leitor.

Livro: um suporte portátil que consiste de uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço.

(Haslam, 2006, p.9)

3. O livro infantil como objeto tátil e didático

O livro é um objeto que faz parte do nosso quotidiano. “(...) é o modo de apresentação do pensamento sob a forma de escrita (...)” (Faria & Perição, 2008, p.7) que se inicia no preciso momento em que vivemos e começamos a registar acontecimentos.

O livro-objeto autodefine-se quase como um espaço habitacional, diferencia-se por uma sugestão física e permite uma experiência visual e tátil ao leitor.

Todas as pessoas compreendem o significado da palavra livro, mas as suas propriedades não podem ser definidas sem uma correta especificação. Existem livros de leitura sequencial, como romances, poesia ou teatro; livros de obras de referência – manuais, dicionários, catálogos; livros digitais, ou seja, livros em formato digital que podem ser lidos através equipamentos electrónicos, como o computador, o *tablet*, ou o *smartphone*; livros de arte, são livros que abordam toda a temática da arte, desde técnicas a movimentos artísticos e, também, livros *pop-up*, que são livros em que as suas páginas parecem “saltar” para fora, criando janelas de leitura inesperadas.

O design editorial de um livro influencia a forma como o lemos e interpretamos. O livro-objeto, direccionado para um público infantil, deve ser envolvente na medida em que convida a explorar os diversos espaços de leitura, através da manipulação, tornando-se, assim, ativo. (Romani e Mazzilli, 2012) Segundo Romani e Mazzilli (2012) o livro-objeto infantil é um exemplo significativo de experimentações gráficas associadas a mecanismos lúdicos, tal como jogos de imagens, *pop-ups*, recortes. (Romani e Mazzilli, 2012) Os jogos, presentes neste tipo de livros, promovem a manipulação, a exploração, a criatividade e a perceção do leitor, neste caso, da criança. Só assim é possível diferenciar um livro tradicional de um livro-objeto, sendo que este último contém ferramentas lúdicas que promovem o saudável desenvolvimento cognitivo da criança.

3.1. O livro infantil

Livros ilustrados, álbuns, livros-jogos, livros-brinquedos, histórias (só) visuais, livros-objetos, pop-ups, livros interativos e livros-livros enchem, nas livrarias e nas grandes superfícies, os espaços cada vez mais alargados dedicados ao público infantojuvenil. O livro infantil está diferente, mas continua a ser um bom primeiro olhar sobre o mundo.

(Pimenta, 2015, s.p.)

O livro infantil tem vindo a ser cada vez mais reconhecido como impulsionador da literatura infantil. Constitui o primeiro grande contacto que as crianças têm com as letras, as palavras, as frases e os textos, e portanto, este objeto proporciona a este público um estímulo e uma possibilidade de dar sentido àquilo que lê.

Um livro de literatura infantil deve atender aos interesses e expectativas dos mais pequenos, sendo que as linguagens verbais e visuais nele presentes precisam de se adequar às experiências das crianças. (Cademartori, s.d.) Quando se pensa em livros infantis surgem substantivos como a imaginação e a criatividade, pois são estas as principais áreas que se devem estimular num livro para crianças. Este objeto é, sem dúvida, um instrumento essencial para a aquisição de novos conhecimentos e para o bom desenvolvimento cognitivo e visual da criança.

As tipologias dos livros infantis variam consoante a faixa etária da criança. Há sobretudo uma diferença entre as crianças que ainda não dominam a leitura, nas idades consideradas pré-escolares, e aquelas que já a dominam e que se designam por crianças em idade escolar.

Se nos referimos ao livro destinado a crianças em idade pré-escolar, ou seja, crianças que ainda não estão familiarizadas com a leitura, este, geralmente, apresenta dimensões maiores e uma quantidade significativa de imagens. A cor também é um elemento fundamental, para o tornar visualmente mais apelativo. O texto que contém é em menor quantidade e de simples compreensão.

Relativamente ao livro destinado a crianças em idade escolar, que já dominam e compreendem a leitura, este apresenta dimen-

sões menores, com imagens que obedecem a um outro tipo de critério, acompanhando apenas os textos, possuindo estes últimos uma mancha maior.

3.2. Interatividade no livro impresso

O design de interação é uma área do design especializada em artefactos interativos, como por exemplo, *websites*, jogos e *softwares*. Para além disto, é também a “maneira como um produto proporciona ações em conjunto entre pessoas e sistemas.” (Amstel, 2006, s.p.)

É com base na observação e testes de experiências com utilizadores que esta área desenvolve projetos a partir da aplicação de conceitos construídos, sendo que o seu objetivo é melhorar a experiência entre o homem e o objeto e proporcionar um impacto positivo na sociedade e qualidade de vida dos utilizadores. A experiência interativa no utilizador determina o sucesso de um determinado objeto/produto.

Para a criação de interação é essencial seguir um determinado número de passos, sendo eles descritos por Moggridge (2007):

*Primeiro, os designers são motivados por um erro ou inspirados por uma ideia e decidem qual deve ser o objetivo ideal para o projeto. Seguidamente, encontram uma metáfora que relaciona a motivação com o objetivo final e desenvolvem vários cenários para ajudá-los a criar um significado. De seguida desenvolvem passo-a-passo, as tarefas e encontram um modelo conceptual que reúna tudo e esclareça os modos. Finalmente decidem que tipo de apresentação é necessária, quais os controlos e como organizá-los.*⁴

(Moggridge, 2007, p.130)

⁴ *First, the designers are motivated by an error or inspired by an idea and decide what the ideal goal for the design should be. Next they find a metaphor that connects the motivation to the end goal and develop scenarios to help them create meaning. Then they work out step-by-step what the tasks are and find a conceptual model that ties them all together and clarifies the modes. Finally they decide what kind of display is needed, what the controls are, and how to arrange them.*

Enquanto que a interação se refere às relações humanas, a interatividade diz respeito à relação que o homem estabelece com a máquina, objeto. As autoras Faria e Perição (2008) definem interação como “qualquer efeito de um componente sobre o outro.” (Faria & Perição, 2008, p.680)

A relação entre duas partes de um determinado acontecimento descreve a interação, e esta relação implica, essencialmente, o tempo e o espaço, uma vez que uma interação envolve ações e reações do corpo humano com o mundo, estando implicitamente incluído o ambiente onde estas ocorrem. (Heeter, 2000)

Para Frascara (2004), a interação é a nossa maneira de lidar com os objetos, com acontecimentos, com a informação e é algo indispensável para a comunicação. “Viver é interagir.”⁵ (Frascara, 2004, p.173)

⁵ *To live is to interact.*

Quando falamos de interatividade falamos de trocas e transmissões de mensagens. A interatividade é definida como a transmissão entre duas partes, em que a mensagem emitida está relacionada com a anterior. (Rafaeli, 1988)

Por outro lado, o conceito de interatividade também pode estar relacionado com a relação do ser humano com o meio em que está envolvido. (Richards, 2005)

Figura 6.

Processo do Design de Interação, segundo Bill Verplank.

Fonte: <https://medium.com/@erayalan/what-is-interaction-design-6498d56d08d7>

Consultado a 24 de janeiro de 2018



Um livro interativo é aquele que proporciona ao leitor uma determinada interação, isto é, possibilita ao leitor a realização de alguma ação ou atividade para além da leitura em si.

O trabalho do designer pode agora expandir-se para outras formas de abordagem e criar novos modos e experiências de leitura ao leitor. Enquanto que no livro convencional apenas é utilizado o sentido da visão, neste tipo de livros – interativos – o designer pode gerar novos recursos e proporcionar ao leitor o uso de outros sentidos como o tato, o que possibilitará uma melhor compreensão da mensagem que se pretende transmitir.

Se é possível converter em digital um objeto impresso, também se prevê que o contrário aconteça, isto é, transportar para o meio

impresso elementos interativos que existam no meio digital.

Quando nos referimos a elementos interativos num contexto tecnológico digital, referimo-nos, por exemplo, ao ato de clicar ou arrastar. Se quisermos transportar estes elementos para o design gráfico e editorial, serão por exemplo ações de folheatura das páginas, a sequência da leitura, o manuseamento dos materiais, dobras e cortes.

Síntese

O design editorial engloba diversos aspetos relevantes para o projeto. Tanto o formato, como o papel, a tipografia e a imagem formam um livro e foi de todo o interesse perceber como estes elementos se interligam e atuam entre si.

A ilustração torna-se um aliado essencial ao texto que um livro apresenta e, quando se trata de livros infantis reconsidera-se ainda mais relevante. O seu grande objetivo alia-se à transmissão de uma determinada mensagem tentando proporcionar ao leitor um universo de sentidos, cativando, atraindo e captando a atenção para o conteúdo que é exposto no livro. A ilustração trata-se de um aspeto de extrema importância no que toca à formação visual da criança.

O livro interativo impresso destaca-se por ser um livro diferente ao livro que nos acostumámos desde sempre. Este tipo de livros proporciona ao leitor uma certa interação para além da leitura habitual. Aqui, o designer consegue criar novas experiências ao utilizador, como descobrir que para além da visão é possível recorrer a outros sentidos, como o tato.

Referências Bibliográficas

AMSTEL, F. (2006). *Afinal, o que é o Design de Interação?* [Online] http://www.usabilidoido.com.br/afinal_o_que_e_design_de_interacao.html

BRINGHURST, R. (2005). *Elementos do Estilo Tipográfico* (versão 3). Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *The Elements of Typographic Style*, 1992]

BRISOLARA, D. (2009). *Proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica.* InfoDesign Revists Brasileira de Design da Informação.

CADEMARTORI, L. (s.d.). *Literatura Infantil.* [Online] <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>

CALDWELL, C, ZAPPATERRA, Y. (2014). *Editorial Design – Digital and Print.* London. Laurence King Publishing Ltd.

FARIA, M I, PERIÇÃO, M G. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico.* Almedina, Coimbra.

FRASCARA, J. (2004). *Communication Design: Principles, Methods, and Practise.* New York: Allworth Press.

HASLAM, A. (2006). *Book Design.* London: Laurence King Publishing, ISBN: 978-1-85669-473-5

HEETER, C. (2000). *Interactivity in the context of designed experiences.* Journal of Interactive Advertising, 1(1). American Academy of Advertising.

JURY, D. (2007). *O que é a Tipografia?* Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. **KANE, J. (2002).** *Manual de Tipografia.* Barcelona: Gustavo Gili. [Edição original em língua inglesa: *A type primer*]

LUPTON, E. (2006). *Pensar com tipos.* Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *Thinking with type*, 2004]

MEGGS, P B, PURVIS, A. (2009). *História do Design Gráfico*. KNIPEL, T. C. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: A History of Graphic Design, 1983. Presente versão traduzida da 4ª edição americana, 2005]

MOGGRIDGE, B. (2007). *Designing interactions*. The MIT Press, Cambridge and London.

MUNARI, B. (1987). *Fantasia*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença.

PIMENTA, R. (2015). *E afinal o que é um livro infantil?* [Online] <https://www.publico.pt/2015/12/20/culturaipsilon/noticia/e-afinal-o-que-e-um-livro-infantil-1717830>

RAFAELI, S. (1988). *Interactivity: from new media to communication*. In: Advancing communication science: merging mass and interpersonal processes. Sage, Londres. [Online] http://gsb.haifa.ac.il/~sheizaf/interactivity/Rafaeli_interactivity.pdf

RICHARDS, R. (2005). *Users, interactivity and generation*. New Media and Society. Sage Publications.

ROLO, E. (2017). *White space in Editorial Design*. In F. Rebelo & M. Soares (Eds.), *Advances in Ergonomics in Design*. AHFE 2017. *Advances in Intelligent Systems and Computing*, (Vol.588): Springer, Cham, 2017.

ROMANI, E., MAZZILLI, C. T. S. (2012). *O Design do Livro-Objeto Infantil*. Guimarães: [s.n.]

SPIEKERMANN, E., GINGER, E. M. (1993). *Stop Stealing Sheep & find out how type works*. Mountain View California: Adobe Press.

TSCHICHOLD, J. (1975). *A Forma do Livro – Ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Ateliê Editorial.

WOLOSZYN, M. GONÇALVES, B. (2018). *Dimensões e fatores de aplicação da tipografia em livros digitais*. Infodesign, São Paulo.

Capítulo 2 **Terapia da fala**

Nota Introdutória

Os temas que se seguem abrangem o âmbito da terapia da fala e consistem numa análise introdutória com o intuito de melhor compreender esta temática.

Iniciamos com uma abordagem geral à linguagem na criança, desde a sua comunicação, fala e linguagem ao seu desenvolvimento e às perturbações a ele associadas. Seguidamente dedicamos a atenção ao ponto essencial da investigação que se debruça sobre a perturbação selecionada a desenvolver no projeto prático – a consciência fonológica – distinção entre oral e nasal. Por fim, abordamos a área da terapia da fala, fazendo a caracterização desta disciplina e enunciando o papel do terapeuta da fala.

1. A linguagem na criança

A aquisição e, conseqüentemente, o desenvolvimento da linguagem são processos bastante complexos e são das primeiras realizações do ser humano.

A aprendizagem da linguagem implica falar, ouvir, pensar, construir frases, escolher as palavras adequadas, de modo a construir um pensamento lógico e a expressar ideias, pensamentos e factos. Este é um procedimento gradual que vai evoluindo à medida que a criança cresce e começa a ter noção do que a rodeia.

1.1. Comunicação, linguagem e fala

Apesar de parecem sinónimos, estes conceitos são bastante diferentes e apresentam distinções no que diz respeito ao desenvolvimento humano. (Andrade, 2012)

Podemos definir a **comunicação** como uma “(...) marca intrínseca da interação entre os seres vivos (...)”. (Andrade, 2012, p.13) Segundo Cazeneuve (1976), comunicar é tornar algo comum e passar do individual para o coletivo. O ato de comunicar permite uma transmissão de saberes, informações, experiências, sentimentos e ideias entre duas ou mais pessoas, o que torna comum o conhecimento.

Quando falamos de **linguagem**, falamos de um conceito menos abrangente. De acordo com a autora Fátima Andrade (2012), a linguagem identifica-nos enquanto seres humanos através de um determinado código que é socialmente partilhado. Esta comunica através do uso de ideias, símbolos, signos, sentimentos, da fala e também da escrita.

O termo linguagem pode ser aplicado a variadas situações, como: linguagem informática, linguagem artística ou linguagem musical. Nesta investigação foi utilizado o sentido mais restrito deste termo, ou seja, enquanto sistema linguístico. Segundo a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA), “a língua é um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionais que é usado de várias formas para pensar e comunicar.” (ASHA, 2007, s.p.)

Para Bernstein (2002), as principais componentes da linguagem são: a forma – que inclui a fonologia⁶, a morfologia⁷ e a sintaxe⁸; o conteúdo, que corresponde à semântica⁹; e o uso, que diz respeito à pragmática¹⁰.

A **fala** constitui uma marca fundamental do ser humano. “A fala é uma das formas de comunicação. É o modo oral verbal de transmissão de mensagens que envolve a coordenação precisa de movimentos orais neuro-musculares de forma a produzir sons e unidades linguísticas.” (Bernstein, 2002, p.4) Compreende-se que para produzir fala é necessária uma produção de voz e de articulação e a respiração é uma fonte de energia indispensável para a fonação. (Franco, Reis, & Gil, 2003)

⁶ Fonologia é o domínio linguístico que estuda os fonemas de uma determinada língua. Um fonema é uma unidade acústica mas que não é dotada de um significado, ou seja, os fonemas são diferentes sons que produzimos para exprimir sentimentos, ideias e emoções que juntos formam as sílabas e, por sua vez, as palavras.

⁷ Morfologia é a área da linguística que descreve e examina a estrutura interna e a formação das palavras.

⁸ Sintaxe é a disciplina da linguística que se dedica ao estudo das regras, condições e princípios implícitos à organização e estruturação de todos os constituintes de uma frase.

⁹ Semântica é outra das áreas da linguística que estuda o significado estruturado das regras de construção de frases nas diversas línguas.

¹⁰ Pragmática é a disciplina que estuda os princípios da linguagem numa determinada situação, sendo que o locutor, o destinatário e o contexto são as principais classes que determinam a interpretação linguística.

Conclui-se, assim, que tanto a comunicação como a linguagem e a fala são atributos básicos de expressão do ser humano “(...) a que este dedica especial atenção pois daí depende muito daquilo que o Homem é na sua essência.” (Andrade, 2012, p.17) As preocupações com a correta utilização da linguagem focam-se na articulação e concretização de um discurso lógico e coerente, sendo que essas dificuldades manifestam-se na idade inicial do desenvolvimento humano, ou seja, nas primeiras aquisições da criança como sujeito e ser interativo.

1.2. Desenvolvimento da linguagem na criança

O desenvolvimento da linguagem nas crianças é apenas um dos aspetos “(...) de uma interação mais complexa onde se entrecruzam as dimensões do desenvolvimento físico, sensorial e perceptivo, do desenvolvimento cognitivo, inteligência, aprendizagem, memória, ou do desenvolvimento psicossocial.” (Andrade, 2012, p.17)

Explicado de outro modo, o desenvolvimento é um processo geral que engloba diversas áreas, sendo que todas elas são partilhadas.

Segundo a autora Inês Sim-Sim (1998), a linguagem é descrita como:

Para uns – os behavioristas – a linguagem é um comportamento verbal aprendido por imitação e reforço, cabendo, portanto, ao meio um papel decisivo; outros – os inatistas – defendem que a capacidade para a linguagem é geneticamente herdada e que a criança, munida dessa capacidade, reconstrói a língua da comunidade em que cresce; para outros – os cognitivistas – a linguagem é um instrumento do pensamento e, por isso, o desenvolvimento linguístico está dependente do desenvolvimento cognitivo.

(Sim-Sim, 1998, p.333)

O desenvolvimento da linguagem da criança contém diferentes fases durante o seu crescimento e dois tipos de linguagem – lin-

Quadro 1.

Etapas do desenvolvimento da linguagem na criança: Linguagem recetiva.

Fonte: *Investigadora, 2019.*

Baseado na tabela de *Fátima Andrade, 2012, p.22*

guagem recetiva e linguagem expressiva. (ASHA, 2007)

Nos Quadros 1 e 2, produzidos pela autora Fátima Andrade (2012), estão alguns dos indicadores mais notórios nas diferentes etapas do desenvolvimento da linguagem.

Linguagem recetiva

Nascimento–1 ano	0–3 meses	Reage aos sons; localiza a fonte sonora; acalma-se ou sorri quando ouve uma voz familiar; reconhece a voz dos pais.
	4–6 meses	Reage ao nome; reconhece os familiares; identifica brinquedos e objetos comuns; identifica o “não”; reage a diferentes entoações; gosta de ouvir diferentes sons (brinquedos).
	7–12 meses	Identifica familiares, comidas e animais; compreende ordens simples (ex: dá; diz adeuz); compreende verbos de ações (ex: brincar, comer, dormir, tomar banho); identifica imagens e algumas partes do corpo.
1–2 anos	Conhece a função de objetos mais comuns; compreende perguntas simples (- tens fome?); compreende ordens mais complexas (- chama o papá para comer!); gosta de ouvir histórias, canções e rimas (ex: “tão balalão, cabeça de cão”)	
2–3 anos	Compreende ordens mais complexas (ex: - pega na bola e põe-a na caixa!); identifica conceitos opostos (ex: frio/quente, dentro/fora, grande/pequeno); identifica imagens de ações.	
3–4 anos	Compreende perguntas como: “onde?”, “quem?”, “o quê?”; responde a perguntas sobre histórias simples.	
4–5 anos	Compreende ordens mais complexas (ex: . pega no lápis vermelho e põe dentro da caixa!); gosta de ouvir histórias e responde a perguntas; compreende o discurso coloquial da família e do meio envolvente; adquiriu a noção de antónimo (ex: o contrário de grande é...).	

Quadro 2.

Etapas do desenvolvimento da linguagem na criança: Linguagem expressiva.

Fonte: Investigadora, 2019.

Baseado na tabela de Fátima Andrade, 2012, p.22

Linguagem expressiva

Nascimento–1 ano	0–3 meses	Produz sons guturais e vocálicos manifestando satisfação, palreio (“acc...acc...”); sorri ao ver o adulto; manifest choro diferenciado para expressar necessidades; faz tomada de turno, vocalizando em resposta ao estímulo do adulto.
	4–6 meses	Emite sons consonânticos bilabiais e vocálicos sozinho ou interação (papapa, mamama, bobobo) – lalação; imita os sons que ouve; expressa alegria, tristeza ou impaciência nas suas produções.
	7–12 meses	Vocaliza para chamar a atenção; repete sons, sílabas e palavras; começa a surgir a ecolália; surgem as primeiras palavras (mamã, papá, papa, não, bo/“bola”).
1–2 anos	Aumenta o seu vocabulário ativo (50 a 200 palavras); utiliza a holofrase, mas podem surgir combinações de 2 palavras (“mais papa”); faz perguntas simples (“papá rua?”); utiliza mais sons consonânticos; usa palavras são mais corretas; imita sons dos animais; acentua-se a ecolália.	
2–3 anos	Nomeia tudo o que pretende (explosão do vocabulário ativo); usa frases com duas e três palavras de conteúdo – frases telegráficas; exhibe uma expressão verbal oral compreensível para os familiares; faz perguntas simples; podem surgir hesitações nas palavras ou repetições de sílabas.	
3–4 anos	Expressão verbal oral compreensível fora do círculo familiar – conta acontecimentos, usa frases mais complexas e corretas; sabe dizer o nome, a idade e a morada; usa os plurais, os pronomes (eu, tu, ele) e os verbos no passado; pode apresentar dificuldades na articulação de alguns fonemas.	
4–5 anos	Utiliza frases com 6 a 8 palavras, com detalhes e gramaticalmente corretas; conta histórias e acontecimentos, mantendo o tópico; pergunta o significado do vocabulário desconhecido; define palavras e conhece alguns antónimos; articula corretamente os fonemas em geral (podendo surgir dificuldades nos fonemas [z], [v], [j], e [r] em grupo consonântico).	

1.3. As perturbações da linguagem na criança

São várias as patologias e perturbações inseridas na TF que podem variar consoante a faixa etária onde se insere a criança. Existem perturbações ao nível da comunicação como o Autismo ou o Síndrome de Asperger; atraso no desenvolvimento da linguagem, onde estão inseridas áreas como: a fonologia, que estuda o sistema sonoro de um idioma; a morfossintaxe, que determina as questões linguísticas respeitantes à morfologia e à sintaxe; a semântica, que diz respeito ao vocabulário e ao significado das palavras, frases, símbolos e sinais; a metalinguagem, que permite a reflexão sobre a própria linguagem utilizada na comunicação e, por fim, a pragmática, que se define como o saber utilizar a linguagem num determinado contexto.

A faixa etária onde a criança se insere pode determinar quais as perturbações mais frequentes e sinais de alarme a ter em consideração.

0 aos 6 meses: a criança não reage a sons; não vocaliza; não emite entoação.

6 aos 12 meses: a criança não reage a sons; não vocaliza; não desenvolve lalação até aos 10 meses; não emite padrões de entoação.

1 aos 2 anos: a criança não manifesta interesse em comunicar; não reage a sons; não utiliza o gesto; não reconhece a utilidade dos objetos; não diz qualquer palavra.

2 aos 3 anos: a criança não faz algum jogo simbólico com brinquedos nem com outros objetos; não reconhece os objetos; não produz qualquer palavra nem gesto para se exprimir; não diz o seu próprio nome; não emprega palavras nem frases simples; não cumpre ordens simples; não presta atenção.

4 aos 5 anos: a criança não obedece a ordens simples; produz erros articulatorios; não conta histórias nem relata quaisquer acontecimentos.

5 aos 7 anos: a criança apresenta dificuldades na estruturação de frases; produz erros articulatorios; produz um discurso incoerente; apresenta indícios de gaguez; apresenta rouquidão na aprendizagem global; apresenta dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. (Ferreira, s.d)

1.4. Consciência fonológica – distinção entre oral e nasal

Quando falamos de consciência fonológica referimo-nos à capacidade e conhecimento que cada pessoa tem de identificar e manipular os sons. Esta é uma competência que permite compreender que a linguagem é composta por palavras, conseqüentemente as palavras são compostas por sílabas e as sílabas por fonemas. (Freitas, Alves e Costa, 2007)

A partir dos 3 anos de idade a criança inicia um desenvolvimento da linguagem bastante mais acentuado, pois é nesta fase que começam a ser capazes de discriminar os sons do ambiente que as rodeia e da fala, bem como de produzir novas palavras. É principalmente neste momento que surge a “(...) consciência fonológica ou consciência dos sons da fala.” (Fernandes e Rosado, 2019, s.p.)

De acordo com Fernandes e Rosado (2019) a consciência fonológica engloba dois níveis – a consciência silábica e a consciência fonémica. Por sua vez, é necessário compreender quais as fases a ela associadas.

Noção de palavra é a capacidade de segmentar a frase em palavras, organizá-las e dar-lhes sentido;

Noção de rima é a capacidade de identificar rimas;

Aliteração é a capacidade de identificar ou repetir a sílaba ou o fonema no início da palavra;

Consciência silábica é a capacidade de segmentar palavras em sílabas e em que a criança tem de identificar e discriminar as sílabas;

Consciência fonémica é a capacidade de manipular e isolar os fonemas que compõem a palavra.

(Fernandes e Rosado, 2019, s.p.)

Ao distinguirmos os sons orais dos nasais, neste caso investigativo, os sons das vogais, estamos a focar a nossa atenção num determinado ponto específico inserido na temática da consciência fonológica.

As vogais orais (a, e, i, o, u) são produzidas com o ar que passa pela boca, como por exemplo as palavras “adeus”, “elefante” ou

“**u**vas”. Quando falamos de vogais nasais (an/am/ân/âm/ã, en/em/ên, in/im/ín, on/om, un/um) falamos de vogais com um som nasalado sendo que estas são produzidas com o ar que passa pela boca e também pelo nariz, exemplificado com as palavras “**b**anco”, “amê**n**doa”, “**o**mbro” ou “**i**ndio”. (Freitas, Alves e Costa, 2007)

A Terapia da Fala foi pioneira na criação de uma Sociedade Científica na área das Tecnologias da Saúde. Inovar, empreender, crescer de forma sustentada e cooperativa foram algumas das motivações na criação e desenvolvimento desta Sociedade.

(Santos, 2014, s.p)

2. Terapia da fala

2.1. Caracterização da disciplina

A Terapia da Fala é uma profissão que atua na área da saúde. Surgiu nos Estados Unidos da América (EUA) e era utilizada para a reabilitação dos soldados de guerras dos EUA, como a II Guerra Mundial e a Guerra do Vietname. Esta terapia consistia na recuperação de diversas capacidades referentes à fala, perdidas pelos pacientes. (O Risquinhas, s.d.)

A TF é responsável pela avaliação, diagnóstico e tratamento de problemas relacionados com a comunicação humana. Como referido anteriormente, a TF está diretamente associada à comunicação humana, como a fala, a linguagem e a escrita, mas também com as perturbações das funções auditivas, cognitivas, respiratórias, musculares, de deglutição e de voz. (APTF, 2017)

O tratamento destes problemas proporcionam uma qualidade de vida, um desenvolvimento e uma autonomia superiores ao indivíduo fazendo com este se integre facilmente na sociedade e no meio que o rodeia.

2.2. O terapeuta da fala

A função do Terapeuta da Fala é a de prevenir, avaliar e intervir em perturbações da comunicação humana, sendo que estas não englobam apenas as funções de compreensão e expressão da linguagem oral e escrita, “(...) mas também outras formas de comunicação não verbal.” (APTF, 2017, s.p) Este técnico intervém ainda ao nível da deglutição, isto é, o processo de conduzir os alimentos, a saliva e os líquidos da boca ao estômago, passando ainda pela faringe e pelo esófago, garantindo assim uma nutrição adequada.

O TF em todas as faixas etárias, desde bebés recém-nascidos a idosos, tendo sempre como principal objetivo a melhoria da qualidade de vida dos mesmos. Nos primeiros momentos da vida de um bebé, o terapeuta atua na área da alimentação e na área da comunicação, tanto deste como em conjunto com os seus pais.

Se falarmos em crianças em idade pré-escolar, “(...) a sua intervenção centra-se na promoção das competências linguísticas, vocais e de comunicação bem como na intervenção das suas perturbações.” (APTE, 2017, s.p.) Relativamente às crianças e jovens que já se encontram em idade escolar, a sua intervenção situa-se no âmbito das perturbações da leitura e da escrita. Já na idade adulta, “(...) o seu foco de intervenção é maioritariamente em perturbações da linguagem adquiridas, patologias vocais e da deglutição.” (APTE, 2017, s.p.)

Figura 7.

Sessão de terapia da fala com a terapeuta Carina Santos na clínica Naturalmente, na Mealhada.

Fonte: <http://www.clinicanaturalmed.com/servicos/clinicos/terapia-da-fala/>
Consultado a 3 de agosto de 2020



Síntese

O surgimento da disciplina da Terapia da Fala é de enorme importância para todas as faixas etárias, embora com maior incidência nas primeiras idades do ser humano. Esta área do conhecimento terapêutico veio para se tornar autónoma e independente no tratamento de diversas patologias. Para além da sua relevância enquanto área própria, esta foi também indispensável à definição do projeto prático no âmbito do seu conteúdo. Sabe-se que a TF engloba diversas vertentes e, com esta investigação, conseguiu-se compreender qual a mais indicada a desenvolver no próximo capítulo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, F. (2012). *Perturbações da linguagem na criança: análise e caracterização*. Universidade de Aveiro, Comissão Editorial.

American Speech-Language-Hearing Association. (2007). [Online] <http://www.asha.org/>

APTF. (2017). *O Terapeuta da Fala*. [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home>

APTF. (2017). *O Terapeuta pode fazer a diferença*. [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home>

BERNSTEIN, D. (2002). *The nature of language and its disorders*. In D. Bernstein e E. Tiegerman. *Language and Communication Disorders in Children*. Boston: Allyn and Bacon.

CAZENEUVE, J. (Dir). (1976). *Guia Alfabético das Comunicações de Massas*. Lisboa: Edições 70.

FERNANDES, I., ROSADO, S. (s.d.). *Consciência Fonológica – O que é a consciência fonológica?* ITAD – Instituto de Apoio e Desenvolvimento. [Online] <http://www.itad.pt/problemas-escolares/consciencia-fonologica/> [Consultado a 2 de fevereiro de 2019]

FERREIRA, S. (s.d.). *Alterações da comunicação, da linguagem e da fala na criança*. Centro de Reabilitação de Santarém.

FRANCO, M., REIS, M. & GIL, T. (2003). *Comunicação, Linguagem e Fala. Perturbações específicas de linguagem em contexto escolar*. Fundamentos. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

FREITAS, M., ALVES, D., COSTA, T. (2007). *O conhecimento da língua – Desenvolver a consciência fonológica*. Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

O Risquinhas. (s.d.). *O que é a Terapia da Fala?* O Risquinhas – Creche e Jardim de Infância.

SANTOS, R. (2014). *4 Anos de uma História em Construção*. Sociedade Portuguesa de Terapia da Fala. [Online] <https://sptf.org.pt/historia/>

SIM-SIM, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa



III

Projeto Prático

Capítulo 3 **Investigação ativa**

Argumento

Conceção de um objeto de comunicação interativo que pretende auxiliar crianças (em idade pré-escolar) com complicações do foro fonológico, a ultrapassar as dificuldades no processo de aprendizagem e distinção dos sons, em contexto de terapia da fala.

1. Entrevistas exploratórias

Para a concretização deste projeto foi necessário recorrer a entrevistas a terapeutas da fala de forma a conhecer melhor a área em questão ao nível de conteúdo terapêutico como de resolução dos problemas desenvolvidos pelas crianças nesse âmbito.

Primeiramente deslocámo-nos ao Centro Médico de Santarém, onde tivemos oportunidade de falar com duas TF. A entrevista foi gravada por um dispositivo de gravação encontrando-se relatada na íntegra no Apêndice C deste documento.

Aqui pudemos ficar a conhecer melhor o que é e o que trata a terapia da fala. Foram-nos mostrados alguns exemplos utilizados na resolução de patologias do foro da linguagem, da comunicação, da fonologia, da pragmática, da semântica, da morfologia e da sintaxe, conceitos estes já mencionados anteriormente.

Foi-nos explicado que existem inúmeras questões que envolvem a terapia da fala, tornando-se difícil explorar todas neste projeto. A linguagem pode dividir-se em várias áreas, como a fonologia e a consciência fonológica que nos remete para a parte dos sons, a morfossintaxe que diz respeito à construção de frases, a semântica que trata o vocabulário e a pragmática que se relaciona

com o saber usar a linguagem no contexto. Assim tentou-se optar por apenas uma área – a fonologia.

A partir deste ponto tentou perceber-se qual seria a melhor faixa etária a trabalhar, acabando por se optar pela idade pré-escolar, idade essa que acaba por se revelar difícil no que toca aos obstáculos fonológicos.

Os exemplos de materiais e técnicas que utilizam nas sessões terapêuticas e que nos foram mostrados nesta entrevista, baseiam-se muito na parte visual, pois esta consegue demonstrar muito mais e melhor o que se pretende do que as palavras, especialmente nestas idades.

Seguidamente procurou-se entrar em contacto com mais terapeutas, neste caso na área de Lisboa. A TF Leonor Mineiro Castro, terapeuta no Centro de Desenvolvimento Infantil *Diferenças*, que atua em escolas, tornou-se uma aliada importante para a concretização deste projeto. Numa conversa inicial procurou-se definir ao certo o projeto, público-alvo e questões a abordar. Foi a partir desta altura que se estipulou o que iria integrar o projeto.

Foi possível reunir diversas vezes com a TF no Centro de Desenvolvimento Infantil *Diferenças*, juntamente com o restante grupo, e fora. A partir daqui foi possível acompanhar a TF Leonor a várias visitas de forma a assistir a sessões reais com crianças em contexto pré-escolar de forma a melhor compreender a relação entre o terapeuta e a criança bem como os materiais utilizados e a consequente reação da criança aos desafios propostos.

1.1. Observação de campo

Depois de compreender e definir a área em que se atuou – fonologia e consciência fonológica – foi possível assistir a diversas sessões de terapia da fala, em centros escolares de Lisboa, protagonizadas pela terapeuta Leonor, acima mencionada.

Nestas sessões conseguiu-se entender algumas das dificuldades sentidas por parte das crianças no que diz respeito à linguagem, à fala.

Verificou-se que a terapeuta permitia a utilização de um dispositivo eletrónico, como o *tablet* no fim da sessão, conferindo à

criança uma espécie de recompensa após o trabalho desenvolvido em contexto terapêutico.

De seguida demonstramos o exemplo de uma das sessões assistidas, esta no Centro Social Dr. Francisco Sá Carneiro – Assoalfra, em Alfragide.

Procedeu-se a uma pequena apresentação entre a investigadora e a paciente, Mafalda. A Mafalda na altura tinha 5 anos e a patologia que se identificou relaciona-se com a semântica e a pragmática, isto é, a dificuldade de saber explicar acontecimentos e responder a questões. A Mafalda apresentava aspetos como a repetição do que é dito pela terapeuta ao invés de responder às perguntas feitas. Era notória a dificuldade em explicar e dar seguimento às ações. Para além disto também possuía um défice de atenção.

Foram realizados alguns exercícios de colagens em que a criança tinha de ordenar três acontecimentos de acordo com a ação correta. O tipo de exercício e o relatório da sessão pode ser consultado no Apêndice E do presente documento.



Figura 8.

Sessão de terapia da fala assistida na Escola Básica e Jardim de Infância Cesário Verde, em Queijas.

Fonte: Investigadora, 2018

Figura 9.

Sessão de terapia da fala assistida no Assoalfra - Centro Social Dr. Francisco Sá Carneiro, em Alfragide.

Fonte: Investigadora, 2018

2. Casos de estudo

O objetivo final deste trabalho de investigação é a execução de um livro infantil centrado na aprendizagem e compreensão dos sons para a criança que se encontra num contexto de tratamento do foro da terapia da fala.

Numa primeira fase foi elaborada uma contextualização teórica com o intuito de fundamentar e compreender o conteúdo do projeto e a sua pertinência neste âmbito.

De seguida tornou-se fundamental entender qual a melhor linguagem visual e escrita destinada ao público-alvo definido. Assim, procedeu-se a uma recolha seletiva e de maior relevância para o projeto sugerido.

Os primeiros exemplos relacionam-se com a esfera do design interativo impresso, ou seja, do tocar, mexer, mudar de sítio, dobrar, desdobrar. Seguidamente entramos no âmbito da terapia da fala em que se dá importância ao som, à linguagem, à leitura e à escrita, quer estes estejam ilustrados ou escritos.

Este ponto destina-se a analisar a pertinência de cada história, a linguagem aplicada, a ilustração em conjugação com o conteúdo bem como o objeto final. Aqui registaram-se os pontos fortes e fracos de cada caso de estudo culminando numa síntese base para o projeto prático a desenvolver. Através deste estudo foi possível entender a importância da ilustração e do domínio da interação para o projeto.

2.1. Interação impressa

Como é bastante escasso o material impresso interativo no mercado para utilização em contexto de terapia da fala, tornou-se determinante compreender como funcionam os livros impressos interativos existentes e que melhor se assemelham ao projeto proposto.

Assim, foram selecionados os seguintes:

- ◆ *O que estás a fazer?* (2016) com texto e ilustração de Olivia Cosneau e todo o engenho do papel é de Bernard Duisit.
- ◆ *A Caixa* (2016) com textos e ilustração de Min Flyte e Rosalind Beardshaw respetivamente.
- ◆ *Zoo in my hand* (2018) de Inkyeong e Sunkyung Kim.

2.1.1. Caso de estudo 1

O primeiro caso de estudo é um livro infantil destinado a crianças a partir dos 3 anos de idade. Intitula-se *O que estás a fazer?* e é um livro que aborda o tema dos animais, especificamente os pássaros. Ao ser lido em voz alta permite ao utilizador um diálogo mais próximo com as personagens representadas, sendo que em todas as páginas à esquerda existe a questão “o que estás a fazer?” referindo-se ao pássaro representado na página seguinte. (Figura 11)

É um livro didático e interativo na medida em que dá a conhecer diversos pássaros através de mecanismos táteis, como tiras de papel fáceis de manipular e imagens recortadas que possibilitam às personagens fazerem coisas. Torna-se bastante simples e intuitivo pois procura cativar a criança a aprender mais sobre o animal em questão.

As ilustrações são muito acessíveis e as poucas cores utilizadas proporcionam uma coerência gráfica do início ao fim. O tipo de letra utilizado é uma escolha eficaz pois é robusta e apresenta um tamanho ideal de agradável leitura. Relativamente ao formato, o livro apresenta dimensões próximas do formato A5, sendo, portanto, um livro pequeno, de fácil transporte e manuseamento.

A encadernação é outro aspeto a considerar, pois há que ter em conta a durabilidade do livro. Este apresenta uma capa mole, isto é, não é suportada por um cartão que lhe confere mais dureza. Consideramos que esta característica é o único ponto fraco deste primeiro caso de estudo.



Figura 10.
Capa do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard Duisit, 2016

Em suma, a escolha deste exemplo mostra que o texto é um discreto complemento às imagens ilustradas e às interatividades a elas associadas. Aqui privilegia-se o facto de se tratar de um livro impresso interativo, sendo este ponto muito importante no projeto final.

Figura 11.
Páginas do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard
Duisit, 2016



Figura 12.
Interação nas páginas do livro *O que estás a fazer?*
Fonte: Olivia Cosneau & Bernard
Duisit, 2016



2.1.2. Caso de estudo 2

O livro *A Caixa* de Min Flyte e Rosalind Beardshaw é o segundo caso de estudo escolhido. Este livro retrata a história de quatro crianças que encontram brinquedos dentro de várias caixas de cartão de diferentes tamanhos. É também um livro interativo, este com abas para abrir, conferindo um estímulo à imaginação e à criatividade como se de facto pudéssemos abrir as caixas para ver o que elas escondem dentro. (Figura 14 e 15)

As ilustrações de Beardshaw são muito apropriadas e constituem um bom equilíbrio entre o texto e as imagens. É também de realçar que as imagens se encontram não só em fusão com o texto, mas também com as interações que as abas proporcionam, pois quando se abrem o utilizador está à espera de ver algo lá ilustrado e complementado com curtas frases. Ao debruçarmo-nos sobre o texto, verificamos que está presente em todas as páginas e, de facto, é sempre necessário para o leitor compreender o seguimento da história. Contudo, não se sobrepõe às imagens representadas, pois são estas que captam a atenção da criança.

Relativamente à escolha do tipo de letra, é adequado para a faixa etária a que se destina (6-8 anos). Comparativamente ao caso de estudo anterior, a encadernação deste segundo caso é bastante mais resistente, tratando-se de uma capa dura, o que por sua vez confere uma maior durabilidade ao livro.

Este caso de estudo revela-se bastante apropriado para a investigação uma vez que o tipo de interação escolhido aliado à ilustração é a grande componente do projeto prático. Pretende-se que os pequenos apontamentos de texto sejam apenas indicativos.

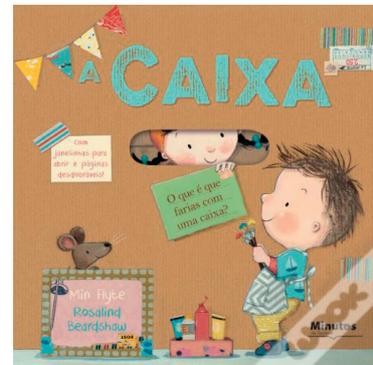


Figura 13.
Capa do livro *A Caixa*.
Fonte: Min Flyte & Rosalind Beardshaw, 2016

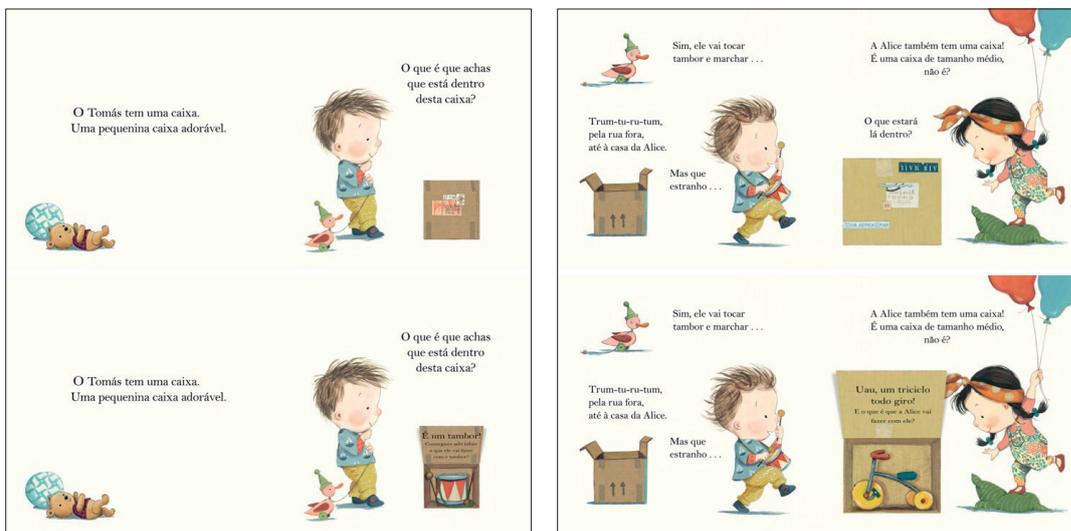


Figura 14.
Spreads do livro *A Caixa*.
Fonte: Min Flyte & Rosalind
Beardshaw, 2016

Figura 15.
Spreads do livro *A Caixa*. Interação
com abas.
Fonte: Min Flyte & Rosalind
Beardshaw, 2016

2.1.3. Caso de estudo 3



Figura 16.
Capa do livro *Zoo in my hand*.
Fonte: Inkyeong & Sunkyung Kim,
2018

O terceiro caso de estudo selecionado é o livro *Zoo in my hand*. Este é um livro diferente dos mencionados anteriormente, porque não conta uma história e o único apontamento de texto é apenas a indicação do nome do animal que se vai recortar.

Este é um livro de atividades e possibilita a criação de 40 animais distintos em *origami*. Cada página apresenta uma única cor sólida e um animal delimitado por linhas contínuas. Ao recortar a partir desse segmento e ao efetuar as dobras pelas linhas descontínuas origina-se um animal, pode ser um rinoceronte, um macaco, um leão, etc. Ao retirar esse recorte inserido na página do livro é possível reparar que o papel (bidimensional) se torna numa figura tridimensional na sequência das dobras que se executam no papel.

As cores fortes captam imediatamente a atenção de quem folheia as páginas. Trata-se de um livro interativo pois permite ao utilizador tocar, mexer, modificar o papel e criar formas novas.

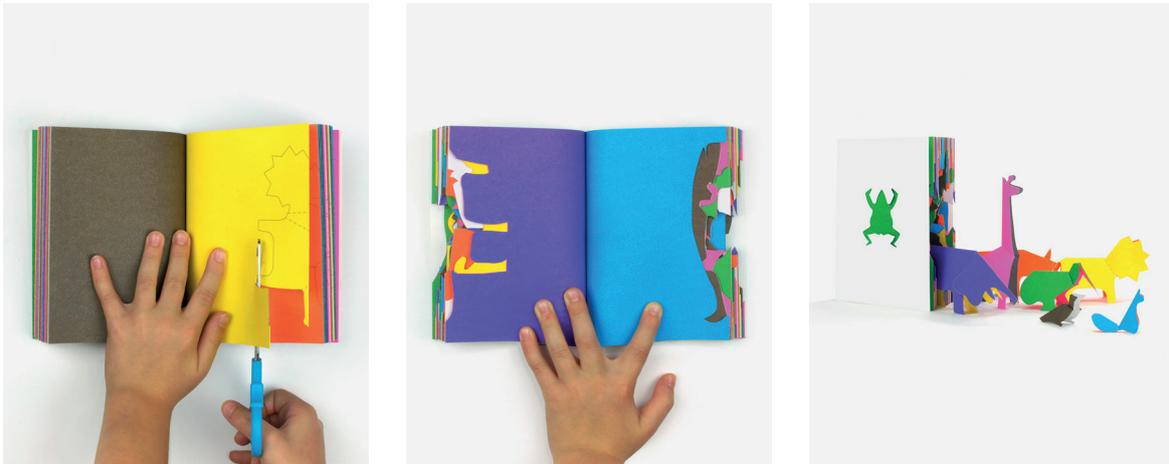


Figura 17.
Páginas do livro *Zoo in my hand*.
Fonte: Inkyeong & Sunkyung Kim,
2018

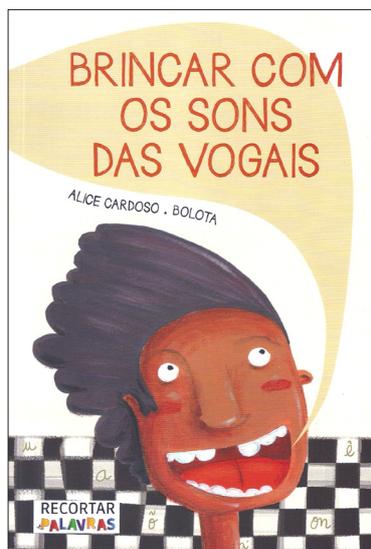
2.2. Terapia da fala

Neste ponto damos ênfase à análise de três casos de estudo pertencentes ao campo da terapia da fala. Verificou-se de grande interesse o estudo destes casos uma vez que é estritamente necessário compreender não só o seu conteúdo como também o grafismo e o tipo de ilustrações usadas. É de notar que as crianças que frequentam acompanhamento terapêutico possuem mais dificuldades preceptivas que as restantes, tendo a parte gráfica um peso muito relevante no material utilizado nas sessões de terapia.

Por tudo isto, foram seleccionados os seguintes casos de estudo:

- ◆ *Brincar com os Sons das Vogais* (2017), com textos de Alice Cardoso e ilustrações de Bolota.
- ◆ *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala* (2018) da terapeuta da fala Joana Rombert e com ilustrações, paginação e capa de Sara Paz.
- ◆ *Jogos com Sons* (2014) da autoria de Joana Rombert, Leonor Fontes e Mafalda Caeiro. As ilustrações ficaram a cargo de Fátima Buco.

2.2.1. Caso de estudo 4



O quarto caso de estudo escolhido refere-se à distinção dos sons das vogais. *Brincar com os Sons das Vogais* é um pequeno livro pensado para educar o ouvido das crianças uma vez que as palavras que compõem os seus textos apresentam sons muito repetitivos, rimas e trava línguas, que captam toda a atenção de quem os lê ou ouve ler. Os jogos aqui apresentados não são exibidos através de sistemas táteis em que a criança pode mexer, mas sim através de jogos de linguagem.

Neste livro estão representados os cinco grafemas a que correspondem as vogais – a, e, i, o, u – e todas elas possuem diferentes sons – orais e nasais. Aqui estão expressos nove sons orais e cinco nasais que o utilizador pode explorar, levando assim a uma aprendizagem mais dinâmica da leitura e da escrita.

Interessa perceber exatamente qual o público-alvo a que este

livro se destina. É um livro pensado para a idade pré-escolar, tal como acontece com o projeto proposto, em que as crianças estão a iniciar o primeiro contacto com o ensino básico, sendo esta a altura em que surgem mais dúvidas e dificuldades na aprendizagem da escrita e da linguagem.

Brincar com os Sons das Vogais pode ser utilizado em contexto de terapia, com professores e até mesmo com pais e educadores.

Ao debruçarmo-nos sobre as ilustrações apresentadas facilmente percebemos que são muito simples, mas, simultaneamente divertidas e coloridas e em momento algum se sobrepõem à informação escrita, isto é, acompanham o texto de forma coerente.

Trata-se de um livro de formato pequeno e capa mole, e considera-se de fácil manuseio e transporte.

Pode-se afirmar que este caso de estudo é de grande interesse para o projeto proposto, visto que o seu conteúdo se aproxima bastante do problema que abordamos no nosso projeto prático.

Figura 18.
Capa do livro *Brincar com os Sons das Vogais*.

Fonte: Alice Cardoso, 2017



Figura 19.
Spreads do livro *Brincar com os Sons das Vogais*.

Fonte: Alice Cardoso, 2017



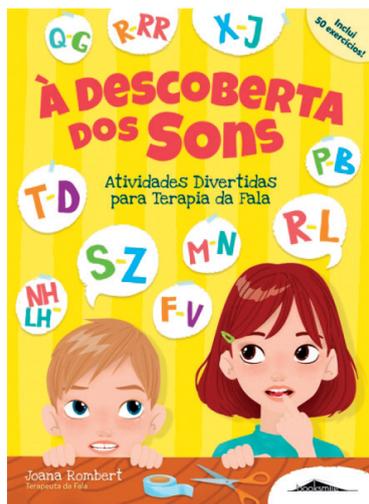


Figura 20.
Capa do livro *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala*.

Fonte: Joana Rombert, 2018

2.2.2. Caso de estudo 5

O quinto caso de estudo trata-se de um livro de atividades direcionado para a terapia da fala composto por 50 exercícios pensados para trabalhar os diferentes sons e ajudar no desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita.

A idade pré-escolar torna-se muito desafiante e o processo de aprendizagem nem sempre se desenrola como esperado e podem surgir dificuldades neste âmbito. O conteúdo deste caso de estudo foca-se na superação dessas barreiras em que é essencial “(...) distinguir os sons semelhantes, reconhecê-los e identificá-los nas diversas palavras” (Rombert, 2018, s.p), pois todos estes conhecimentos são essenciais para aprender a ler e a escrever.

Como mencionado anteriormente, o livro é constituído por diversas atividades, “ (...) como corridas de sons, procura do intruso sonoro, pares de sons, sequências de histórias de sons, caminhos e labirintos sonoros, memórias de sons, lenga-lenga de sons, palavras cruzadas de sons, bingos sonoros e sopa de sons.” (Rombert, 2018, p. 6) Está bem organizado, é intuitivo e ostenta uma linguagem simples e acessível para as crianças. Ao longo do livro surgem pequenos apontamentos e chamadas de atenção remetidos “(...) aos pais, educadores, professores, psicólogos, terapeutas da fala (...)”. (Rombert, 2018, p. 6)

Todas as páginas possuem ilustrações coloridas e apelativas que conferem uma acessibilidade imediata e que transportam o utilizador “(...) para o caminho apaixonante dos sons e das letras”. (Rombert, 2018, p. 7)

À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala é um livro composto por 72 páginas, o seu formato aproxima-se do A4 e apresenta encadernação térmica com capa mole.

Ao analisarmos este caso de estudo concluímos que se destaca positivamente para o desenvolver do projeto uma vez que se revela muito acessível, com uma linguagem realmente comunicativa e repleto de ilustrações que não são meramente ilustrativas ao texto, mas que possuem uma importância imensa na compreensão dos exercícios propostos.



Figura 21.
 Páginas do livro *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para a Terapia da Fala.*
 Fonte: Joana Rombert, 2018

2.2.3. Caso de estudo 6

O último caso de estudo selecionado é o livro *Jogos com Sons* da autoria de três terapeutas da fala que resolveram aplicar a sua vasta experiência à realização de livros de atividades para crianças. Este livro inspira-se na coleção Papa-Sons e nos seus nove títulos: a série *Ouvir, dizer e escrever*, cujo propósito é ajudar o trabalho com a fala e, por conseguinte, o desenvolvimento da leitura e da escrita. (Relicário de Sons, 2020, s.p)

É também um livro de atividades com conteúdos que remetem para o 1º ciclo do ensino básico e às regras da ortografia da nossa língua. O livro integra variados exercícios como *Corridas de Sons / Mini Lotos / Inventa Histórias / Ganha Imagens / Qual é a Palavra? / Loto das Profissões / Caça Palavras / Baralho de Rimas / Cartas e sons... e outros!*” (Papa-Letras, 2020, s.p) que promovem a competência de consciência fonológica.

Realça-se o facto de se tratar de um elemento de um conjunto de materiais que visam apoiar não só terapeutas da fala, como educadores de infância, professores e pais. Torna-se um livro di-

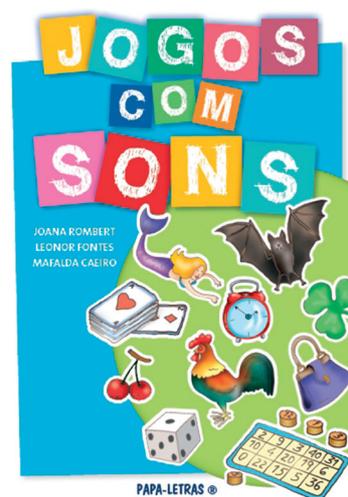


Figura 22.
 Capa do livro *Jogos com Sons.*
 Fonte: Joana Rombert, Leonor Fontes & Mafalda Caiiro, 2014

vertido para as crianças e para os adultos que gostam de jogos. No fundo é um livro para todas as idades, dos mais pequenos à 3ª idade.

Relativamente às ilustrações nele inseridas, há que salientar que se tratam de ilustrações usuais e de acessível perceção, com cores reais, o que constitui um aspeto importante para o entendimento das crianças que possuem lacunas na linguagem, na leitura e na escrita.

O livro dispõe de 48 páginas e o formato A4 escolhido para o livro é o formato mais familiar. A encadernação é térmica com a capa mole, tal como o caso de estudo 5 exhibe.

Em suma, este livro apresenta diversos pontos positivos, sendo que o único ponto mais desfavorável é o facto de acabar por ser muito semelhante a outros já existentes no mercado, como a coleção Papa-Sons, acima mencionada.

Figura 23.
Capas de dois dos livros da coleção Papa-Letras, *Ouvir, dizer e escrever*.
Fonte: Joana Rombert, Leonor Fontes & Mafalda Caeiro, 2004



3. Projeto prático

3.1. Estudo preliminar

Para podermos conceber um projeto eficiente e estimulante foi necessário compreender a fundo o problema a abordar.

Sabemos que o grande obstáculo das crianças que frequentam sessões de terapia da fala é a dificuldade na linguagem, leitura e escrita e, após uma investigação aprofundada entendemos que poderíamos atuar na área da compreensão dos sons, isto é, no foro fonológico. Foi assim indispensável compreender realmente como poderíamos proceder à seleção do conteúdo a integrar o projeto e a sua relevância.

Seguidamente, e depois de perceber a área de interesse, determinou-se o melhor método de atuação na resolução do problema. Verificámos que o livro infantil interativo impresso pode efetivamente ser uma ferramenta adequada para transmitir conceitos de modo a facilitar a aprendizagem, uma vez que durante as sessões terapêuticas as crianças são brindadas com jogos, alguns já existentes no mercado e muitos deles executados pelos terapeutas da fala. Assim, definiram-se os objetivos, que consistiam fundamentalmente em dar a conhecer os problemas da criança que possui patologias fonológicas e criar um objeto que fosse do entendimento tanto da criança como dos terapeutas e educadores.

Proseguiu-se a uma identificação clara das dificuldades que era essencial explicar e resolver e, para tal, criou-se um cenário que tornasse exequível esse aspeto. Foi necessário definir um conteúdo simples, mas de entendimento fácil e associativo através de pequenas histórias relacionadas com os sons que queríamos trabalhar. Estipulou-se que esses sons seriam respeitantes às vogais – a, e, i, o, u – sendo que cada uma apresentaria um som oral e um som nasal.

O livro tem um objetivo bastante claro e é de todo o interesse refletir sobre os seus aspetos no que toca à sua representação impressa. Tanto a escolha do suporte físico, do formato, do tipo de ilustração e do texto são aspetos de extrema relevância para que o projeto cumpra o objetivo proposto.

Assim, procedeu-se à execução do projeto no que toca às ilustrações. Definiu-se que os materiais a utilizar para essa execução

seriam a aguarela e pequenos apontamentos com caneta preta de espessura fina. Relativamente ao formato, foi escolhido de acordo com o que mais se assemelha ao formato vulgar do A4, mas que chamasse a atenção por não ser exatamente igual. Esta escolha foi pensada tendo em consideração questões económicas, uma vez que a impressão e acabamentos são aspetos mais dispendiosos. Pensou-se sempre em tirar o melhor partido da área a ocupar e aproveitamento do papel, refletindo também para questões ambientais. Outros aspetos a ter em conta foram aspetos relacionados com a funcionalidade e ergonomia, pois não poderia ser um livro demasiado grande tornando-se difícil o seu transporte, nem demasiado pequeno impossibilitando a execução das tarefas propostas pelas interações pensadas.

Pretende-se que seja um livro cativante e divertido para a criança proporcionando uma melhor aprendizagem do seu conteúdo.

3.1.1. Público-alvo

Este ponto prende-se com a definição exata do público-alvo a que este projeto se destina.

Como referido anteriormente, estipulou-se a idade pré-escolar, que diz respeito à altura que precede a entrada no ensino básico.

Assim, o projeto direciona-se para as idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, pois esta é uma fase determinante no desenvolvimento integral da criança, quer ao nível cognitivo, quer emocional, físico e social. Esta é também a altura em que podem surgir dificuldades na linguagem e nas competências percetivas do certo e do errado.

3.2. Desenvolvimento dos conteúdos

Com a intenção de responder aos objetivos propostos para o projeto foi necessário desenvolver todo o conteúdo que integra o livro capaz de servir o propósito da criança com dificuldades na identificação e distinção dos sons. Selecionou-se um som oral e um som nasal para cada uma das vogais.

Numa fase inicial foram determinados quais seriam os sons representados no livro proposto. Para que tal fosse possível contámos com o apoio da terapeuta da fala Leonor Mineiro Castro, do Centro de Desenvolvimento Infantil *Diferenças*, que nos ajudou a compreender qual a melhor forma de comunicar a mensagem pretendida com as crianças que beneficiam de sessões terapêuticas e que apresentam esse tipo de dificuldades fonéticas.

De entre os vários sons orais e sons nasais, escolhemos apenas trabalhar um de cada – um som oral e um som nasal – sendo a representação fonética dos sons selecionados apresentada na seguinte tabela:

Vogal	Grafemas	Representação fonética	Exemplo de palavras
a	a	[ɐ]	anel
	á	[a]	árvore
	â	[ɛ]	diâmetro
	ã/am/an	[ɛ̃]	romã/campo/banco
e	é	[ɛ]	pé
	e	[i]	pote
	ê/e	[e]	vê/medo
	em/en	[ɛ̃]	tempo/pente
	e	[i]	veado
i	i/í	[i]	Inês/país
	im/in	[ĩ]	limpo/pingo
o	ó	[ɔ]	óculos
	o/ô	[o]	ovo/avô
	õ/om/on	[õ]	calções/pomba/fonte
	o	[u]	lago
u	u/ú	[u]	uva/búfalo
	um/un	[ũ]	atum/juntar

Tabela 1. Representação fonética das vogais e identificação dos sons escolhidos.
 Fonte: Investigadora, 2020.
 Baseado na tabela da terapeuta da fala Carina Santos, 2020, s.p.

Depois de nos debruçarmos sobre a tabela anterior verificou-se que os sons escolhidos dizem respeito ao som oral mais “fechado”, sendo a sua representação fonética [ɸ] e ao som nasal, [ɸ̃], mais “amplo”.

Após diversas conversas com a TF Leonor, chegou-se finalmente às personagens que integram o livro. Assim, para cada vogal foram escolhidas duas personagens que, de certo modo, dessem ênfase ao som oral e ao som nasal pretendidos. Definiu-se que essas personagens seriam animais, de modo a conseguir criar uma afinidade com a criança. Deste modo, para as cinco vogais temos as personagens:

Vogal **a**: Abelha e Andorinha

Vogal **e**: Ema e Enguia

Vogal **i**: Hipopótamo e Índio

Vogal **o**: Ouriço e Lontra

Vogal **u**: Urso e Atum

Determinadas as duplas de personagens procedeu-se ao desenvolvimento das pequenas histórias (Apêndice H) e cenários. Um dos requisitos a ter em conta foi o facto de em todos os textos estar sempre bastante presente tanto o som oral como o som nasal. Deste modo pensou-se em produzir rimas, de maneira a intensificar esses sons que queríamos que predominassem sempre no ouvido.

Posteriormente, foi necessário pensar acerca das interatividades impressas a incluir no livro. Verificou-se que o conteúdo do livro e a sua disposição deveria seguir uma lógica, isto é, que mantivesse um fio condutor. Ou seja, definimos que depois de uma página de texto, viria uma página de tarefas que proporcionassem à criança uma interatividade mais próxima com o livro e colmatasse a aprendizagem adquirida através do som. Deste modo, ao longo do livro a criança encontra tarefas de associação para realizar através da motricidade fina, sendo capaz de executar movimentos de precisão com as mãos e os dedos.

Considerou-se que a maneira mais eficaz de transmitir a aprendizagem da identificação fonológica era através da ilustração. Para isso procedeu-se à seleção de várias imagens que pudessem representar os sons definidos. Assim, chegou-se à conclusão que, para

a transmissão do conteúdo, teria de existir um número específico de ilustrações para cada vogal. Definiu-se que esse número seria igual para todas as vogais acabando por optar-se por 12 imagens – 6 para o som oral e 6 para o som nasal (Tabela 2). Considerou-se importante ilustrar os diferentes sons – oral e nasal. Optou-se por escolher o elemento “boca” para exemplificar o som oral e o elemento “nariz” para o som nasal. (Apêndice I) Achou-se importante inserir uma pequena legenda em todas as páginas de modo a facilitar a associação às imagens.

Vogal	Som oral	Som nasal
a	anel apito bola girassol mesa rosa	âncora anjo lã maçã romã volante
e	caneta dedo ervilha gaveta morcego ovelha	dente enxada penso pente presente tenda
i	camisa formiga funil iogurte milho sino	cinto pincel pudim seringa tinta pinto
o	cenoura folha gota osso ovo polvo	bombom concha monstro montanha ponte tronco
u	chuva lua lupa música unha uvas	mundo perguntas podium rum um umbigo

Tabela 2.

Tabela de imagens a representar para cada vogal.

Fonte: Investigadora, 2019

O facto de as páginas apresentarem muitos elementos, pormenores e cor, contribui para captar a atenção da criança, motivando-a a aprender. As ilustrações foram realizadas de modo a que o principal utilizador pudesse essencialmente compreendê-las e, de certo modo, identificar-se com elas.

Mais tarde idealizaram-se e concretizaram-se as interações que incluem o livro consoante o som da vogal que se está a aprender.

Tendo em consideração as fases acima descritas, surgiu o livro *Vogais aos Pares*. Acredita-se que este título apresenta coerência com o seu conteúdo, uma vez que cada vogal apresenta um par de sons – um som oral e um so nasal. É de realçar que toda a investigação de temas como o Design Editorial, a Interatividade no livro impresso e também a Terapia da Fala, foram imprescindíveis para a concretização deste projeto.

Figura 24.
Primeiros esboços das personagens
Ema, Urso e Atum.
Fonte: Investigadora, 2018

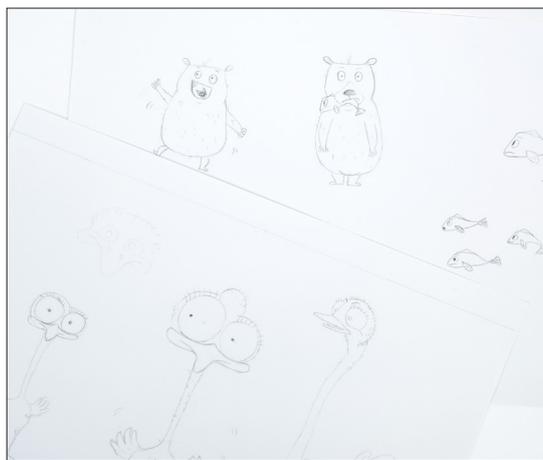
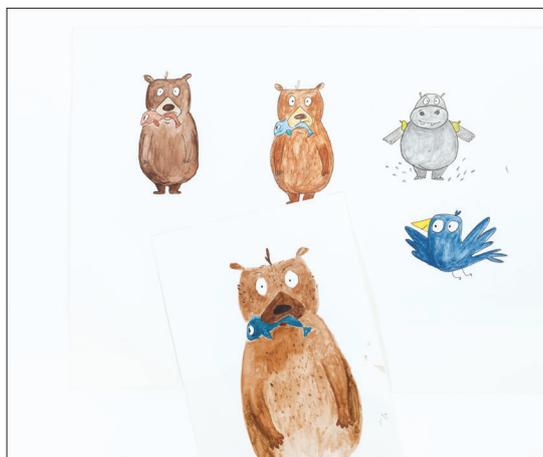


Figura 25.
Esboços das personagens Urso,
Hipopótamo e Andorinha.
Fonte: Investigadora, 2018



3.3. Opções formais e técnicas

Estipulou-se desde cedo que este livro teria de ser de fácil transporte e grande parte dos livros que se encontram no mercado apresentam formatos variantes do tamanho A5 ou A4. Deste modo, chegou-se a um formato ao alto com 250mm x 200mm, um tamanho adequado para ser transportado e em simultâneo com uma dimensão compatível com a concretização das tarefas propostas nas páginas.

Estipulou-se que a encadernação seria colada, isto é, as folhas coladas entre si (verso com verso), possibilitando não só a abertura total das páginas, mas também a parte de colagem dos elementos interativos. De seguida, tem de se unir a lombada e posteriormente colar as guardas à capa.

Para o miolo, procurámos escolher um papel mais resistente ao uso do que o normal, sendo que se estipulou o papel *couché mate* de 170gr.

Para a encadernação e acabamento utilizou-se igualmente a folha atrás descrita para a capa e contracapa, sendo que esta, depois de impressa, foi laminada com acabamento brilhante. Definiu-se que esta teria de ser uma capa dura, de modo a lhe conferir maior durabilidade e resistência.

Os elementos que compõem as interações são pequenos cartões com ilustração na parte da frente e elementos fixados nas pági-



Figura 26. Disposição do texto e das ilustrações na página.

Fonte: Investigadora, 2019

nas do livro, possuindo dobras e recortes que conferem a interação pretendida associada à tarefa proposta. Para estes elementos foram definidos diferentes tipos e gramagens de papel. Para uns escolheu-se o mesmo papel utilizado no miolo e para outros um papel *cromocard* de 360gr.

Figura 27.
Encadernação térmica.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 28.
Capa dura do livro

Fonte: Investigadora, 2020



3.4. Ilustração

Neste projeto o elemento ilustração tem um peso bastante significativo, pois é o elemento que mais se destaca no livro e que prende a atenção das crianças. Deste modo as ilustrações utilizadas foram pensadas e executadas tendo em atenção o público-alvo a que se destina o projeto.

Primeiramente começou-se por fazer uma breve pesquisa do tipo de desenho a utilizar. De seguida realizaram-se os primeiros esboços das personagens principais integrantes no livro – abelha e andorinha; ema e enguia; hipopótamo e índio; ouriço e lontra; urso e atum.

Após a definição final e experimentação de diversos materiais, apostou-se na utilização de aguarela, finalizando com pequenos apontamentos de caneta preta. Concluído este processo e preferindo uma abordagem não demasiado realista, procurou-se manter as cores definidas assim como a textura produzida pelo efeito do material utilizado na sua execução. Seguidamente procedeu-se à digitalização dos desenhos de modo a realizar pequenas corre-

ções e ajustes, recorrendo ao programa Adobe Photoshop.

Pode visualizar-se na Figura 33 todo o processo do manual ao digital, desde os esboços a lápis à ilustração final corrigida no programa de edição de imagem.

Este processo verificou-se igualmente para as ilustrações que compõem os elementos impressos.



Figura 29.
Desenhos das personagens Ema e Enguia.

Fonte: Investigadora, 2019



Figura 30.
Desenhos das personagens Ouriço e Lontra.

Fonte: Investigadora, 2019

Figura 31.
Desenhos referentes à vogal o.

Fonte: Investigadora, 2019

Figura 32.
Desenhos referentes à vogal u.

Fonte: Investigadora, 2019



Figura 33.
Do desenho manual à edição digital – Ilustrações referentes à vogal i.

Fonte: Investigadora, 2019

Figura 34.
Cartões da vogal e.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 35.
Cartões da vogal i.
Fonte: Investigadora, 2020



3.5. Tipografia

De modo a completar cada página, um dos aspetos a ter em consideração foi a escolha tipográfica. Considerou-se que o tipo de tipografia a utilizar deveria ter um alto grau de legibilidade e apresentar uma agradável e fácil leitura.

Pensando também na criança, optou-se por seleccionar uma tipografia que não fosse demasiado reta e rígida, sendo a fonte *Ayuthaya* a escolhida para todos os textos referentes às pequenas histórias como para os apontamentos textuais que se encontram nas páginas destinadas às tarefas interativas e elementos externos ao livro – cartões.

Relativamente ao tamanho das letras, este é igual de página para página, sendo que varia ligeiramente consoante a importância do texto e na descrição de cada ilustração inserida na tarefa que se pretende que a criança desempenhe.

Na capa utilizou-se a fonte *Sparkly Hearts* que por ser mais divertida possibilitou brincar com a sua composição. O tipo de letra do texto inserido na contracapa do livro é o mesmo que se utilizou em todo o miolo.



Figura 36.
Fonte *Ayuthaya* em caixa alta.
Fonte: *Investigadora*, 2020

Figura 37.
Fonte *Ayuthaya* em caixa baixa.
Fonte: *Investigadora*, 2020



Figura 38.
Fonte *Sparkly Hearts*.
Fonte: *Investigadora*, 2020

3.6. Interação e participação do utilizador

Após a definição de todo o conteúdo textual foi fundamental pensar como se iriam incluir as interações nas diversas páginas. Como mencionado anteriormente, cada página respeitante à tarefa, neste caso à interação, pretende comunicar dois sons – um som oral e um som nasal – através de ilustrações. Deste modo foi muito importante definir como é que esses elementos se iriam relacionar com as interações.

Começou por se definir que cada interação pudesse variar de história para história, tornando o livro mais divertido fazendo com o utilizador não perdesse o interesse em descobrir e aprender mais.

Assim, acabou por se definir quais os tipos de interações a integrar o livro. No Quadro 3, é possível compreender qual o conjunto de ações para cada uma das atividades.

PÁGINAS	ELEMENTOS	AÇÕES
Abelha e Andorinha	Flores	Abrir
Ema e Enguia	Arbusto	Encaixar/guardar/retirar
Hipopótamo e Índio	Mochilas	Guardar/retirar
Ouriço e Lontra	Sopa	Rodar
Urso e Atum	Urso e Atum	Associar

Quadro 3.

Quadro de ações.

Fonte: Investigadora, 2019

As ações descritas no Quadro 3 estão presentes nas páginas seguintes às histórias de cada dupla de personagens. Na página da “Abelha e da Andorinha” pretende-se que a criança descubra o que as pétalas das flores (Figura 39) escondem, sendo que para isso terão de as abrir havendo assim uma interação manual com o livro.

Na página que se refere à vogal *e*, tendo como personagens principais a “Ema e a Enguia”, deseja-se que a criança consiga identificar o som de cada ilustração referente ao som oral e ao som nasal sendo que a ação a ela associada é a de encaixar/guardar os cartões (elementos exteriores ao miolo), nas ranhuras presentes nas páginas referentes à ilustração do arbusto. Após esse encaixe, o utilizador pode também retirar esses cartões e voltar a guardar nos envelopes indicados para o efeito no final do livro.

Para a página do “Hipopótamo e do Índio” pensou-se numa ação semelhante à anterior, mas esta diz respeito apenas ao facto de se poder guardar e retirar os cartões de dentro das mochilas (Figura 40) inseridas na página com esse propósito. Tal como acontece na ação anterior, da “Ema e da Enguia”, esta também engloba os elementos exteriores ao livro.

Na interação correspondente à página do “Ouriço e da Lontra”, a ação que se pretende é a de rodar a sopa, sendo que este elemento está fixo à página, mas permite a rotação. Ao efetuar esse gesto, a criança vai descobrindo que imagens estão dentro da sopa com o intuito de compreender e saber diferenciar se essas imagens apresentam um som oral, igual ao do “**ouriço**” ou um som nasal como o da “**lontra**”.

Por fim chegamos à vogal **u** e aqui procura-se associar as personagens “Urso” e “Atum” às imagens ilustradas nas páginas através de um fio preso às mesmas.



Figura 39. Flores. Desenho referente à interação para a história da Abelha e Andorinha.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 40. Mochilas. Desenho referente interação para a história do Hipopótamo e Índio.

Fonte: Investigadora, 2020



Figura 41. Cartões da vogal **i** guardados no envelope.

Fonte: Investigadora, 2020

4. Avaliação e Iteração

4.1. Avaliação por especialistas em Terapia da Fala

Após a conceção da primeira maquete, estávamos preparados para testá-la e validá-la. Sendo este um livro interativo, era necessária a participação dos utilizadores diretos. Contudo, devido à situação atual, não nos foi possível testar o projeto com o público-alvo da investigação. Deste modo, definiu-se um grupo de amostra para inquirir, optando-se por abordar três especialistas da área da terapia da fala, na zona de Coimbra, que nunca tinham tido contacto com este projeto.

A avaliação foi feita através da apresentação detalhada da maquete aos especialistas e de um questionário (Apêndice F), após a utilização e experimentação do objeto. O questionário tinha como finalidade perceber se o livro cumpria os objetivos propostos.

Primeiramente, efetuou-se uma breve introdução e explicação do projeto. Apresentou-se a maquete e enunciaram-se os objetivos. Depois, permitiu-se aos especialistas a experimentação total da maquete desenvolvida, dando-lhes total liberdade para a testar e observar com atenção. Sempre que se iam folheando as páginas e interagindo com o objeto, iam surgindo observações muito espontâneas e construtivas. Depois de concluída a observação por parte das terapeutas, foram-lhes apresentadas três questões com o propósito de validar os objetivos e perceber se, de facto, o livro pode ajudar estas crianças no processo de aprendizagem.

Em suma, todos os especialistas fizeram sugestões, propuseram ideias (Apêndice G) e teceram igualmente alguns elogios ao projeto e ao resultado da maquete. “(...) *as imagens e histórias são motivadoras para a leitura e permitem o desenvolvimento da temática das vogais.*” (Inquirido 1); “(...) *os exercícios no próprio livro são um grande ponto forte (...)*” (Inquirido 2) e “*O conteúdo do livro é bastante pertinente (...)*” (Inquirido 3).

As recomendações dos inquiridos passam por aumentar ligeiramente o corpo dos textos das histórias, tornando a leitura mais agradável; retirar a referência das pistas visuais referentes à *boca* e ao *nariz* nas páginas das atividades das vogais *a* e *o*, argumentando que algumas das crianças são perspicazes o suficiente para per-

ceber que um elemento se destina apenas ao som oral e o outro ao som nasal e, o que se pretende é que a criança consiga distinguir os sons sem recorrer ao simbolismo que tem a *boca* para som oral e o *nariz* para som nasal. Por último, foi sugerida a introdução das imagens das personagens das histórias nas páginas das atividades correspondentes, identificando cada uma com o som que lhe corresponde.

Para além destas recomendações, a Professora Doutora Ana Margarida Fragoso, arguente da prova de mestrado, sugeriu ainda que se incorporasse no livro uma folha de “soluções” que, de certa forma, auxilie os terapeutas/educadores/e encarregados de educação na confirmação das respostas das crianças. Considera-se esta recomendação bastante oportuna para desenvolvimento futuro, integrando a possível edição e publicação do livro desenvolvido.

Após a reflexão sobre estas recomendações e discussão com a orientação, procedeu-se ao desenvolvimento das correções e melhorias.

4.2. Iteração

Dada a experiência dos profissionais terapeutas da fala, considera-se que a avaliação foi uma importante mais valia para a investigação e, conseqüentemente, para o projeto. Estes conseguiram ajudar no sentido de perceber o que poderia ser melhorado, alterado ou retirado.

Após a análise das recomendações efetuadas pelos especialistas, iniciou-se a fase de iteração onde, após uma cuidada análise e reflexão, se materializaram as melhorias indicadas. Assim, efetuaram-se as seguintes alterações:

- 1- Aumentou-se ligeiramente o corpo dos textos das histórias (de 13pt para 14pt) de maneira a tornar a leitura mais agradável, mas não comprometendo a restante informação conferida pelas ilustrações.

- 2- Nas páginas da atividade da vogal *a*, retiraram-se os elementos visuais *boca* e *nariz* inseridos no olho de cada flor.

3- Nas páginas da atividade da vogal **a**, misturaram-se as imagens referentes aos dois sons (oral e nasal) nas duas flores, tornando mais desafiante a aprendizagem.

4- Nas páginas da atividade da vogal **o**, inseriu-se um sistema que pudesse ocultar a referência visual da *boca* e do *nariz*. Procurou-se incorporar uma nova roda, mais pequena, que cobrisse essas pistas visuais. Assim, após a resposta referente à identificação do som, a criança pode rodar esse círculo e confirmar a sua resposta.

3.7. Conceção da maquete

Depois da definição das atividades, da execução e, por fim, da conclusão de todos os elementos que compõem o livro – as ilustrações, páginas e interações – assim como da paginação, tudo estava reunido para a conceção da maquete final.

É de notar que esta fase do projeto se manifestou um grande desafio. O facto de ter de se montar página a página, colocar e fixar diferentes elementos, tornou-se um processo demorado. Todos os elementos eram diferentes e cada um com o seu pormenor, em que o recorte de buracos, como o círculo da sopa (Figura 42), foi um desafio, pelo facto de ter que se proceder ao recorte minucioso para que no fim tudo ficasse irrepreensível.

Seguidamente são apresentadas algumas imagens da maquete final do projeto *Vogais aos Pares*, sendo o objetivo demonstrar o resultado final do livro desenvolvido.

Figura 42.
Sopa. Desenho alusivo à interação para a vogal **o**.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 43.
Sopa. Pormenor da interação para a vogal **o**.

Fonte: Investigadora, 2020



3.7.1. Maquete final

As figuras que se seguem representam a maquete final do livro *Vogais aos Pares*. Pretendem demonstrar as ilustrações, a cor, as interações e outros elementos, que têm vindo a ser mencionados ao longo do projeto.



Figura 44.

Capa.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 45.

Contracapa.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 46.

Lombada.

Fonte: Investigadora, 2020

Figura 47.
Interior da capa e guardas.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 48.
Spread. História da Abelha e da Andorinha.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 49.
Spread. Interação das flores – vogal *a*.
Fonte: Investigadora, 2020



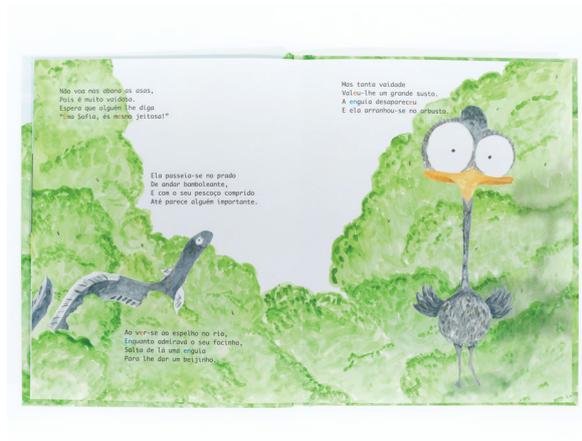


Figura 50.
 Spread. História da Ema e da Enguia.
 Fonte: Investigadora, 2020



Figura 51.
 Spread. Tarefa com cartões no
 arbusto – vogal e.
 Fonte: Investigadora, 2020

Figura 52.
Spread. História do Hipopótamo
e do Índio.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 53.
Spread. Tarefa com cartões nas
mochilas – vogal *i*.
Fonte: Investigadora, 2020





Figura 54.
Spread. História do Ouriço e da Lontra.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 55.
Spread. Interação da roda da sopa –
vogal o.
Fonte: Investigadora, 2020

Figura 56.
Spread. História do Urso e do Atum.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 57.
Interação do urso e do atum- vogal **u**.
Fonte: Investigadora, 2020





Figura 58.
Última página do livro e guarda.
Fonte: Investigadora, 2020



Figura 59.
Pormenor – envelope para guardar os
cartões da vogal *e*.
Fonte: Investigadora, 2020



IV

Conclusão e Recomendações

1. Conclusões e Recomendações

Esta investigação partiu da tomada de consciência de que existe um problema real que afeta o trabalho prático e de campo de profissionais inseridos na área da terapia da fala. Desde logo pareceu-nos que o design de comunicação possuía bastantes condições para ajudar a resolver o problema.

A fase de investigação foi realizada recorrendo à pesquisa e estudo sobre o tema, essencialmente das especificidades e áreas associadas à terapia da fala e análise do problema. Seguiu-se o desenvolvimento do projeto em que o grande desafio foi entender o que um livro interativo pode proporcionar no âmbito da aprendizagem de conteúdos.

Com as entrevistas, reuniões e observações de campo com os especialistas da área foi possível criar uma equipa de trabalho, gerar um entendimento geral sobre as dificuldades na aprendizagem de competências linguísticas, percetivas e comunicativas, assim como concluir que a realização de um objeto interativo manipulável para a faixa-etária compreendida entre os 3 e os 6 anos, seria uma boa aposta para a utilização no decorrer das sessões terapêuticas. O contacto com a terapia da fala fez-nos querer perceber mais e evoluir, de modo a contribuir de alguma forma para a resolução do problema encontrado.

Além da temática acima mencionada, foram abordadas outras como o design editorial e os seus princípios bem como a interatividade aplicada ao livro impresso. Estas foram essenciais para a interligação de todo o projeto.

A partir deste ponto foi-nos possível definir o principal objetivo do objeto desenvolvido e o estudo das interações impressas a incluir no mesmo, tento sempre como grande interesse estimular a aprendizagem e motivar a criança a descobrir mais. Juntamente com as terapeutas, fizemos um levantamento de várias hipóteses de abordagem.

Chegámos à conclusão que os elementos a serem transmitidos passariam por criar histórias e situações que permitissem uma aprendizagem mais fluída, divertida e eficaz. Neste sentido, foi fundamental adotar uma linguagem simples, acessível e divertida

a partir de rimas e repetição de sons, bem como a criação de cinco duplas de personagens que protagonizam as pequenas histórias relacionadas com as cinco vogais.

A partir deste ponto, recorreu-se à ilustração como ferramenta principal na transmissão dos conteúdos. Optámos por elaborar os desenhos das personagens conferindo-lhes um aspeto divertido, até com um certo humor, e utilizar cores fortes, que captassem de imediato a atenção da criança.

O facto de o livro realizado incluir tarefas e elementos tridimensionais, permite às crianças repeti-las quantas vezes quiserem de modo a reter por completo as informações e consequente aprendizagem pretendida.

Procedeu-se a uma maquete do livro, onde foi possível demonstrar as ideias base e funcionalidades atribuídas às ações a desempenhar através das interações.

Por fim, foi-nos permitido responder às questões “Como pode o Design de Comunicação contribuir para o tratamento de patologias no âmbito da Terapia da Fala, especificamente na área da fonologia?”, através da parceria criada com as terapeutas e da troca de conhecimentos de ambas as áreas.

Sendo esta uma dissertação de cariz teórico-prático, e que resulta num projeto final, apenas foi possível proceder à avaliação e iteração com especialistas da área da TF. Acredita-se que o projeto pode contribuir para o tratamento da patologia selecionada e para a área do design de comunicação e do design de interação, conduzindo-nos para uma nova e mais abrangente linha de investigação.

Com este projeto percebemos a importância de criar relações de confiança e empatia com o outro, quer seja com um colega de trabalho ou com um potencial cliente, através da partilha de ideais que permitam a criação de um projeto capaz e cumprir o seu objetivo.

Conclui-se que o final da investigação e do projeto pode assegurar um crescimento, tanto ao nível pessoal como de futura profissional. Todas as aprendizagens ao longo do processo, um maior conhecimento acerca da terapia da fala e a aquisição de novas competências, culminou numa visão mais crítica sobre a profissão e sobre o contributo que o papel do designer pode ter, incidindo de forma positiva na transmissão e aprendizagem de conteúdos.

Percebemos também que, por vezes surgem incapacidades que nos impedem de cumprir um método pré-estabelecido que acaba por se impor ao que inicialmente estava previsto, bem como so-

lucionar esses impedimentos da melhor forma para o sucesso do projeto proposto.

A realização desta investigação possibilitou a descoberta de uma parceria que se mostrou concretizável e capaz de trazer benefícios para ambas as áreas.

1.1. Recomendações para futuras investigações

Este texto pretende apresentar uma série de recomendações que possam influenciar futuras investigações em áreas do interesse idênticas à desta investigação.

Recomenda-se que a investigação da história e evolução do design editorial de livros, especificamente de livros para a infância ilustrados em Portugal, tendo esta ficado por abordar.

Acredita-se também que uma investigação mais aprofundada sobre a ilustração e a perceção visual da criança seja de todo o interesse.

Considera-se que ainda há muito para explorar no âmbito do design de interação e da interatividade em materiais impressos, bem como a investigação centrada no utilizador.

Seria de todo o interesse continuar a alargar esta temática com o objetivo de ajudar a melhorar o processo de aprendizagem de crianças com dificuldades do âmbito do projeto desenvolvido.

Seria igualmente importante estabelecer um contacto com o utilizador e que esse fosse incluído sempre no processo, de modo a criar novas soluções e a responder às suas necessidades reais. A observação de como é que o produto final funciona com as crianças portadoras deste tipo de condição, poderia ser outra das recomendações a ter em conta.

Seria também interessante pensar na tradução do livro para outras línguas.

Considera-se que seria de todo o interesse proceder à divulgação do projeto com a intenção de chegar ao maior número de especialistas em terapia da fala, educadores e pais. Acredita-se que esta divulgação possa passar pela edição e publicação do livro *Vogais aos Pares*, que faria sentido numa parceria entre a autora e o Centro de

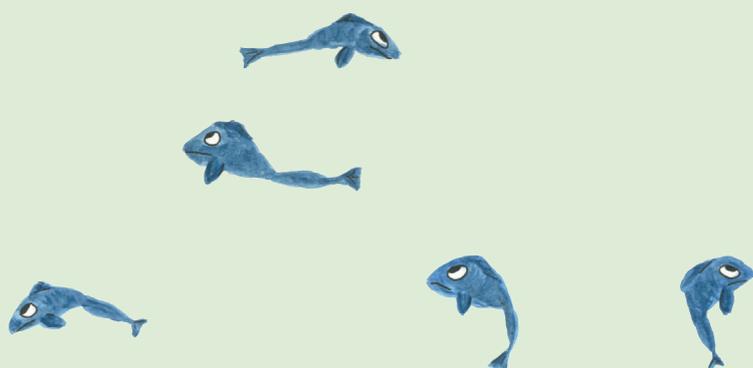
Desenvolvimento Infantil *Diferenças* – que se constituiu como um aliado muito importante no desenvolvimento do projeto – assim como com as terapeutas que participaram na sua avaliação.

Seria igualmente pertinente continuar a investigar nesta área e a realizar materiais gráficos de apoio a este tipo de terapias. Para tal, seria ideal manter as parcerias estabelecidas e, eventualmente, alargar o leque, sempre com o intuito de chegar mais longe.

Espera-se, por fim, que a presente dissertação sirva de ponto de partida para novas investigações na área do design editorial associado à interatividade, contribuindo de forma positiva na descoberta de novas soluções.

V

Elementos Pós-Textuais



1. Referências Bibliográficas

American Speech-Language-Hearing Association. (2007) [Online] <http://www.asha.org/>

AMSTEL, F. (2006). *Afinal, o que é o Design de Interação?* [Online] http://www.usabilidoido.com.br/afinal_o_que_e_design_de_interacao.html

ANDRADE, F. (2012). *Perturbações da linguagem na criança: análise e caracterização.* Universidade de Aveiro, Comissão Editorial.

APTE. (2017). *O Terapeuta da Fala.* [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home>

APTE. (2017). *O Terapeuta pode fazer a diferença.* [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home>

Artigos de Apoio Infopédia. (2003). *Funções da imagem.* Porto Editora. [Online] [https://www.infopedia.pt/\\$funcoes-da-imagem](https://www.infopedia.pt/$funcoes-da-imagem)

Árvore de Livros. (2016). *A importância da ilustração no livro infantil e o papel do ilustrador.* [Online] <http://blog.arvoredelivros.com.br/importancia-da-ilustracao-no-livro-infantil-e-o-papel-do-ilustrador/>

BERNSTEIN, D. (2002). *The nature of language and its disorders.* In D. Bernstein e E. Tiegerman. *Language and Communication Disorders in Children.* Boston: Allyn and Bacon.

BRINGHURST, R. (2005). *Elementos do Estilo Tipográfico* (versão 3). Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *The Elements of Typographic Style*, 1992].

BRISOLARA, D. (2009). *Proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica.* InfoDesign Revists Brasileira de Design da Informação.

CADEMARTORI, L. (s.d.). *Literatura Infantil*. [Online] <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>

CAZENEUVE, J. (Dir). (1976). *Guia Alfabético das Comunicações de Massas*. Lisboa: Edições 70.

CALDWELL, C, ZAPPATERRA, Y. (2014). *Editorial Design – Digital and Print*. London. Laurence King Publishing Ltd.

FARIA, M I, PERIÇÃO, M G. (2008). Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico. Almedina, Coimbra.

FARIA, M I, PERIÇÃO, M G. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Almedina, Coimbra.

FERNANDES, I., ROSADO, S. (s.d.). *Consciência Fonológica – O que é a consciência fonológica?* ITAD – Instituto de Apoio e Desenvolvimento. [Online] <http://www.itad.pt/problemas-escolares/consciencia-fonologica/> [Consultado a 2 de fevereiro de 2019]

FERREIRA, S. (s.d.). *Alterações da comunicação, da linguagem e da fala na criança*. Centro de Reabilitação de Santarém.

FRANCO, M., REIS, M. & GIL, T. (2003). *Comunicação, Linguagem e Fala. Perturbações específicas de linguagem em contexto escolar*. Fundamentos. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

FRASCARA, J. (2004). *Communication Design: Principles, Methods, and Practise*. New York: Allworth Press.

FREITAS, M., ALVES, D., COSTA, T. (2007). *O conhecimento da língua – Desenvolver a consciência fonológica*. Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

HASLAM, A. (2006). *Book Design*. London: Laurence King Publishing, ISBN: 978-1-85669-473-5

HEETER, C. (2000). *Interactivity in the context of designed experiences*. Journal of Interactive Advertising, 1(1). American Academy of Advertising.

HOLLIS, R. (2001). *Design Gráfico. Uma história concisa*. 1ª edição. Tradução de Carlos Daudt. São Paulo. Martins Fontes. [Edi-

ção original em língua inglesa: *Graphic Design: A concise history*. 2000]

JURY, D. (2007). *O que é a Tipografia?* Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. KANE, J. (2002). *Manual de Tipografia*. Barcelona: Gustavo Gili. [Edição original em língua inglesa: *A type primer*]

LUPTON, E. (2006). *Pensar com tipos*. Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *Thinking with type*, 2004]

MEGGS, P B, PURVIS, A. (2009). *História do Design Gráfico*. KNIPEL, T. C. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *A History of Graphic Design*, 1983. Presente versão traduzida da 4ª edição americana, 2005]

MOGGRIDGE, B. (2007). *Designing interactions*. The MIT Press, Cambridge and London.

MUNARI, B. (1987). *Fantasia*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença.

O Risquinhas. (s.d.). *O que é a Terapia da Fala?* O Risquinhas – Creche e Jardim de Infância.

Papa-Letras. (2020). *Jogos com Sons* [Online] <https://papa-letras.pt/detalhes/139/jogos-com-sons>

PIMENTA, R. (2015). *E afinal o que é um livro infantil?* [Online] <https://www.publico.pt/2015/12/20/culturaipsilon/noticia/e-afinal-o-que-e-um-livro-infantil-1717830>

Portal Educação. (s.d.). *Entenda os livros interativos*. [Online] <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/entenda-os-livros-interativos/28353>

RAFAELI, S. (1988). *Interactivity: from new media to communication*. in: *Advancing communication science: merging mass and interpersonal processes*. Sage, Londres. [Online] http://gsb.haifa.ac.il/~sheizaf/interactivity/Rafaeli_interactivity.pdf

Relicário de Sons. (2020). *Jogos com Sons*. [Online] <http://loja.relicariodesons.com/product/jogos-com-sons>

RICHARDS, R. (2005). *Users, interactivity and generation*. New Media and Society. Sage Publications.

ROLO, E. (2017). *White space in Editorial Design*. In F. Rebelo & M. Soares (Eds.), *Advances in Ergonomics in Design*. AHFE 2017. *Advances in Intelligent Systems and Computing*, (Vol.588): Springer, Cham, 2017.

ROMANI, E., MAZZILLI, C. T. S. (2012). *O Design do Livro-Objeto Infantil*. Guimarães: [s.n.]

ROMBERT, J. (2018). *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para Terapia da Fala*. Lisboa, Editora Booksmile.

SANTOS, R. (2014). *4 Anos de uma História em Construção*. Sociedade Portuguesa de Terapia da Fala [Online] <https://sptf.org.pt/historia/>

SIM-SIM, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa

SPIEKERMANN, E. , GINGER, E. M. (1993). *Stop Stealing Sheep & find out how type works*. Mountain View California: Adobe Press.

TSCHICHOLD, J. (1975). *A Forma do Livro – Ensaio sobre tipografia e estética do livro*. Ateliê Editorial.

WOLOSZYN, M. GONÇALVES, B. (2018). *Dimensões e fatores de aplicação da tipografia em livros digitais*. Infodesign, São Paulo.

2. Bibliografia

Livros

ANDRADE, F. (2012). *Perturbações da linguagem na criança: análise e caracterização*. Universidade de Aveiro, Comissão Editorial.

BERNSTEIN, D. (2002). *The nature of language and its disorders*. In D. Bernstein e E. Tiegerman. *Language and Communication Disorders in Children*. Boston: Allyn and Bacon.

BRINGHURST, R. (2005). *Elementos do Estilo Tipográfico* (ver-

são 3). Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *The Elements of Typographic Style*, 1992].

BRISOLARA, D. (2009). *Proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica*. InfoDesign Revists Brasileira de Design da Informação.

CADEMARTORI, L. (s.d.). *Literatura Infantil*. [Online] <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>

CALDWELL, C, ZAPPATERRA, Y. (2014). *Editorial Design – Digital and Print*. London. Laurence King Publishing Ltd.

FARIA, M I, PERIÇÃO, M G. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Almedina, Coimbra.

CARDOSO, A. (2017). *Brincar com os Sons das Vogais*. Coimbra, Recortar Palavras – Associação Artística, Literária, Educacional e Lúdica.

CAZENEUVE, J. (Dir). (1976). *Guia Alfabético das Comunicações de Massas*. Lisboa: Edições 70.

FARIA, M I, PERIÇÃO, M G. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Almedina, Coimbra.

FERREIRA, S. (s.d.). *Alterações da comunicação, da linguagem e da fala na criança*. Centro de Reabilitação de Santarém.

FRANCO, M., REIS, M. & GIL, T. (2003). *Comunicação, Linguagem e Fala. Perturbações específicas de linguagem em contexto escolar*. Fundamentos. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

FRASCARA, J. (2004). *Communication Design: Principles, Methods, and Practise*. New York: Allworth Press.

HASLAM, A. (2006). *Book Design*. London: Laurence King Publishing, ISBN: 978-1-85669-473-5

HEETER, C. (2000). *Interactivity in the context of designed experiences*. Journal of Interactive Advertising, 1(1). American Academy of Advertising.

HOLLIS, R. (2001). *Design Gráfico. Uma história concisa.* 1ª edição. Tradução de Carlos Daudt. São Paulo. Martins Fontes. [Edição original em língua inglesa: *Graphic Design: A concise history.* 2000]

JURY, D. (2007). *O que é a Tipografia?* Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. **KANE, J. (2002).** *Manual de Tipografia.* Barcelona: Gustavo Gili. [Edição original em língua inglesa: *A type primer*]

KANE, J. (2002). *Manual de Tipografia.* Barcelona: Gustavo Gili. [Edição original em língua inglesa: *A type primer*]

LUPTON, E. (2006). *Pensar com tipos.* Tradução de André Stolarsky. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *Thinking with type,* 2004]

MEGGS, P B, PURVIS, A. (2009). *História do Design Gráfico.* KNIPEL, T. C. São Paulo: Cosac Naify. [Edição original em língua inglesa: *A History of Graphic Design,* 1983. Presente versão traduzida da 4ª edição americana, 2005]

MOGGRIDGE, B. (2007). *Designing interactions.* The MIT Press, Cambridge and London.

MUNARI, B. (1987). *Fantasia.* 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença.

RAFAELI, S. (1988). *Interactivity: from new media to communication.* in: *Advancing communication science: merging mass and interpersonal processes.* Sage, Londres. [Online] http://gsb.haifa.ac.il/~sheizaf/interactivity/Rafaeli_interactivity.pdf

RICHARDS, R. (2005). *Users, interactivity and generation.* New Media and Society. Sage Publications.

ROMANI, E., MAZZILLI, C. T. S. (2012). *O Design do Livro-Objeto Infantil.* Guimarães: [s.n.]

ROMBERT, J. (2018). *À Descoberta dos Sons – Atividades Divertidas para Terapia da Fala.* Lisboa, Editora Booksmile.

SIM-SIM, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem.* Universidade Aberta. Lisboa

SPIEKERMANN, E. , GINGER, E. M. (1993). *Stop Stealing Sheep*

☞ find out how type works. Mountain View California: Adobe Press.

TSCHICHOLD, J. (1975). *A Forma do Livro – Ensaio sobre tipografia e estética do livro.* Ateliê Editorial.

WOLOSZYN, M. GONÇALVES, B. (2018). *Dimensões e fatores de aplicação da tipografia em livros digitais.* Infodesign, São Paulo.

Artigos

ABREU, A. (2010). *Revelações que a escrita não faz: A ilustração do livro infantil.* Baleia na Rede. Revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.

BRISOLARA, D. (2009). *Proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica.* InfoDesign Revists Brasileira de Design da Informação.

NUNES, M., GOMES, P. (s.d.). *A importância das ilustrações na literatura infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens.* Universidade Federal de Campina Grande.

ROLO, E. (2017). *White space in Editorial Design.* In F. Rebelo & M. Soares (Eds.), *Advances in Ergonomics in Design.* AHFE 2017. *Advances in Intelligent Systems and Computing*, (Vol.588): Springer, Cham, 2017.

Dissertações e Teses

BATISTA, J. (2011). *O perfil do terapeuta da fala em Portugal.* Secção Autónoma de Ciências da Saúde do Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática e do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

CARDOSO, S. (2011). *Consciência de Palavra em Crianças de Ida-*

de Pré-escolar e Escolar. Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúba.

CLARISSE, A. (2013). *Prática baseada na evidência em terapia da fala*. Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Lisboa.

FARINHA, A. (2017). *Design de comunicação e terapia da fala*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

FIGUEIRA, A. (2015). *Design Editorial e de Interação: I&D de e-book para crianças dos 6 aos 9 anos de idade*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

MARTINHO, C. (2017). *Design editorial: Ilustração e edição de livro infanti*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

NEVES, M. (2012). *Design gráfico e o utilizador: Estratégias de interactividade e participação nos objectos impressos*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

PAULO, J. (2014). *Design editorial: A ilustração e a interatividade no livro para a infância*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

QUENTAL, J. (2009). *A ilustração enquanto processo e pensamento*. Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

RIBERIO, M. (2011). *Do desenho à ilustração infantil*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

ROMANI, E. (2011). *Design do livro-objeto infantil*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

SANTOS, A. (2016). *Conhecimento da intervenção dos Terapeutas da Fala analisado por estudantes das áreas da saúde*. Escola Superior de Saúde do Alcoitão.

SILVA, V. (2010). *Estudo da interatividade em livros*. Escola Superior de Design de Matosinhos.

TORPES, M. (2017). *Design inclusivo para a infância. Descomplicando a Síndrome de Asperge*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Páginas Web

American Speech-Language-Hearing Association. (2007) [Online] <http://www.asha.org/> [Consultado a 26 de janeiro de 2018]

AMSTEL, F. (2006). *Afinal, o que é o Design de Interação?* [Online] http://www.usabilidoido.com.br/afinal_o_que_e_design_de_interacao.html [Consultado a 28 de janeiro de 2018]

APTE. (2017). *O Terapeuta da Fala.* [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home> [Consultado a 5 de dezembro de 2017]

APTE. (2017). *O Terapeuta pode fazer a diferença.* [Online] <http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/copia-home> [Consultado a 6 de dezembro de 2017]

Artigos de Apoio Infopédia. (2003). *Funções da imagem.* Porto Editora. [Online] [https://www.infopedia.pt/\\$funcoes-da-imagem](https://www.infopedia.pt/$funcoes-da-imagem) [Consultado a 27 de janeiro de 2017]

Árvore de Livros. (2016). *A importância da ilustração no livro infantil e o papel do ilustrador.* [Online] <http://blog.arvoredelivros.com.br/importancia-da-ilustracao-no-livro-infantil-e-o-papel-do-ilustrador/> [Consultado a 27 de janeiro de 2018]

CADEMARTORI, L. (s.d.). *Literatura Infantil.* [Online] <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil> [Consultado a 26 de janeiro de 2018]

FERNANDES, I., ROSADO, S. (s.d.). *Consciência Fonológica – O que é a consciência fonológica?* ITAD – Instituto de Apoio e Desenvolvimento. [Online] <http://www.itad.pt/problemas-escolares/consciencia-fonologica/> [Consultado a 2 de fevereiro de 2019]

O Risquinhas. (s.d.). *O que é a Terapia da Fala?* O Risquinhas – Creche e Jardim de Infância. [Consultado a 8 de agosto de 2020]

PIMENTA, R. (2015). *E afinal o que é um livro infantil?* [Online] <https://www.publico.pt/2015/12/20/culturaipsilon/noticia/e-afinal-o-que-e-um-livro-infantil-1717830> [Consultado a 24 de janeiro de 2018]

Portal Educação. (s.d.). *Entenda os livros interativos.* [Online] <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/entenda-os-livros-interativos/28353> [Consultado a 28 de janeiro de 2018]

SANTOS, C. (2017). *Terapia da Fala na idade Pré-escolar. Será muito cedo?* Bairrada Informação, Jornal Online. [Online] <https://www.bairradainformacao.pt/2017/11/28/terapia-da-fala-na-idade-pre-escolar-sera-muito-cedo/> [Consultado a 15 de janeiro de 2019]

SANTOS, R. (2014). *4 Anos de uma História em Construção.* Sociedade Portuguesa de Terapia da Fala. [Online] <https://sptf.org.pt/historia/> [Consultado a 4 de agosto de 2020]

Tipografia. (2007). *Parâmetros que afetam a legibilidade.* [Online] <http://tipografos.net/boas-praticas/parametros-legibilidade.html> [Consultado a 5 de fevereiro de 2019]

Apêndices



Apêndice A

Guião para entrevista com as terapeutas da fala Ana Leal e Maria João – Centro Médico de Santarém

1. Quais as faixas etárias trabalhadas em terapia da fala?
2. Quais são as patologias inseridas na terapia da fala?
3. Como se tratam essas patologias?
4. Que materiais existem (livros, jogos, etc.)?
5. De que tipo de materiais sentem falta na comunicação e explicação dos conteúdos?
6. O livro é utilizado para o tratamento?
7. Que tipo de conteúdo têm esses livros?
8. Que exercícios realizam a partir do livro ou no mesmo?
9. Como poderia o livro tornar-se interessante e apelativo para as crianças?
10. Haverá a possibilidade de assistir a algumas sessões?
11. Qual a bibliografia existente da área?

Apêndice B

Guião para entrevista com a terapeuta da fala Leonor Mineiro Castro – Centro de Desenvolvimento Infantil Diferenças

1. Quais as faixas etárias trabalhadas em terapia da fala?
2. Quais são as patologias inseridas na terapia da fala?
3. Como se tratam essas patologias?
4. Que materiais existem (livros, jogos, etc.)?
5. O livro é utilizado para o tratamento?
6. Que tipo de conteúdo têm esses livros?
7. Que exercícios realizam a partir do livro?
8. Como poderia o livro tornar-se interessante e apelativo para as crianças?
9. Que elementos podem estar inseridos no livro? (Ex: ser interativo, apresentar muita cor, etc.)?
10. Realizando um livro com uma história é possível a partir daí realizarem exercícios/tarefas? Ou preferem um livro de atividades e exercícios?
11. Haverá a possibilidade de assistir a algumas sessões?

Apêndice C

Entrevista exploratória com as terapeutas Ana Leal e Maria João – Centro Médico de Santarém

Marta Rosmaninho: Olá. Eu estou a começar agora a tese de mestrado e, em conversa entre amigos percebi que a área da terapia da fala apresenta algumas dificuldades no que toca ao material para trabalhar...

Ana Leal: É verdade, muitas vezes somos nós que fazemos os jogos, adaptamos de modo a conseguirmos trabalhar com os miúdos.

MR: Compreendo. Relativamente ao que trabalham aqui nas sessões... pode explicar brevemente para ter uma noção mais clara?

AL: Sim, claro. Temos a linguagem, perturbações articulatórias, fonológicas, isso é o que nos aparece mais. E depois temos a parte da leitura e da escrita. Se calhar já não é muito a tua área e se calhar não querias ir muito por aí, ou se era uma faixa etária mais pequena.

MR: Pois, o livro terá texto, agora vai depender da faixa etária, porque se for 5/6 é aquela altura em que eles estão a começar a ler e a escrever. Aí já teria um bocadinho mais de texto.

AL: Eu vou mostrar aqui o que é mais ou menos o que está aí no folheto. É um vídeo que nós fizemos aqui na nossa clínica para o Dia Mundial da Terapia da Fala e que explica o que é a terapia da fala. Tem todas as nossas áreas e assim já ficas a saber um bocadinho. Depois vamos falando.

AL: Portanto, temos a linguagem e dentro da linguagem existe a parte da compreensão e a parte da expressão. Deixa-me ver se eu encontro aqui alguns livros adaptados, não sei se também seria interessante veres.

MR: Sim.

AL: Adaptados assim à nossa maneira, não é? Ou seja, como nós costumamos fazer.

MR: Utilizam muito as tecnologias?

AL: Sim, usamos. Pronto, é assim muito básico. Isto não fui eu que fiz, atenção. Em grupo fizemos muitas coisas. Mas é tudo assim com este tipo de imagens.

MR: Eu estava a pensar fazer ilustração, mas queria perceber o que existe ao nível de livros que utilizem para perceber melhor que tipo de ilustrações têm ou que tipo de texto e exercícios possuem. Usam aqueles livros 3D, interativos? Que tenham bolsinhas e coisas para tirar...

AL: Ah, por acaso não temos aqui nenhum. Eu não costumo muito utilizar. Mas com colagens, ímanes?

MR: Um livro interativo que eles possam mexer e mudar as coisas de sítio...

AL: Sim, isso seria interessante, nós por acaso não temos aqui... Não temos muito a faixa etária de crianças assim pequeninas, se calhar a minha colega Maria João tem mais, eu estou mais responsável pela parte dos adultos. Seria interessante falares também com ela, porque a Maria João gora está a tirar a pós-graduação nessa área e se calhar disponibiliza alguns materiais interessantes. Em termos de livros... Já existem livros adaptados de histórias. Por exemplo, aqui está uma história muito simples e é tudo com este tipo de imagens que nós fazemos aqui. Não era essa a ideia que tu tinhas de livro adaptado?

MR: Não...

AL: Qual era a tua ideia de livro adaptado?

MR: Era conjugar o texto com a ilustração e com sistemas interativos dentro do livro.

AL: Mas não tinhas ideia de fazer em digital?

MR: Sim, elaborar digitalmente para depois imprimir.

AL: Pois, porque nós fazemos mais assim deste género, ou seja, todo o texto é transformado em imagens de apoio.

MR: Os livros que têm tratam que tipos de patologias? É à base de rimas, à base de frases muito simples...

AL: Nós não temos aqui livros assim. Usamos muito assim... Sem ser estes que nós usamos mais no computador propriamente. Não sei se a Maria João tem mais, mas penso que não. Como vês, utilizamos assim este género, sendo que estes se destinam ao aumento de vocabulário. História não tenho aqui nenhum para te mostrar, curioso. Eu não uso muito, porque é a tal coisa, também não tenho muitas crianças que possa pegar assim nessa parte dos livros. Nós também usamos muito a descrição de imagens e o conto de histórias, ou seja, eles organizam uma sequência para contar as histórias.

MR: Mas são peças soltas?

AL: Não, é do género... Não olhes para a nossa desarrumação! Eu mostro-te um exemplo no tablet. Tu se calhar querias pensar numa coisa para os mais pequeninos.

MR: Sim, mas eles já tinham de começar a introduzir palavras. A introduzir a escrita e a leitura.

AL: Ah, então já é mais...

MR: Eu estava a pensar ou nos 4/5 ou nos 5/7.

AL: E então, não seria mais interessante assim para os mais pequeninos, mesmo mais pequeninos?

MR: É o que sentem mais falta?

AL: Pois, eu acho que sim.

MR: Sim, posso pensar.

AL: 2/3 anos, 3/4 anos...

MR: Normalmente nessa idade quais são os maiores problemas?

AL: São crianças que chegam até nós sem produzirem nenhum tipo de palavra.

MR: Autismo e assim?

AL: Sim, quer dizer nem só...

MR: Ou não conseguem escrever o nome, nem dizer...

AL: Não, os nomes não conseguem escrever, com esta idade não conseguem escrever de certeza. Agora temos cada vez mais crianças que não possuem nenhuma patologia associada, ou seja, nenhum autismo, nenhuma surdez, não têm nenhuma síndrome de Down, mas que têm este ligeiro atraso. E sinceramente é onde nós, eu pelo menos, sinto mais falta de material, porque aqui já consegues fazer atividades deste género, ou seja, eles já conseguem perceber qual é que vem primeiro qual é que é, e consegues falar um bocadinho de modo a que consigam contar a história. Agora, com essa idade passa um bocadinho por nós conseguirmos expandirmos o vocabulário, ou seja, são crianças que não dizem...

MR: Nem “mãe” nem “pai” ou...

AL: Sim, às vezes dizem ou “mãe” ou “pai”, que são mesmo as mais básicas, mas que não conseguem, por exemplo, fazer uma frase e aí o objetivo é que eles adquiram vocabulário de várias categorias semânticas e comecem a construir pequenas frases.

MR: Ok, eu queria mesmo ir para o livro, porque tenho a noção de que agora cada vez mais estão mais próximos dos *tablets*, da tecnologia...

AL: Não, sim, sim, sim.

MR: E a intenção é tentar que o livro continuasse importante, desde criança até à adolescência, que fizesse parte da aprendizagem. Porque eu também apanhei esta fase, mas muito depois de começarmos com os livros e esses materiais mais... Que nós podemos agarrar.

AL: Sim, sim, sim.

MR: E era essa a minha ideia, não deixar esquecer o livro.

AL: Ah, então exatamente, não querias... O livro seria para imprimir e para ser usado como livro mas fazendo essa interação.

MR: Por exemplo, o que eles fazem aqui, de fazer assim, de poderem fazer no livro.

AL: E tu vais conseguir fazer isso?

MR: Eu vou tentar!

AL: Sim, sem dúvida que é a parte interessante. Então, por aí tu terias que começar por pegar numa história...

MR: Sim, ou criar uma ou... Teria que ser muito simples, não é? Para estas idades...

AL: Não estou a dizer que têm de ser essas idades. Podes...

MR: Mas se é o que sentem mais falta, mesmo no mercado, se é o que há em menor quantidade...

AL: É assim, eu acho que às vezes é sempre muito mais difícil nós irmos pensar...

MR: Encontrar material para os mais pequenos.

AL: Sim, porque tem que ser mesmo muito básico. Se calhar aí também tem que ser muito básico, e talvez até seja mais difícil. Por isso terias que pensar assim... Mas se calhar a minha colega tem outras ideias, porque ela está mais vocacionada para isso, e

até terá outra opinião. Eu vou ver se ela já pode vir aqui. Eu realmente tinha pensado numa ideia mais assim deste género, porque para nós isto é que são histórias adaptadas. Mas isso não tem nada demais, é agarrar numa história e nós temos um programa, que agora não me recordo o nome, que basta escrever a frase e ele traduz nestas ilustrações. Não sei se já ouviste falar...

MR: Não, por acaso não.

AL: Deixa-me ver se consigo descobrir qual é que é o programa.

AL: A Marta quer saber quais são os livros que nós usamos e qual é que seria a faixa etária em que ela poderia apostar...

Maria João: Livros...

AL: Sim. Nós não temos aqui muitos...

MJ: Mas livros de histórias?

MR: Sim. Ou, por exemplo, este é de vocabulário, não é?

AL: Sim, este é. Eu não costumo usar muito livros em contexto de sessão. Sei que tu usas mais do que eu.

MJ: Sim, tento. Houve uma altura em que tentava usar mais os livros também para tentar fazer atividades diferentes com as crianças. É certo que há livros que já, tendo em conta os nossos objetivos, vêm minimamente adaptados mas há outros que temos de trabalhar um bocadinho mais. Agora estou-me a lembrar deste aqui, está aqui tão escondido. Ou seja, gostei deste aqui pela parte dos desenhos.

MR: Ilustração, sim.

MJ: Sim, ilustração, e é uma história engraçada... Um cão que desaparece. Gostei da história e a forma como eles aproveitaram a própria estrutura do livro para fazer uma história, não é? Com isto aproveitei para trabalhar questões de leitura e escrita, mas fui eu que tive de adaptar. Tive de fazer perguntas, não é um livro que vem preparado. Era só a questão da história.

AL: E este aqui para a parte da leitura e da escrita. Às vezes sentimos mais falta neste tipo de materiais com os meninos mais pequeninos, dos 3/4 anos.

MJ: Sim, e também para mais velhos, não?

AL: Pois, ou então para mais velhos já capazes da leitura e da escrita, agora depende.

MR: Qual seria a idade?

AL: Os 5/7 anos que estavas aí a sugerir.

MJ: Ou seja, aquela faixa do 2º/3º ano...

MR: Que estão a iniciar a escola.

MJ: Sim, acho que é mais fácil adquirir material, também no que toca às histórias e livros é mais simples para eles. Agora o 1º ano, em que estão a começar a dar os primeiros passos, não os vamos pôr a ler isto, e mesmo para os mais velhos em termos de temáticas, fica complicado, porque as histórias que temos acabam por ser muito infantis.

AL: Mas esses aí já é o quê? 10 anos...

MJ: Sim, ou seja, 4º/5º ano. Mas a tua tese é sobre o quê?

MR: Eu gostava de fazer um livro interativo e tenho que escolher a melhor faixa etária para este projeto. Estou na dúvida... Tenho interesse em saber o que sentem falta, se são os 3/4 anos, os 5/7.

AL: A dos 3/4 anos é um bocado difícil... Há bastantes livros, porém eu considero ser sempre mais difícil pegarmos nessa essa faixa etária. Mas sim, podemos pensar que para ti seria mais fácil. Colocando aqui a parte da leitura e da escrita...

MR: Pois... Em termos de materiais, qual é a vossa necessidade?

AL: Interativos ou em termos de quê, de...?

MR: Por exemplo, o que se faz num *tablet*...

AL: Mas fazer em livro.

MR: Isto é, o que fazemos a arrastar o dedo, conseguir fazer num livro.

AL: Eu até tinha pensado inicialmente, quando falaste ao telefone, que era algo assim deste género. Isto para nós é um livro adaptado, mas sim, também não é de todo... Já existem muitas coisas assim deste género, com estas imagens. Como é que se chama este programa, Maria João? Arasaac? É assim, não é?

MJ: Sim, está mesmo disponível na *internet*.

AL: Este talvez seja um dos mais recentes que utilizamos como...

MJ: Sim, e que muitas terapeutas da fala apreciam.

AL: Sim, para fazer adaptação de história e para... Este já dá mesmo para escrever a frase e aparecer as imagens, ou não?

MJ: Existe um programa, acho que é uma aplicação, AraWord, em que tu escreves a palavra e automaticamente surge o desenho. Ainda não fui à procura. Em termos de imagens é, pelo menos para nós, bastante bom, bastante explícito e claro.

AL: Não que as imagens sejam bonitas, não é assim nada de especial...

MR: Sim, mas são diretas e simples...

AL: Sim, isso é o objetivo da nossa comunicação. Ok, então pronto decidimos aqui a faixa etária mais...

MJ: Sim, talvez possas jogar mais... Também te sentes bem com esta faixa etária?

MR: Sim, julgo que sim.

AL: Pronto, aqui os 5/7 anos. Quais são as patologias principais desta idade? Depende, mas a leitura e escrita.

MJ: Mais a consciência fonológica.

AL: Sim.

MJ: Já estiveste a explicar um bocadinho como é a consciência fonológica?

AL: Não, não lhe expliquei a parte da consciência fonológica. Eu mostrei aquele vídeo que nós fizemos a mostrar o que é a Terapia da Fala.

MR: Será que me podiam enviar o vídeo?

AL: Sim. Não há problema. Vamos explicar aqui um bocadinho esta parte da escrita.

MJ: Acho que é importante.

AL: Sim. A consciência fonológica é a capacidade da criança perceber de que a fala é constituída, por, por exemplo, uma frase, que por sua vez é constituída por palavras, a palavra que se divide em sílabas e que das sílabas se transformam em fonemas não é? Ou seja, é essa capacidade.

MJ: E ter esta consciência é importante. No pré-escolar, digamos assim, antes de eles entrarem na parte da leitura e escrita propriamente dita, é importante as crianças, por exemplo, terem consciência das rimas. Podem não saber explicar, mas sabem que “cão” e “pão” rimam...

MR: São idênticas.

MJ: Sim.

AL: Também conhecerem as palavras que começam com o mesmo som, ter essa capacidade, apesar de no pré-escolar não conseguirem dizer o nome das letras, mas sim perceber qual é que é o

som que faz. É importante nós termos na consciência fonológica a relação grafema/fonema. É fundamental para elas depois começarem a escrever, ou seja, perceberem que aquela letra faz aquele som. Sim, isso pode ser trabalhado antes, ainda no pré-escolar. Aliás, deve ser.

MR: Os do pré-escolar seria os 4/5 anos?

AL: Sim. Mas nós temos imensas crianças a chegarem ao 1º ano que não têm nenhuma destas capacidades, aliás o problema é esse, não é? Não conseguem fazer segmentação silábica, não têm noção sequer de que uma palavra, duas e mais começam com o mesmo som, por exemplo, “cão” e “camisola”. Claro que isto segue tudo uma ordem. É normal que comecem a ter noção em primeiro lugar da sílaba, que as palavras são constituídas por sílabas. Começam por adquirir isso e só noutra fase, ali no 1º ano, é que é suposto que elas comecem a ter noção do fonema, ou seja, do som. No pré-escolar é normal que elas não saibam que uma palavra tem aqueles sons todos, mas já é normal que consigam fazer a parte da segmentação silábica. Mas isso aí também é um mundo, não é? A parte da consciência fonológica é um mundo. E eu acho, sinceramente, que há mais material já desenvolvido para a parte da consciência fonológica do que, por exemplo, para a compreensão da leitura. Ou para o ritmo e velocidade de leitura, não sei...

MJ: Sim, eu pensava... Agora estava a entrar um bocadinho nesta parte da consciência fonológica, deixa-me pensar, se fosse um livro, lá está... O produto final, um livro interativo que pudesse ser utilizado, por exemplo, pelas educadoras de infância nas suas salas de modo a trabalharem isso. Ser um suporte para.

AL: Eu sei que, quer dizer, soube agora neste fim-de-semana, que está à espera de autorização, um em formato digital só com a consciência fonológica. Foi desenvolvido na Universidade de Aveiro. Eu não sei, não conheço nada para a parte da velocidade da leitura.
MR: Isso seria em que faixa etária?

AL: 6/7, sim. No final do 1º ano. E chegam-nos imensas crianças que, em termos de automatização da leitura não está nada bem. Elas têm uma leitura completamente silabada e o nosso objetivo é

tornar aquela fluência e ritmo. Por exemplo, estou-me a lembrar ali dos livros que têm aquelas atividades de ter que ler umas x palavras por um determinado tempo.

MJ: Para isso também é necessário saber os tempos que são precisos para cada faixa etária.

AL: Sim, existem dados normativos com o número de palavras que as crianças têm que ler por faixa etária.

MR: E outras patologias?

AL: Temos a parte da linguagem. Conforme a idade também temos atrasos.

MJ: As competências que nós queremos trabalhar, acho que são o mais importante também para ti, é essa parte da linguagem. Sim, seria algo importante.

MR: Um exemplo?

MJ: Dentro da linguagem há várias áreas que nós podemos trabalhar, consciência fonológica, fonologia já é uma área da linguagem. E depois temos a área da morfossintaxe, não é?

AL: Isso é que ainda não explicámos. Dentro da linguagem temos isso. É importante saberes isso...

MJ: Ou seja, esta capacidade de linguagem que nós temos, pode dividir-se em várias áreas: a Fonologia, remetendo-se para a parte dos sons, Consciência Fonológica, tudo isso. Também temos a parte da Morfossintaxe, ou seja, a construção de frases. A parte da Semântica, que é o vocabulário que a criança tem, e a Pragmática, ou seja, a criança saber usar a linguagem no contexto. Por exemplo, pedir desculpa, chamar a atenção, fazer pedidos, e por exemplo, crianças com autismo ou com algum tipo de dificuldade em termos de interação não conseguem pedir as coisas. Muitas vezes fazem o quê? Pegam no adulto e arrastam até ao sítio. Ou que não conseguem estabelecer o contacto ocular, não conseguem olhar...

MR: Como é que tratam essas questões?

MJ: Essa parte da pragmática é também interessante.

AL: É um bocadinho difícil, porque muitas vezes nós temos de criar os contextos para conseguirmos que a criança obtenha a resposta. Por exemplo, nos mais pequeninos, esconder um objeto que eles queiram muito para ver se eles produzem algum som ou se fazem algum gesto para conseguir aquilo que desejam.

MJ: Essa parte da pragmática precisa muito desta parte da interação para... Lá está, criar estes contextos de modo a que a criança seja obrigada a...

AL: Por exemplo, imagina, comportamentos errados, o elas tentarem perceber o que é que fariam nessa situação.... Temos pouco material. Eu lembro-me, por exemplo, quando estive na unidade de crianças com perturbação de espectro de autismo, havia dias em que nós íamos mesmo ao contexto, ou íamos ao café, ou aos correios e criávamos certas atividades para elas darem volta, do género, sentávamo-nos todos e faltava uma cadeira, para ver o que é que elas faziam, porque elas não tinham a reação de ir buscar outra cadeira ou pedir outra cadeira, ficavam simplesmente ali... E se fosse preciso tínhamos de dizer “O que é que tens de fazer?” ou “Vai buscar uma cadeira”, porque elas não têm a reação. Isso conseguíamos criar. Tínhamos mesmo um dia estipulado para fazer isso. Aqui, com muito pouco tempo, é impossível... Às vezes o que é que acabamos por fazer? Pegar numa imagem que tenha imensas coisas e dizer “Olha, este menino quer ir à casa de banho. O que é que ele deve dizer?”

MJ: Ou “Este menino está triste, está a chorar. O que é que achas que lhe deves perguntar?”. Isso é um bocadinho a parte da pragmática.

MR: Ok... Sim, essa parte parece interessante. E acho que dá para transportar para um livro. Vocês utilizam o mesmo material em várias sessões? A mesma história...?

AL: Basicamente sim.

MR: Mas porque não têm material ou porque a criança não soube explicar no dia anterior e voltam a...

AL: Ah! Usar de uma sessão para a outra?

MR: Sim.

AL: É assim, depende... Pois, eu estava a perceber era se usávamos a mesma atividade com diferentes crianças, isso sim. Agora na mesma tentamos não fazermos sempre a mesma coisa, não é? Ou só fazer com algum intervalo. Mas isso também é um bocado relativo, porque imagina que nós não conseguimos terminar aquela atividade, ou...

MJ: Às vezes acaba por ficar para a outra semana e...

MR: Pois, exato.

AL: Estarmos sempre a usar a mesmo penso que não seja esse o propósito, pois queremos que consiga fazer um certo objetivo e o facto de usarmos constantemente o mesmo material para atingir esse objetivo não, normalmente não...

MJ: A não ser que seja uma coisa que a criança goste de fazer...

AL: Até porque eles lembram-se sempre e dizem “Olha, eu já fiz isso”.

MJ: Não dá para escapar. Lá está, a não ser que seja uma coisa que eles gostem bastante e adiram, aí, as vezes que forem necessárias até trabalharmos esse objetivo, senão tentamos sempre mudar.

AL: Nós aqui trabalhamos assim neste contexto e tem que ser um bocado assim.

MJ: E depois também não há tempo para fazermos material novo. Gostávamos muito, mas às vezes não há...

AL: Outra que não se fala muito é a metalinguagem. Isto é uma grande confusão, porque a metalinguagem acaba por ir a todas as

áreas. É a capacidade que as criança têm, já numa fase mais avançada, de refletir sobre a própria linguagem.

MJ: Por exemplo, a metamorfose sintaxe. “O João para a cama foi”. É a criança ter a capacidade, conhecendo já como se deve fazer uma frase, portanto, já tem a morfossintaxe adquirida, conseguir refletir sobre aquilo que ouviu. “Não, esta frase está mal, não deve ser assim, mas desta forma”.

AL: Por exemplo, nós temos a metalinguagem dentro da semântica, e portanto, em todas as áreas nós vamos ter metalinguagem. Nos 2/3anos não é exigido que eles consigam explicar o que é um carro. Não fazemos este tipo de pergunta. Aos 3 anos mostramos uma imagem e é exigido que a criança consiga dizer que aquilo é um carro, Por exemplo, não mostrar imagem nenhuma e pedir que me explique o que é um carro já é metalinguagem. Definição de palavras.

MJ: Ainda na pragmática, metapragmática, é pensar, por exemplo, “O menino que ir à casa de banho” mas em vez de dizer “casa de banho” dizer que quer ir, diz “Quero ir comer”. Aquilo que ele disse, naquele contexto que era para ir a casa de banho, está errado. Portanto, metapragmática é ter esta consciência, “Não, este menino disse isto, mas não devia ter dito tendo em conta o contexto”. Isto é pensar.

AL: E normalmente é sempre numa fase mais avançada.

MR: Aqui dentro da pragmática, que estamos a falar, seria mais entre que idades?

MJ: Dos 4 aos 5...

AL: Agora, sinceramente, um livro em que trabalhasses essa parte pegando numa história, por exemplo... lembro-me que utilizamos a história do *Pedro e o Lobo*. Aquele rapaz que faz uma asneira e conta várias mentiras. Nós trabalhamos um bocadinho essa história de modo a trabalhar a pragmática.

MJ: Mas estavas a pensar fazer uma coisa de raiz ou adaptar qualquer coisa?

MR: Pois, seria de raiz.

MJ: Pode ser uma história única, pode ser várias histórias...

AL: Ah, nós aqui na parte da pragmática às vezes também trabalhamos a parte das emoções.

MJ: Pensar o que pode estar a sentir...

MR: Através de imagens? De expressões...

MJ: Sim.

MR: Então, estas são as mais comuns, certo?

AL: Isto são as áreas da linguagem que nós trabalhamos. Claro que uma criança com qualquer tipo de perturbação vai ter dificuldades em tudo isso. Nós não falamos aqui sobre a parte da comunicação. Que é uma área... Não é a mesma coisa que linguagem.

MJ: Porque a linguagem é uma forma de comunicação. Eu até posso nem estar a usar linguagem, não falar, mas em termos de comunicação não verbal, gestos, olhares, posso dizer muita coisa e estou a comunicar na mesma.

AL: Pois, assim este tipo de histórias é um bocadinho para trabalhar também a parte... Bem, a comunicação é mais... Quando são coisas adaptadas são mais aqueles cadernos de comunicação, ou seja, eles utilizam aquilo e acho que não é esse o teu objetivo. Utilizam aquilo como meio de comunicação. Por exemplo, isto foi uma mãe que fez. E está muito básico, porque o menino também... Ele não produz nada. Agora já produz alguma coisa, diz “pão”, diz “bolacha”... Sabemos que a intenção dele é dizer aquilo.

MJ: O objetivo não é que ele comunique só através disto. É algo que potencie a fala.

AL: É como um estímulo. Isto é um bocadinho comunicação.

MR: Ele tem que idade?

AL: Ele tem 3 anos. Tem Síndrome de Down. O que nós fazemos aqui é, por exemplo, dizer “O João come o pão” (livro que a mãe fez). Tem as imagens dele. Eu não concordei muito. Eu queria outras imagens, mas a mãe não quis... Para mim seria mais interessante. Mesmo para lhe dar até outro nível de abstração, ou seja, ele generalizar um bocadinho. Mas pronto, isto assim é o que o nós consideramos a parte da comunicação. Temos tanto isto para crianças como para adultos. Muitas vezes usamos... Por exemplo, aqui o objetivo não é que ele comunique desta forma, é promover a parte da fala, ou seja, para lhe dar algum suporte, fazer com que consiga este vocabulário, que é o mais comum no dia a dia dele, isto é construído com os pais, ou seja a mãe é que sugeriu estes alimentos, porque são os mais comuns para eles, os animais que ele gosta e ainda falta aqui muito mais. Isto ficou a meio. Mas o objetivo era ter também, por exemplo, a roupa, o que ele costuma vestir, um bocadinho para trabalhar o vocabulário do dia a dia.

MR: Sim, era assim. O que estava a queres dizer com um livro interativo. Em que as crianças possam mexer, e trocar as coisas...

AL: Isto aqui, pronto, ele anda sempre a mexer para conseguir a frase. Mas é com o objetivo de dizer alguma coisa. Ou então, por exemplo, quando esta ideia foi sugerida era para, sempre que ele fosse comer alguma coisa dizer “O João come a bolacha”. Até está a resultar. Nele até está. Depois também usamos a mesma coisa para adultos. O teu, a paralisia cerebral, ele não produz nada, nem vai produzir possivelmente...

MJ: Só diz “mãe” e mesmo assim é muito mal dito...

AL: O objetivo aí já é mesmo ele comunicar com aquilo.

MJ: Existem alguns programas. Não sei se seria o teu objetivo. Até porque a parte da comunicação, de fazer estes livros, também tem que obedecer a certas regras, critérios...

MR: Pois, se calhar íamos mais para a linguagem... A pragmática é interessante e a da leitura... Mas isso é dentro da leitura e escrita, não é?

AL: Sim, porque nós temos realmente a linguagem, comunicação, leitura e escrita, que é outra área. Muitas vezes está tudo interrelacionado. Por vezes as crianças acabam por ter dificuldades na leitura e na escrita por alterações ao nível da linguagem. Ou também temos só aquelas que têm ao nível... Que são as dislexias. Não têm alterações ao nível da linguagem, só têm alterações ao nível da leitura e da escrita. Eu também não acho que seja uma má ideia...

MR: Leitura e escrita?

AL: Mas aí terias que pensar... Já não sei se seria assim tão interativo, ou seja, de poder mexer...

MR: Pois, se calhar aqui dentro da linguagem...

AL: Ou crias uma história, do tipo, alguém diz muitas mentiras e as crianças têm de perceber se estava a ser correto, se não estava, o que é que faria... Ou aquilo que estava a mostrar há bocado, aquilo das sequências, que é bocadinho isso, a seguir faz uma pergunta, que é “O que é que vai acontecer a seguir?” e no meio disto também aparece a parte das emoções, ou seja, o que é que acha que ele estava a sentir e ter que escolher. Aqui trabalhamos isso e também a parte da descrição. Agora, com uma história? Sinceramente não sei como é que tu...

MJ: Ou consegues arranjar uma história única com um enredo de modo a que se possam trabalhar várias coisas, ou então, para as crianças talvez seja mais apelativo pequenas histórias para dar um certo objetivo.

MR: Teria de pensar bem sobre o assunto...

AL: De patologias, nós temos autismo, surdez.... Surgem cada vez mais crianças que não têm nenhuma patologia base, ou nenhuma diagnosticada, e que simplesmente têm... Por exemplo, tenho um menino, o Pedro, que não está diagnosticado com nada, já se desconfiou ali de algum espetro de autismo, mas já se excluiu essa ideia e ele tem imensas dificuldades de interação. É a principal pragmática. Já está bem melhor, mas era daquelas crianças que fazia birras por tudo e por nada, não conseguia falar com as

peessoas, reagia de forma um bocadinho agressiva, não sabia fazer pedidos...

MR: E tem quantos anos?

AL: Tem 5.

AL: Acho que agora tens é de perceber realmente qual é a área que queres seguir. Aí fala um bocadinho.... Pronto, também temos outras áreas que não falámos, mas creio que não é interessante para um livro.

MR: Queria perguntar se havia possibilidade de assistir a alguma sessão.

MJ: Eu acho que sim, é só a questão de perguntarmos aos pais. Mas uma em que nós trabalhássemos especificamente a pragmática?

MR: Poderia ser ou outra.

MJ: Dentro também da faixa etária que tu irias trabalhar, não é?

MR: Eu estava aqui a pensar na dos 4/6 anos.

Apêndice D

Pedido de autorização para assistir às sessões de terapia da fala



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

AUTORIZAÇÃO

Pedido de Autorização

Sou a Marta Rosmaninho e, neste momento, encontro-me no último ano do curso de Mestrado em Design de Comunicação da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

O meu projeto final tem como título *Design editorial e interativo aplicado à terapia da fala* e com ele pretendo saber mais acerca desta disciplina – terapia da fala – e compreender de que forma pode o design de comunicação atuar nesta área. Para isso, criei um livro interativo e apelativo para as crianças que se encontram a frequentar sessões nesse âmbito, com o objetivo de estimular e captar a atenção desta faixa etária e, com isso, conseguir que o livro impresso se sobreponha, de certo modo, ao universo digital para que este se torne num objeto presente no desenvolvimento das suas vidas.

Para melhor compreender a dinâmica das sessões de terapia da fala, venho por este meio solicitar a sua autorização para assistir e, se possível, gravar as sessões do(da) seu(sua) educando(a).

Se assim o pretender, estarei disponível para assinar um termo de sigilo, garantindo assim que toda a informação por mim recolhida será utilizada apenas para o desenvolvimento do projeto.

Agradeço, desde já, a sua autorização pois esta apenas beneficiará a sessões terapêuticas de futuras crianças.

Marta Rosmaninho

Eu, _____, responsável pelo(a) paciente _____, autorizo a designer Marta Rosmaninho a assistir e gravar as sessões de terapia da fala.

Marta Rosmaninho

Apêndice E

Breve relatório das sessões assistidas de terapia da fala

Sessão no Assoalfra – Centro Social Dr. Francisco Sá Carneiro

Localização: Alfragide

Data: 26/09/2018

Hora: 10h

Paciente: Mafalda Lopes Sousa

Idade: 5 anos

Patologia: Semântica – Pragmática (contexto, explicar acontecimentos, responder a questões)

A Mafalda é acompanhada pela TF Leonor Castro há cerca de um ano e meio. Apresenta uma evolução demorada.

A paciente repete o que as pessoas dizem quando lhe fazem perguntas ou comentários. Tem muita dificuldade a explicar e não consegue dar um seguimento às ações. Apresenta um défice de atenção, é muito desatenta.

A TF realizou um exercício de colagens – ordenar 3 acontecimentos de acordo com a ação correta.

Exercícios

1. O cão está sujo – Porquê? O que esteve a fazer?
2. Foi tomar banho – Porquê? Está sujo.
3. O cão ficou limpo

São trabalhadas as questões de compreensão e sequência de acontecimentos.

É necessário estimular a criança a saber responder às questões “Porque está a tomar banho?” ou “Porque foi tomar banho?”

1. O menino tem o cabelo comprido (grande)
2. O menino foi cortar o cabelo – Porque é que o menino foi cortar o cabelo?
3. O menino ficou com o cabelo pequenino – Porque ficou com o cabelo pequenino?

1. A menina está a plantar sementes de flor
2. A menina está a regar as sementes – Porque está a regar as sementes?
3. As flores cresceram – Porque é que as flores cresceram?

Sessão na Escola Básica e Jardim de Infância Cesário Verde

Localização: Queijas

Data: 03/10/2018

Hora: 10h

Paciente: Pedro Alves

Idade: 5 anos

Patologia: Síndrome de Down

O Pedro tem dificuldade em dizer corretamente as palavras. Embora saiba identificar os objetos mostrados.

O Pedro fala muito baixo, como se estivesse a sussurar. É uma criança muito calma e pacífica, embora bastante inativa. Não compreende as instruções dadas.

Exercício 1

Objetos:

Cama, almofadas, mesa, cadeira, elefante (mãe), elefante (filha), cão, gato, copo, colher, faca, garfo

A TF Leonor pede para o Pedro fazer determinadas ações, como:

1. “Põe a filha (elefante) na mesa.”
2. “Põe a faca na cadeira”
3. “Deita o cão”
4. “Põe a mãe a dormir”

Exercício 2

São apresentadas várias imagens no computador.

A terapeuta diz e o Pedro tem de apontar para a imagem correspondente.

Exemplo de imagens:

Cavalo a comer a cenoura

Cavalo deitado

Apêndice F

Questionário para avaliação do projeto

Questionário – Avaliação do projeto

Nome:

Profissão:

Local:

Data:

1. Descreva a sua opinião relativamente aos aspetos formais do livro. (Exemplos: manuseamento, tamanhos, ilustrações, textos, etc).

2. Justifique a sua apreciação em relação aos aspetos de compreensão e conteúdo do livro. (Exemplos: adequação do conteúdo, compreensão, adequação dos elementos interativos/exercícios, etc).

3. Qual a sua opinião relativamente à experiência da criança com perturbações fonológicas perante a utilização do livro?

Obrigada!
Marta Rosmaninho

Apêndice G

Respostas dos inquiridos

Inquirido 1

Nome: Ana Madalena Cruz

Profissão: Terapeuta da Fala

Local: APPACDM Coimbra – CRI e Centro Pediátrico e Juvenil de Coimbra CPJC

Data: 14/09/2020

Respostas:

1. O livro é de manuseamento agradável, a grossura das folhas permite que sejam manuseadas facilmente e impedem que sejam rasgadas ou danificadas. O tamanho do livro é adequado e o tipo de letra do texto também. Talvez alterasse o tamanho do texto no interior do livro, aumentando-o.

As ilustrações e cores de todos os desenhos e letras estão agradáveis e adequadas ao público-alvo. O facto de terem sido introduzidos jogos na dinâmica do livro torna-o agradável de consultar.

2. A temática fonológica é bastante interessante para a Terapia da Fala. O facto de incluir pequenas histórias acaba por desenvolver o interesse da criança em histórias e prende as atenções, uma vez que estão sempre ansiosos para descobrir o que acontece. Os jogos e as formas de interação durante o livro são também vantajosas. O facto de variar o jogo em cada par de sons é também dinâmico e motivador. Na atividade da sopa, proponho apenas que seja criada uma roda no interior para seleccionar o som correto e uma roda exterior para cada imagem.

3. O livro é bastante agradável para a faixa etária escolhida (3-6

anos), as imagens e histórias são motivadoras para a leitura e permitem o desenvolvimento da temática das vogais.

As crianças com perturbação fonológica são facilmente atraídas por imagens que sejam de fácil associação aos sons alvo, e por essa razão a utilização da boca e do nariz para diferenciar é uma ajuda positiva, e desta forma acho que seria atraente para as crianças.

Inquirido 2

Nome: Ana Carina Reis dos Santos

Profissão: Terapeuta da Fala

Local: Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) da APPACDM de Coimbra e Clínica Naturalmed

Data: 14/09/2020

Respostas:

1. Quanto aos aspetos formais do livro, parece-me bastante bem conseguido e apelativo. Tamanho ideal, fácil manuseamento, ilustrações simples e apelativas para as crianças (animais), letra e tamanho da letra de fácil leitura. Destaco também as cores para salientar as letras/grafemas correspondentes às vogais orais e nasais.

2. Na minha opinião, os exercícios no próprio livro são um grande ponto forte, permitindo intervir e desenvolver competências, bem como motivando a criança para a atividade/ leitura do livro. Relativamente aos exercícios, sugiro para a atividade da vogal <a> pétalas soltas com as imagens de forma à criança fazer corresponder à flor correta (do género da atividade da vogal <e>). Proponho também que na atividade da vogal <o> a pista visual do nariz e da boca esteja tapada inicialmente para ser possível a criança pensar/refletir e posteriormente confirmar a resposta. Estas sugestões devem-se ao facto de algumas crianças serem bastante perspicazes e perceberem as respostas antes de refletir baseando-se nas pistas presentes.

O texto é escrito com rimas o que permite trabalhar outras

competências de consciência fonológica tornando-se mais completo.

Para além disso, o conteúdo é simples, sendo de fácil compreensão para as crianças. No entanto, apresenta também palavras/conceitos menos comuns, permitindo aumentar e explorar o vocabulário.

3. No geral, as crianças rejeitam os livros, associando a algo negativo. As crianças com dificuldades de linguagem especificamente com perturbação fonológica (que envolve sons), demonstram ainda mais barreiras perante a leitura de um livro, até porque muitas vezes a aquisição da leitura e da escrita fica comprometida (correspondência grafema- fonema).

Inquirido 3

Nome: Filipa Ramos Cerveira

Profissão: Terapeuta da Fala

Local: APPACDM (Coimbra) – CRI e Clínica de S. Miguel – Eiras

Data: 14/09/2020

Respostas:

1. O livro é fácil de manusear e tem um tamanho adequado. As ilustrações são apelativas, simples e têm um tamanho adequado. Os textos têm um bom tamanho e salienta-se a importância de demonstrar um contraste nas vogais escolhidas através da distinção de cores.

2. O conteúdo do livro é bastante pertinente uma vez que existem poucos livros interativos que possam ser usados e abordem este conteúdo. Ao nível da compreensão, é fácil de usar e penso que também é adequado para as educadoras de infância ou pais, sem ser necessário aplicar instruções previamente.

Nas páginas dos exercícios, deverá ser importante retirar a referência da pista visual (nariz – nasal; boca – oral) para não levar à resposta correta sem o pensamento crítico prévio. Esta

referência aparece nas atividades do A e do O. As atividades podem ser mantidas mas sem esta imagem (nariz/boca).

Nas páginas das atividades, no canto superior direito, poderá ser interessante introduzir a imagem dos animais correspondentes, ou fazê-lo de forma interativa. Por exemplo: ter os animais que aparecem no livro no final do mesmo e antes de se introduzir a atividade, a criança tem que dizer que animais aparecem na página anterior e colocá-los no som correspondente (abelha – som oral; andorinha – som nasal).

De forma geral os recursos interativos são muito interessantes e apelativos.

3. Penso que a utilização deste livro será um contributo importante para as crianças com perturbações fonológicas porque torna a aprendizagem mais apelativa e dinâmica. Este tipo de recursos são muito importantes na intervenção para cativar a criança e fomentar a adesão terapêutica.

Apêndice H

As histórias do livro *Vogais aos Pares*

a

Abelha e Andorinha

Numa tarde soalheira
A dona Abelha procurava
Uma linda floreira
Repleta do pólen que adorava.

Mas não é que pelo caminho
Encontrou uma Andorinha
Que não sabia do seu ninho
E se sentia tão sozinha?

Ave de viagem não se demora.
“Voa, jovem andorinha!”
Encorajou-a a dona abelha.
“Encontrarás a tua casinha.”

Que suave melodia
A que se ouviu no roseiral,
As duas em sintonia
Numa amizade sem igual.

e

Ena e Enguia

Não voa mas abana as asas,
Pois é muito vaidosa.
Espera que alguém lhe diga
“Ena Sofia, és mesmo jeitosa!”

Ela passeia-se no prado
De andar bamboleante,
E com o seu pescoço comprido
Até parece alguém importante.

Ao ver-se ao espelho no rio,
Enquanto admirava o seu focinho,
Salta de lá uma **Enguia**
Para lhe dar um beijinho.

Mas tanta vaidade
Valeu-lhe um grande susto.
A **Enguia** desapareceu
E ela arranhou-se no arbusto.

i

Hipopótamo e Índio

No **início** do **inverno**
O frio começa a **incomodar**
E o **Índio indeciso**
Decide **imigrar**.

No caminho **inclinado**
Encontra o **Hipopótamo inglês**
Que sentado **ia imaginando**
Quando chegaria a sua vez.

Os dois amigos **insatisfeitos**
Iniciam a caminhada severa
E chegando à ilha **iluminada**,
Parecia que já era **primavera**.

o

Ouriço e Lontra

Ouriço, pequeno **O**uriço,
Com o almoço estava a sonhar.
A cidade estava **longe**,
Mas devagarinho ia lá chegar!

Ao pé do **monte**,
A **Lontra tonta** apareceu,
Tinha um **chouriço** para o **Ouriço**
Que **prontamente** lhe **ofereceu**.

O **Ouriço** não **contava com** tamanha **bondade**.
Comeu o **chouriço** de uma só vez
E a **tonta** da **Lontra** não percebeu
O disparate que fez.

A **tonta** da **Lontra**,
O focinho **franzia**.
Ao ver o erro que cometeu,
Seguiu caminho de barriga vazia.

u

Urso e Atum

O Urso Ulisses
Que adorava **Atum**
Uniu esforços
Para encontrar **um**.

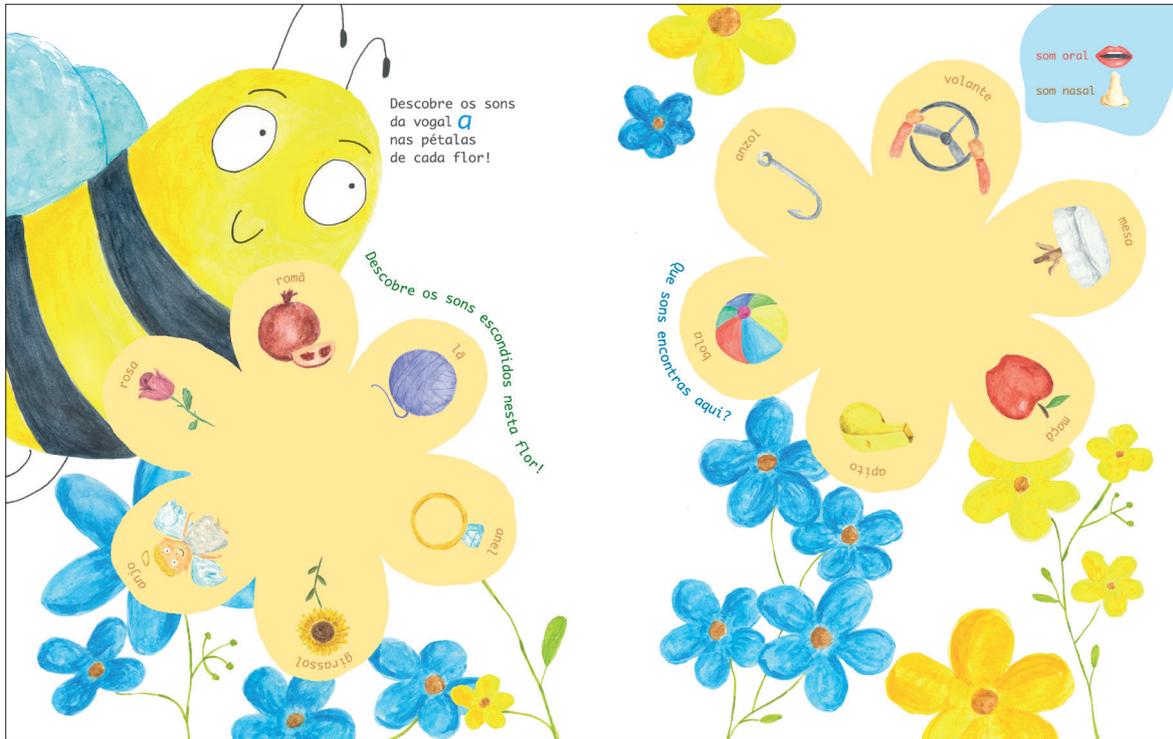
Pulou, pulou
Mas não viu **nenhum**.
E **no lago** parou
Pois teria de ficar em jej**um**.

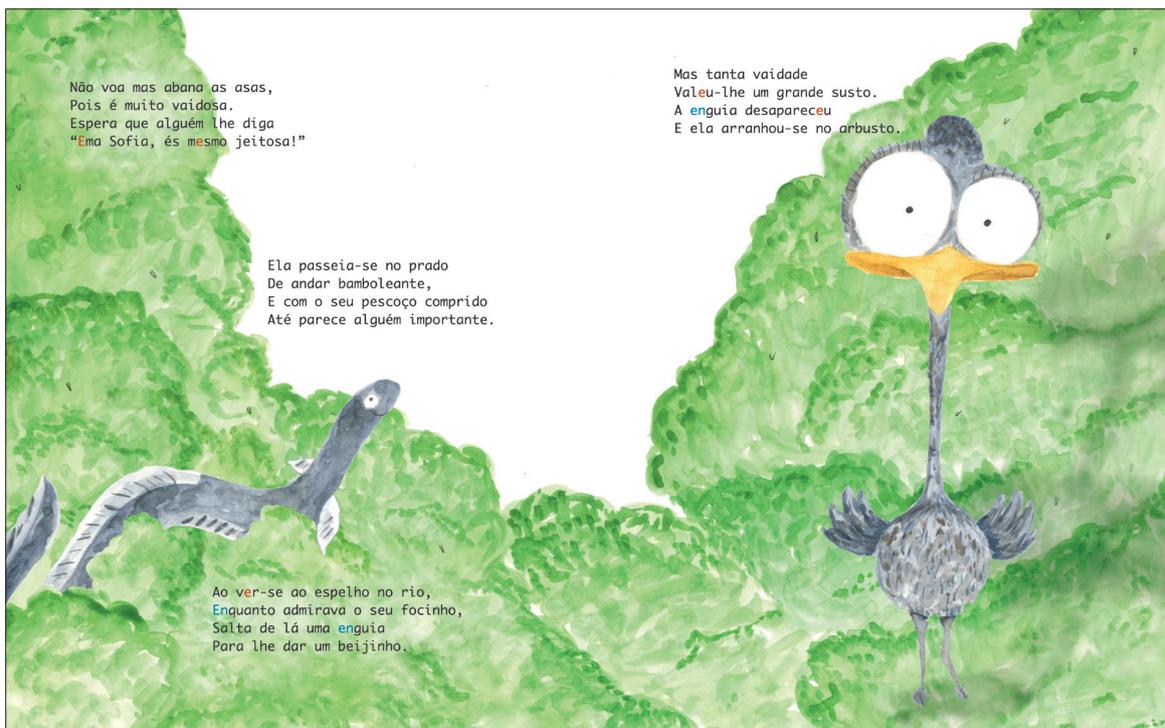
Ui, ui, ui
Começou a pular.
Tanto **Atum junto**
Lá ao **fundo** foi encontrar.

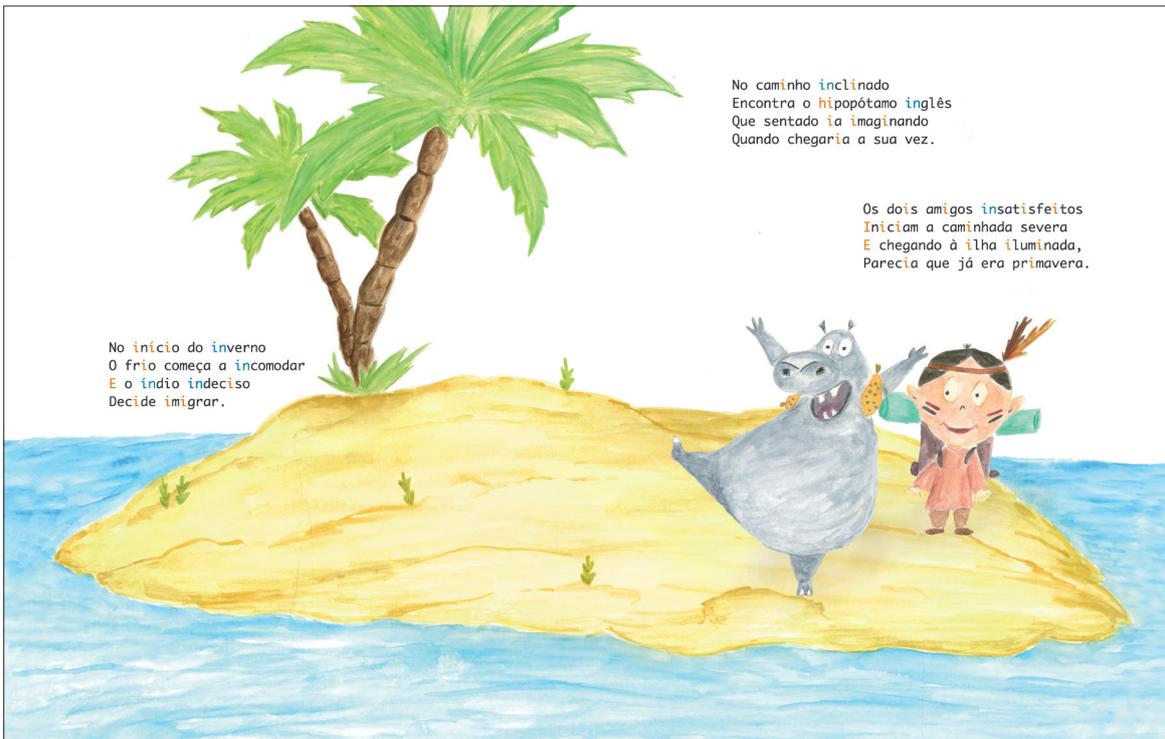
Apêndice I

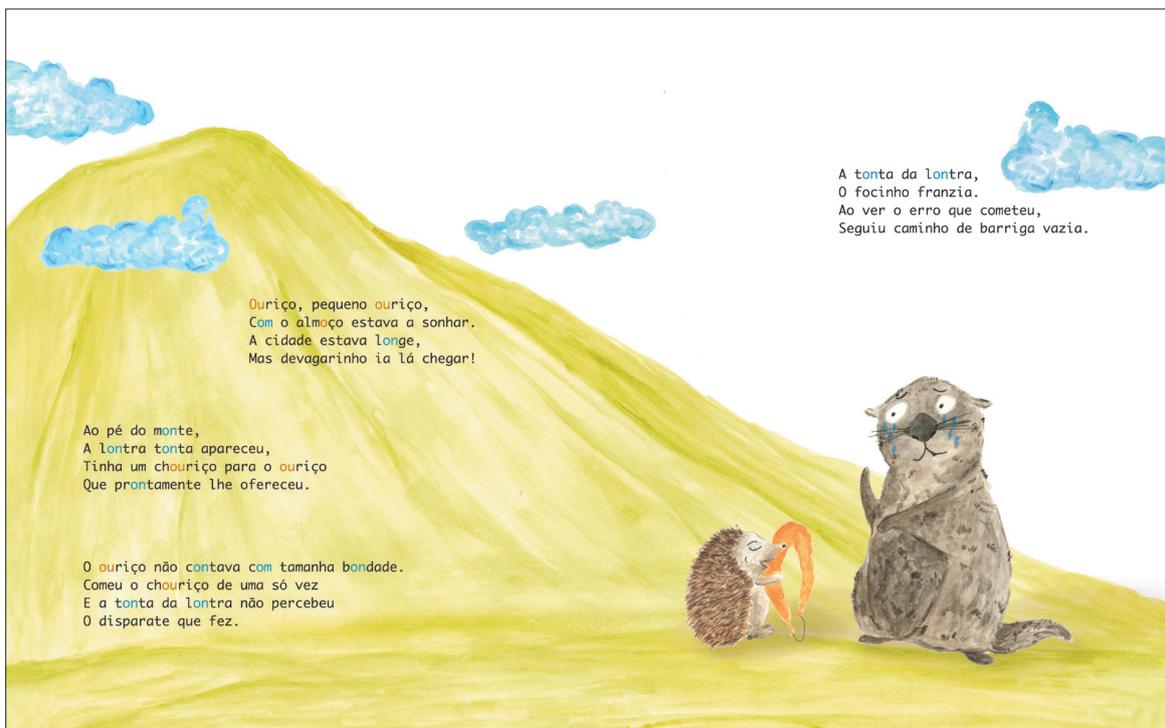
Desenhos finais para impressão das páginas e dos elementos interativos que compõem o livro *Vogais aos Pares*

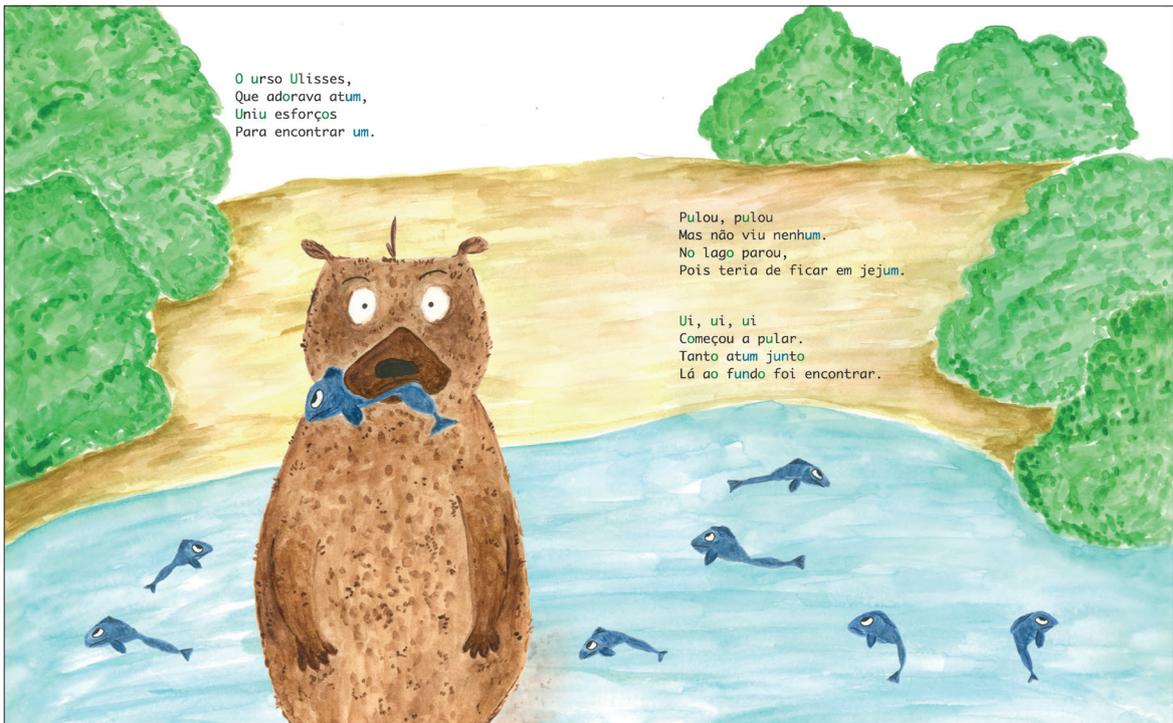












Escolhe as imagens corretas.
Quais correspondem ao som oral e ao som nasal da vogal **U**?

Qual é o som igual ao do atum?

A que som liga o urso?

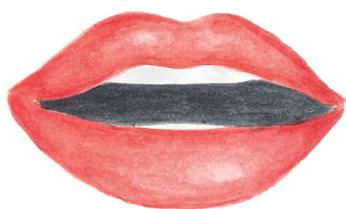
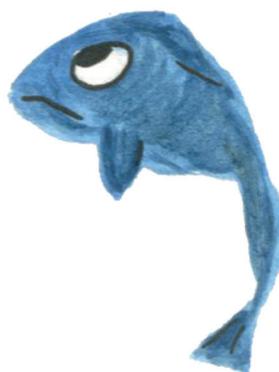
som oral

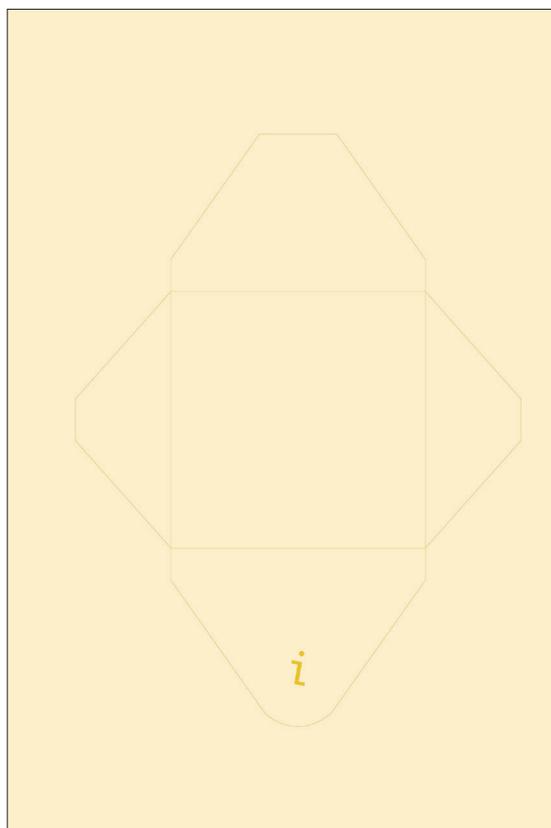
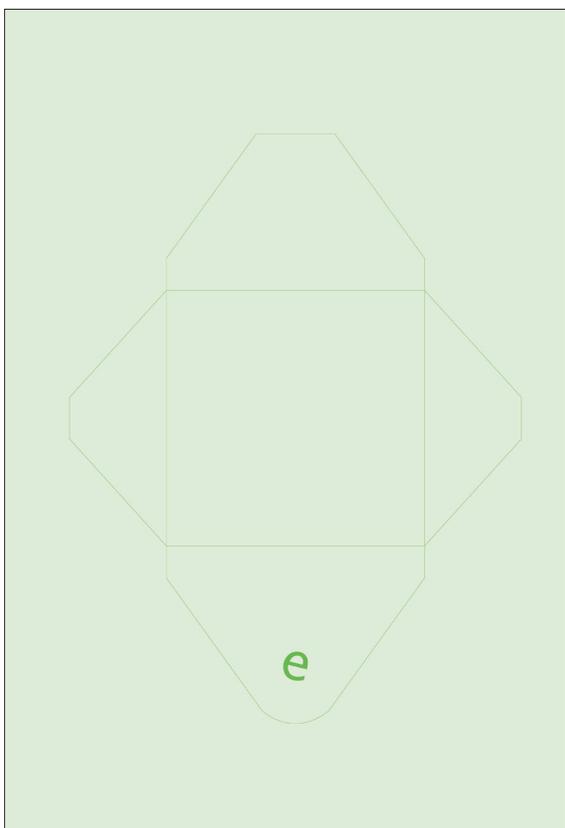
som nasal

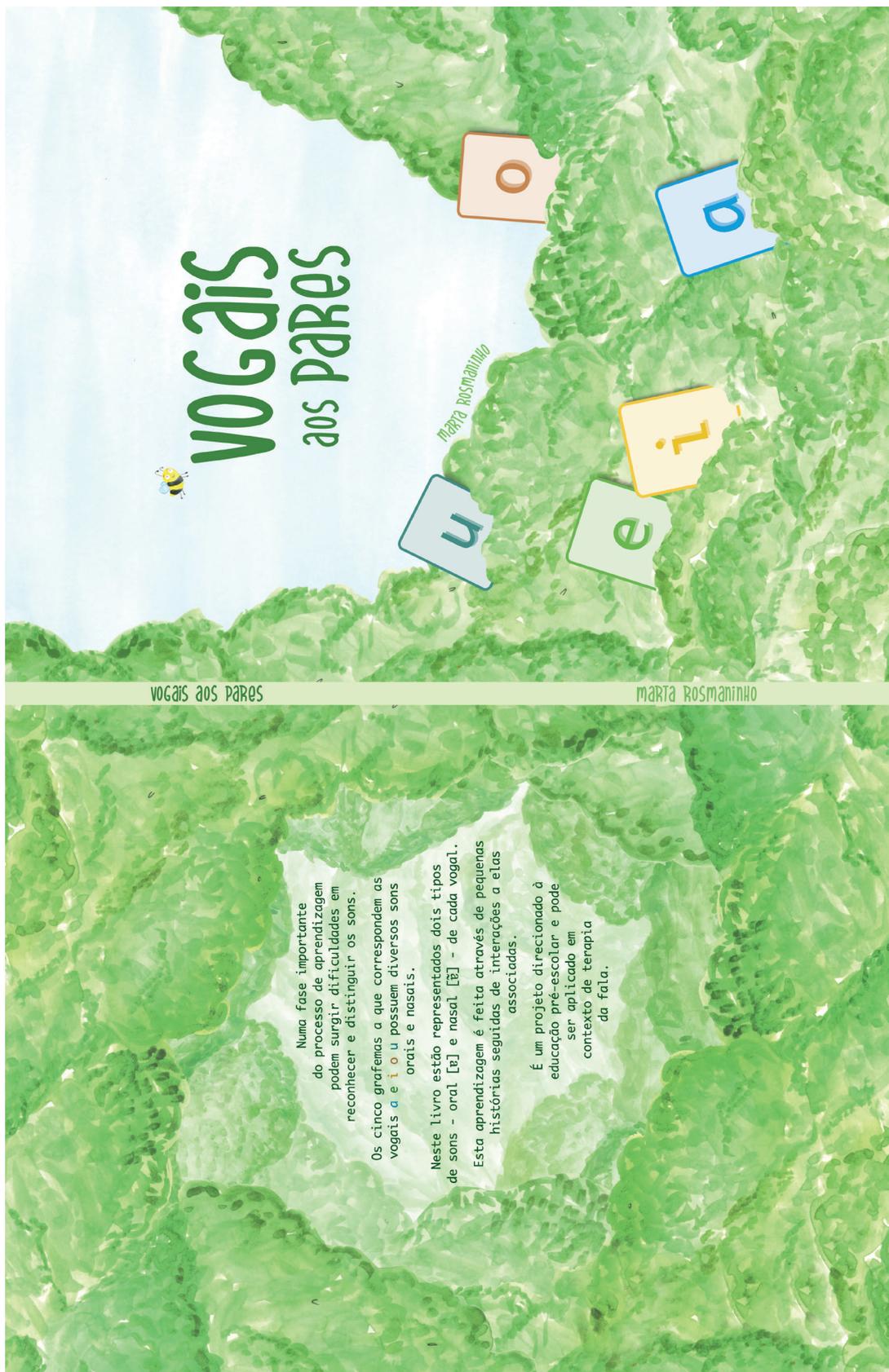
uvas	umbigo	unha	música	podium	rum
perguntas	lupa	um	lua	mundo	chuva











VOGAIS aos PARES

MARTA ROSMANINHO

VOGAIS aos PARES

MARTA ROSMANINHO

Numa fase importante do processo de aprendizagem podem surgir dificuldades em reconhecer e distinguir os sons.

Os cinco grafemas a que correspondem as vogais **a** **i** **o** **u** possuem diversos sons orais e nasais.

Neste livro estão representados dois tipos de sons - oral [ɐ] e nasal [ɐ̃] - de cada vogal.

Esta aprendizagem é feita através de pequenas histórias seguidas de interações a elas associadas.

É um projeto direcionado à educação pré-escolar e pode ser aplicado em contexto de terapia da fala.

